

RECTE
PONERE
OTIA



EX LIBRIS
JOÃO MARINHO

J.C.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Colua da Sibera

A

M O R E N I N A .



A

MORRINHIA

POR

Joaquim Manuel de Macedo

SEGUNDA EDIÇÃO COM CINCO ESTAMPAS

PUBLICADA POR

FERMIANO DUTRA E MELLO.

Trop occupé pour corriger,
Je vous livre mes rêveries.
.....
J'en fais pour me désennuyer.
GRESSET.



RETO DE JANTIERO

TYP. AMERICANA DE I. P. DA COSTA

RUA DA ALFANDEGA N.º 43.

1845.

DUAS PALAVRAS.

Eis ahi vão algumas paginas escriptas , ás quaes me atrevi a dar o nome de — romance. — Não foi elle movido por nenhuma d'essas tres poderosas inspirações que tantas vezes soem aparar as pennas dos authores : — gloria amor, e interesse — : d'este ultimo estou eu bem a coberto com meus vinte e tres annos de idade ; que não é na juventude que póde elle dirigir o homem : a gloria , só se andasse ella , cahida de suas alturas , rojando de azas quebradas , me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhal-a : a respeito do amor não fallemos ; pois, se me estivesse o buliçoso a fazer

cocegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia duzia de semanas aprendendo n'uma sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por ahí vai. Este pequeno romance deve sua existencia sómente aos dias de desenfado e folga, que passei no bello Itaborahy, durante as ferias do anno passado. Longe do bulicio da Côrte, e quasi em ocio, a minha imaginação assentou lá com sigio que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado d'ellas sahiu — a Moreninha. —

Dir-me-ão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausivel para vir eu maçar a paciencia dos leitores com uma composição balda de inrecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem?... quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito concluir-se-á que a Moreninha é minha filha: exactamente assim penso eu. Pode ser que me accusem por não tel-a conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições, e mostral-a depois digna do amor dos leitores: esse era meu

primeiro intento: a Moreninha não é a unica filha que possuo; tem tres irmãos, que pretendo educar com esmero: o mesmo faria a ella; porém esta menina sahiu tão travessa, tão impertinente que não pude mais soffrel-a no seu berço de carteira, e para ver-me livre d'ella venho deposital-a nas mãos do Publico, de cuja benignidade e paciencia tenho ouvido grandes elogios.

Eu pois conto que, não esquecendo a fama antiga, o Publico a receba, e lhe perdôe seus senões máos modos e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade; merece a compaixão que por ella imploro: mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenhão da ignorancia do pai, rogo que não os deixem passar por alto, accusem-os; que d'ahi tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãosinhos que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Ceo que ditosa sejas: nem por seres traquinas te estimo menos; e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho: —Recebe, filha, com gratidão a critica do homem

instruído; não chores, se com a unha marcarem o lugar em que tiveres mais notavel senão; e quando te disserem que por este erro ou aquella falta não és boa menina, jamais te arripies, antes agradece, e anima-te sempre com as palavras do velho poeta :

Deixa-te reprehender de quem bem te ama,
Que ou te aproveita, ou quer apróveitar-te.



A MORENINHA.

I.

Aposta imprudente.



—Bravo! (exclamou Felippe, entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho) bravo!... interessante scena! mas certo que deshonrosa fôra para casa de um estudante de medicina, e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo: — O habito não faz o monge. —

—Temos discurso!... attenção!... ordem!... (gritárão a um tempo tres vozes.)

—Cousa celebre! (acrescentou Leopoldo) Felippe sempre se torna orador depois de jantar.

—Edá-lhe para fazer epigrammas (disse Fabricio):

—Naturalmente, (acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no comprimento do recém-chegado) naturalmente, Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os medicos.

— *C'est trop fort!* (bocçou Augusto, espriguiçando-se no canapé, em que se achava deitado.)

— Como quizerem ; (continuou Felippe, pondo-se em habitos menores) mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomatica, vestido com esmero e alinhado, porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça de Leopoldo ; este, alli escondido dentro do seu robe-de-chambre côr de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada que, para não cahir com ella, põe em acção todas as leis do equilibrio, que estudou em Pouillet; acolá emfim o meu romantico Augusto em ceroulas, com as fraldas á mostra, estirado em um canapé em tão bom uso que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage. (*) Oh !... VV. SS. tomão café ?!... alli o Senhor descansa a chicara azul em um pires de porcelana.... aquelle tem uma chavana com bellos lavores dourados ; mas o pires é côr de rosa.... aquelle outro nem porcelana, nem lavores, nem côres azulou de rosa, nem chicara... nem pires.... aquillo é uma tigela em um prato.....

— Carraspana !... carraspana !... (gritárão os tres.)

— Oh moleque ! (proseguiu Felippe, voltando-se para o corredor) traze-me café, ainda que seja no pu-

(*) Allude ao tão conhecido epigramma de Bocage:

Quando a velha antiguidade
Por estas casas entrou,
Disse áquelle canapé
Sua benção, meu avô.

caro em que o côas ; pois creio que, a não ser a falta de louça, já teu senhor me teria offerrecido.

— Carraspana !.... carraspana !.....

— Sim, (continuou elle) eu vejo que vossês.....

— Carraspana !.... carraspana !....

— Não sei de nós quem mostra....

— Carraspana !.... carraspana !....

Seguirão-se alguns momentos de silencio ; ficarão os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogão o sizo: Felippe não fallava, por conhecer o proposito, em que estavam os tres, de lhe não deixar concluir uma só proposição ; e estes, porque esperavão vel-o abrir a boca para gritar-lhe — carraspana !—

Emfim foi ainda Felippe o primeiro que fallou, exclamando derepente :

— Paz ! paz !....

— Ah ! já ?.... (disse Leopoldo, que era o mais in-fluido.)

— Felippe é como o gallego ; (disse um outro) perderia tudo para não guardar silencio uma hora.

— Está bem ; o passado, passado: protesto não fallar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça de Leopoldo..... Estão no caso..... sim.....

— Heim !..... olha a carraspana.....

— Basta ; vamos a negocio mais serio : onde vão vossês passar o dia de Sanct'Anna ?.....

— Porque ?... temos patuscada ?.. (acudiu Leopoldo.)

— Minha avó chama-se Anna.

— Ergo.....

— Estou habilitado para convidal-os a vir passar a vespera e dia de Sanct'Anna com nosco na ilha de....

— Eu vou (disse promptamente Leopoldo).

— E dous (acudiu Fabricio).

Augusto só guardou silencio.

— E tu, Augusto?.... (perguntou Felippe.)

— Eu?.... eu não conheço tua avó.

— Ora sou seu criado; também eu não a conheço (disse Fabricio).

— Nem eu (acrescentou Leopoldo).

— Não conhecem a avó; mas conhecem o neto (disse Felippe).

— E demais, (tornou Fabricio) palavra de honra que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.

— Sim?.... que idade tem?

— Sessenta annos.

— Está fresquinha ainda.... Ora.... se um de nós a enfeitica, e se faz avô de Felippe!.....

— E ella que possui talvez seus duzentos mil cruzados; não é assim, Felippe?.... Olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar comigo, (disse Fabricio) juro que mais depressa diria o meu — recebo a vós — aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas toma-larguras da moda.

— Por quem são, deixem minha rica avó, e tratemos da patuscada: então tu vás, Augusto?

— Não.

— É uma bonita ilha.

— Não vou.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa, mas bem escolhida.

— Melhor para vossês.

— No domingo á noite teremos um baile.

— Estimo que se divirtão.

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa ?.... deixem-me. Vossês sabem o meu fraco, e cacem-me logo com elle. Moças!.... moças !.... confesso que dou o cavaco por ellas ; mas as moças me têm posto velho.

— É porque elle não conhece tuas primas (disse Fabricio).

— Ora o que poderão ser, senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas ?

— Então tuas primas são gentís ?.... (perguntou Leopoldo a Felippe.)

— A mais velha (respondeu este) tem dezeseite annos ; chama-se Joanna, tem cabellos negros, bellos olhos da mesma côr, e é pallida.

— Heim ?.... (exclamou Augusto, pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé, onde estava deitado) então ella é pallida ?....

— A mais moça tem um anno de menos: loura, de olhos azues, faces côr de rosa.... seio de alabastro.... dentes....

— Como se chama ?

— Joaquina.

— Ai meus peccados !.... (disse Augusto.)

— Vejão como Augusto já está enternecido.....

— Mas, Felippe, tu já me disseste que tinhas uma irmã.

— Sim ; é uma moreninha de quinze annos.

— Moreninha, diabo ?... (exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.)

— Está sabido.... Augusto não relaxa a patuscada.

— É que este anno já tenho pagodeado meu *quantum satis*, e, assim como vossês, tambem eu quero andar em dia com alguns Senhores, com quem nos é muito preciso estar de contas justas no mez de novembro.

— Mas a pallida ?.... a loura ?.... a moreninha ?....

— Que interessante terceto ! (exclamou Augusto com tom theatral) que collecção de bellos typos !.... uma joven de dezeseete annos, pallida.... romantica.... e portanto sublime: uma outra, loura.... de olhos azues.... faces côr de rosa.... e.... não sei que mais; emfim classica, e por isso bella: por ultimo uma terceira, de quinze annos.... moreninha, que, ou seja romantica ou classica, prosaica ou poetica, ingenua ou mysteriosa, hade por força ser interessante, travessa e engraçada ; e por consequencia qualquer das tres, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma petêca, de meu coração pitorra !...— Está tratado... não ha remedio.... Felippe, vou visitar tua avó. Sim ; é melhor passar os dous dias estudando alegremente n'esses tres interessantes volumes da grande

obra da natureza, do que gastar as horas, por exemplo, sobre um celebre Velpeau, que só elle faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina, do que todos os meirinhos reunidos fizerão, fazem e lião de fazer pelo mundo.

— Bella consequencia ! é raciocinio o teu, que faria inveja a um caloiro (disse Fabricio).

— Bem raciocinado.... não tem duvida ; (acudiu Felippe) então conto comtigo, Augusto.

— Dou-te palavra.... e mesmo porque eu devo visitar tua avó.

— Sim.... já sei...; isso dirás tu a ella.

— Mas vossês não têm reparado que Fabricio tornou-se amuado e pensativo, desde que se fallou nas primas de Felippe ?.....

— Disserão-me que elle anda enrabichado com minha prima Joanninha.

— A pallida !... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alferes com a loura.

— E tu, Augusto, queres por ventura requestar minha irmã ?...

— É possível.

— E de qual gostarás mais, da pallida, da loura, ou da moreninha ?.....

— Creio que gostarci principalmente de todas.

— Eil-o'ahi com a sua mania.

— Augusto é incorrigivel.

— Não ; é romantico.

— Nem uma cousa, nem outra ; é um grandissimo velhaco.

— Não diz o que sente.

— Não sente o que diz.

— Faz mais do que isso ; pois diz o que não sente.

— O que quizerem: serei incorrigivel, romantico, ou velhaco ; não digo o que sinto, não sinto o que digo, ou mesmo digo o que não sinto ; sou emfim máo e perigoso ; e vossês innocentes e anginhos : todavia eu a ninguem escondo os sentimentos que ainda ha pouco mostrei ; em toda a parte confesso que sou vo!uvel, inconstante, e incapaz de amar tres dias um mesmo objecto: verdade seja que nada ha mais facil do que me ouvirem um — eu vos amo — ; mas tambem a nenhuma pedí ainda que me desse fé ; pelo contrario digo a todas o como sou ; e se, apezar de tal, sua vaidade é tanta que se supponhão inesqueciveis, a culpa certo que não é minha. Eis o que eu faço ; e vós, meus caros amigos, que blazonais de firmeza de rochedo, vós jurais amor eterno cem vezes por anno a cem diversas bellezas.... vós sois tanto ou ainda mais inconstantes que eu ; mas entre nós ha sempre uma grande differença : — vós enganais, e eu desengano ; eu digo a verdade, e vós, meus Senhores, mentís..... —

— Está romantico !.... está romantico !.... (exclamárão os tres, rindo ás gargalhadas.)

— A alma que Deos me deu (continuou Augusto) é sensivel demais para reter por muito tempo uma mesma impressão. Sou inconstante, mas sou feliz na minha inconstancia ; porque, apaixonando-me tantas, não chego nunca a amar uma vcz.

— Oh !... oh !... que horror !... que horror !...

— Sim ; este sentimento que voto ás vezes a dez jovens n'um só dia, ás vezes n'uma mesma hora, não é amor cortamente. Por minha vida, interessantes Senhores, meus pensamentos nunca têm dama ; por que sempre têm damas : eu nunca amei.... eu não amo ainda.... eu não amarei jamais.

— Ah !.... ah !.... ah !... E como elle diz aquillo ? ! !

— Ou, se querem, precisarei melhor o meu programma sentimental ; lá vai : affirmo, meus Senhores, que meu pensamento nunca se occupou, não se occupa, nem se hade occupar de uma mesma moça 15 dias.

— E eu affirmo que segunda feira voltarás da ilha de.... loucamente apaixonado de alguma de minhas primas.

— Póde bem succeder que de ambas.

— E que todo o resto do anno lectivo passarás pela rua de.... duas e tres vezes por dia, sómente com o fim de vê-la.

— Assevero que não.

— Assevero que sim.

— Quem ?.... eu ?... eu mesmo passar duas e tres vezes por dia por uma só rua, por causa de uma moça ?... e para que ?.... para vê-la lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-se brandamente, quando eu para ella olhar, e depois fazer-me caretas, ao lhe dar as costas ?... para que ella chame as visinhas, que lhe devem ajudar a chamar-me tolo, pateta, basbaque, e namorado ?... Não, minhas bellas Senhoras da moda !... eu vos conheço bastante: amante apaixonado quando

vós vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos: fóra d'isto só queimarei o incenso da ironia no altar de vossa vaidade ; fingirei obedecer a vossos caprichos, e sómente zombarei d'elles: ah !... muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer—sois encantadora—está dizendo com sigo— elle me adora— emquanto eu digo tambem comigo—que vaidosa ! —

— Que vaidoso !.... te digo eu (exclamou Felippe).

— Ora esta não é má !... então vossês querem governar meu coração ?....

— Não ; porém eu torno a affirmar que tu amarás uma de minhas primas todo o tempo que fôr da vontade d'ella.

— Que mimos de amor são as primas d'este Sr !....

— Eu te mostrarei.

— Juro que não.

— Aposto que sim.

— Aposto que não.

— Papel e tinta: escreva-se a aposta.

— Mas tu me dás muita vantagem, e eu rejeitaria a menor: tens apenas duas primas ; é um numero de feiticeiras muito limitado: não sejam só ellas as unicas magas que em teu favor invoques para me encantar: meus sentimentos offendem talvez a vaidade de todas as bellas ; todas as bellas pois têm o direito de te fazer ganhar a aposta, meu valente campeão do amor constante!

— Como quizeres ; mas escreve....

— E quem perder ?....

— Pagará a todos nós um almoço no Pharoux (disse Fabricio).

— Qual almoço ! (acudiu Leopoldo) pagará um camarote no primeiro drama novo, que representar o nosso João Caetano.

— Nem almoço, nem camarote; (concluiu Felippe) se perderes, escreverás a historia da tua derrota ; se ganhares, escreverei o triumpho da tua inconstancia.

— Bem ! escrever-se-á um romance ; e um de nós dous, o infeliz, será o auctor.

— Augusto escreveu primeira, segunda e terceira vez o termo da aposta ; mas, depois de longa e vigorosa discussão, em que qualquer dos quatro fallou duas vezes sobre a materia, uma para responder, e dez ou doze pela ordem ; depois de se offerecerem quinze emendas, e vinte artigos additivos, cahiu tudo por grande maioria ; e entre bravos, apoiados, e applausos foi approvedo, salva a redacção, o seguinte termo:

No dia 20 de julho de 18.., na sala parlamentar da casa N.º... da rua de..., sendo testemunhas os estudantes Fabricio e Leopoldo, accordarão Felippe e Augusto, tambem estudantes, que se, até o dia 20 de agosto do corrente anno, o segundo accordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias, ou mais, será obrigado a escrever um romance, em que tal acontecimento confesse: e no caso contrario, igual pena soffrerá o primeiro accordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18... (Salva a redacção.)

Como testemunhas — Fabricio, e Leopoldo.

Accordantes — Felippe, e Augusto.

Ferao oito horas da noite quando se levantou a sessão.



II.

Fabricio em apuros.



A scena, que se passou, teve lugar n'uma segunda feira : já lá se forão quatro dias : hoje é sexta feira ; amanhã será sabbado ; não um sabbado como outro qualquer ; mas um sabbado, vespera de Sanct'Anna.

São dez horas da noite : os sinos tocárão a recolher. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo diante de seus olhos seis ou sete livros, e papeis, pennas, e toda essa serie de cousas que compõem a familia do estudante.

E' inutil descrever o quarto de um estudante : ahi nada se encontra de novo : ao muito acharão uma estante, onde elle guarda os seus livros ; um cabide, onde pendura a casaca ; o moringue, o castiçal, a cama, uma até duas canastras de roupa, o chapéo, a bengala, e a bacia ; a mesa onde escreve, e que só

apresenta recommendavel a gaveta, cheia de papeis, de cartas de familia, de flores e fitinhas mysteriosas : — é pouco mais ou menos assim o quarto de Augusto.

Agora elle está só : ás sete horas d'esse quarto sairão tres amigos,—Felippe, Leopoldo, e Fabricio—; tratárão da viagem para a ilha de.... no dia seguinte, e retirárão-se descontentes ; porque Augusto não se quiz convencer de que deveria dar um ponto na clinica para ir com elles ao amanhecer : Augusto tinha respondido : — Ora vivão ! bem basta que eu faça gazeta na aula de partos : não vou senão ás dez horas do dia. —

E pois despirão-se amuados. Fabricio queria ainda demorar-se, e mesmo ficar com Augusto ; mas Leopoldo e Felippe o levárão com sigo á força. Fabricio fez-se acompanhar do moleque, que servia Augusto ; porque, dizia elle, tinha papel de importancia a mandar.

Erão dez horas da noite, e nada de moleque. Augusto via-se atormentado pela fome, e Raphael, o seu querido moleque, não apparecia.... o boim Raphael, que era ao mesmo tempo seu cosinheiro, limpa-botas, cabelleireiro, moço de recados, e.... e tudo o mais que as urgencias mandavão que elle fosse.

Com justa razão portanto estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava—Veirão isto !.... já tocou a recolher, e Raphael está ainda na rua ! se cai nas unhas de algum beleguim, não é de certo o Sr. Fabricio quem hade pagar as despesas da

Casa de Correção... e pobre do Raphael ! que cavaco não dará, quando lhe raparem os cabellos ! —

Mas n'esse momento ouviu-se tropel na escada.... — era Raphael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá enquanto Augusto lia a carta. Eil-a aqui :

— “Augusto. Demorei o Raphael porque era longo o que tenho de escrever-te : melhor seria que eu te fallasse ; porém bem viste as impertinencias de Felipe e Leopoldo : felizmente acabão de deixar-me : que macistas !... Principio por dizer-te que tẽ vou pedir um favor, do qual dependerá o meu prazer e socego na ilha de.... Conto com a tua amizade, tanto mais que forão os teus principios que me levárão aos apuros em que ora me vejo : eis o caso : —

Tu sabes, Augusto, que, concordando com algumas de tuas opiniões a respeito de amor, sempre entendi que uma namorada é traste tão essencial ao estudante, como o chapço com que se cobre, ou o livro em que estuda : concordei mesmo algumas vezes em dar batalha a dous e tres castellos a um tempo ; porém tu não ignoras que a semelhante respeito estamos discordes no mais : tu és ultra-romantico, e eu ultra-classico.

O meu systema era este: —1.^o Não namorar moça de sobrado. D'aqui tirava eu dous proveitos ; a saber : — não pagava o moleque para me levar recados, e dava socegradamente, e á mercê das trevas, meus beijos por entre os postigos das janellas. — 2.^o Não requestar moça endinheirada. Assim eu não ia

ao theatro para vel-a, nem aos bailes para com ella dançar, e poupava os meus cobres. — 3.º Fingir ciu-
mes, e ficar mal com a namorada em tempo de festas
e barracas no Campo. E por tal modo livrava-me de
pagar doces, festas, e outras impertinencias.

Estas erão as bases fundamentaes do meu systema.

Ora tu te lembrarás que bradavas contra o meu
procceder, como indigno da minha categoria de estu-
dante ; e, apezar de me ajudares a comer bellas empa-
das, quitutes apimentados, e finos doces, com que as
bellas pagavão por vezes minha assiduidade amanteti-
ca, tu exclamavas:—Fabricio ! não convém taes amo-
res ao joven de letras e de espirito. O estudante deve
considerar o amor como um excitante, que desperte
e atée as faculdades de sua alma : póde mesmo amar
uma moça scia e estúpida, comtanto que sua imagi-
nação lh'a represente bella e cspirituosa. Em amor
a imaginação é tudo : é ardendo em suas chammas,
é elevado nas azas dẽ seus delirios que o mancebo se
faz poeta por amor. —

Eu então te respondia : — Mas, quando as cham-
mas se apagam, e as azas dos delirios se desfazem, o
poeta por amor não tem, como eu, nem quitutes nem
empadas. —

E tu me tornavas: — E' porque ainda não experi-
mentaste o que nos prepara o que se chama — amor
platonico — paixão romantica ! — Ainda não sentiste
como é bello derramar-se a alma toda inteira de um
joven na carta abrazadora que escreve á sua adora-
da, e receber em troco uma alma de moça, derrama-

da toda inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beijão. —

Ora esses derramamentos de alma bastante me assustavão; porque eu me lembro que em Pathologia se trata mui seriamente dos derramamentos.

Mas tu proseguias: — E depois, como é sublime deitar-se o estudante no solitario leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella, que lhe vela no pensamento, ou despertar ao momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos labios voluptuosos beijos! —

Ainda estes argumentos me não convencião sufficientemente; porque eu pensava: — 1.º, que essa imagem que vela no pensamento não será a melhor companhia possivel para um estudante, principalmente quando ella lhe velasse na vespera de alguma sabbatina; 2.º, porque eu sempre acho muito mais apreciavel sorver os beijos voluptuosos por entre os postigos de uma janella, do que sorvel-os em sonhos, e acordar com agua na boca: beijos por beijos, antes os reaes que os sonhados.

Além d'isto, no teu systema nunca se falla em empadas, doces, petiscos, etc.; e no meu elles apparecem; e tu, apezar de romantico, nunca viraste as costas, nem fizeste má cara a esses despojos de minhas batalhas.

Mas emfim, maldita curiosidade de rapaz! eu quiz experimentar o amor platonico, e dirigindo-me certa noite ao theatro de S. Pedro de Alcantara, disse entre mim — esta noite hei de entabolar um namoro romantico. —

Agora sim, começará o nosso telegrapho a trabalhar (disse eu comigo mesmo, erguendo-me para tornar-me mais saliente).

Porém, nova desgraça ! mal me tinha levantado, quando a moça ergueu-se por sua vez, e retirou-se para o interior do camarote, sem dizer porque, nem porque não.

— Isto só pelo diabo ! (exclamei involuntariamente, batendo com o pé com toda a força.)

— O Senhor está doudo ?... (disse-me gemendo, e fazendo uma careta horrível, o meu companheiro da esquerda.)

— Não tenho que lhe dar satisfações (respondi-lhe amuado).

— Tem, sim, Senhor (retorqui-me o sujeito, empinando-se).

— Pois que lhe fiz eu então ?... (acudi, alterando-me.)

— Acaba de pisar-me com a maior força no melhor callo do meu pé direito.

— Oh Senhor ! queira perdoar !...

E dando mil desculpas ao meu homem, sahi para fóra do theatro, pensando no meu amor.

Confesso que deveria ter notado que a minha paixão começava debaixo de mãos auspicios ; mas a minha má fortuna, ou melhor os teus máos conselhos me empurravão para diante com força de gigante.

Sem pensar no que fazia, subi para os camarotes, e fui dar comigo no corredor da quarta ordem: passei junto do camarote de minhas attenções ; era o

N.º 3 (numero symbolico, cabalístico, e fatal ! Repara que em tudo segui o romantismo) : a porta estava cerrada ; fui ao fim do corredor, e voltei de novo: um pensamento exquisito e singular acabava de me brilhar na mente : abracei-me com elle.

Eu tinha visto á porta N.º 3 um moleque com todas as apparencias de ser bellissimo — cravo da India — : ora, lembrava-me que n'esse camarote a minha querida era a unica que se achava vestida de branco, e pois eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido. Avancei portanto para o moleque.

Ah ! maldito crioulo ! estava-lhe o todo dizendo o para que servia !... Pinta na tua imaginação, Augusto, um crioulinho de 16 annos, todo vestido de branco ; com uma cara mais negra e mais lustrosa do que um botim envernizado, tendo dous olhos bellos, grandes, vivissimos, e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo ; com labios grossos e côr de nacar, occultando duas ordens de finos e claros dentes, que farião inveja a uma Bahiana ; dá-lhe a ligeireza, a inquietação, e rapidez de movimentos de um macaco, e terás feito idéa d'esse diabo de azeviche, que se chama Tobias.

Não me foi preciso chamal-o: bastou um movimento de olhos para que o Tobias viesse a mim, rindo-se maliciosa e desavergonhadamente. Levei-o para um canto.

— Tu pertences áquellas Senhoras que estão no camarote a cuja porta te encostavas ?... (perguntei.)

— Sim, Senhor ; (me respondeu elle) e ellas morão na rua de... N.º... ao lado esquerdo de quem vai para cima.

— E quem são ?...

— São duas filhas de uma Sra. viuva, que tambem ali está, e que se chama a Illma. Sra. D. Luiza : o meu defunto senhor era negociante, e o pai de minha senhora é padre.

— Como se chama a Senhora que está vestida de branco ?...

— A Sra. D. Joanna : tem 17 annos, e morre por casar.

— Quem te disse isso ?...

— Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, meu Senhor.

— Como te chamas ?...

— Tobias, escravo de meu Senhor, crioulo de qualidades ; fiel como um cão, e vivo como um gato.

O maldito do crioulo era um classico a fallar portuguez ! eu continuei :

— Has de levar um recado á Sra. D. Joanna.

— Prompto, lesto, e agudo (respondeu-me o moleque).

— Pois toma sentido.

— Não precisa dizer duas vezes.

— Ouve : das duas uma ; ou poderás fallar com ella hoje, ou só amanhã....

— Hoje.... agora mesmo.

— Como diabo ?....

— N'estas cousas o Tobias não cochila: com licença

de meu Sr., eu cá sou doutor n'isto: meus parceiros me chamão orelha de cesto, pé de coelho, e boca de taramela. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha Sra. sabe tudo: o recado de meu Senhor é uma carambola, que, batendo no meu ouvido, vai logo bater no da Sra. D. Joanninha.

— Pois dize-lhe que o moço que se sentar na ultima cadeira da 4.^a columna da superior, que assoarse com um lenço de seda verde quando ella para elle olhar, se acha loucamente apaixonado de sua belleza, &c., &c., &c., &c.

— Sim, Senhor; eu já sei o que se diz n'essas occasiões: o discurso fica por minha conta.

— E amanhã ao anoitecer espera-me na porta de tua casa.

— Prompto, lesto, e agudo (repetiu de novo o crioulo).

— Eu recompensar-te-ei, se fores fiel.

— Mais prompto, mais lesto, e mais agudo.

— Por agora toma estes cobres.

— Oh! meu Sr! promptissimo, lestissimo, e agudissimo.

Voltei á sala do theatro, não sem admirar a viveza, experiencia, e talento do maldito crioulo.

Ignoro de que meios se serviu o Tobias para executar a sua commissão; o que sei é que, antes de começar o 2.^o acto, já eu havia feito o meu signal; e então comecei a pôr em acção toda a mimica aman-tetica que me lembrou: o namoro estava entabola-do, embora a moça não correspondesse aos signaes

do meu telegrapho, concedendo-me apenas amiudados e curiosos olhares : isso era já muito para quem a via pela primeira vez.

Finalmente, Senhor Augusto dos meus peccados, o negocio adiantou-se, e hoje tarde me arrependo, e não sei como me livre de semelhante entaludela ; pois o Tobias não me sai da porta. Já não tenho tempo de exercer o meu classismo ; ha tres mezes que não como empadas, e, apesar de minhas economias, ando sempre com as algibeiras a tocar matinas. Para maior martyrio, a minha querida é a Sra. D. Joanna.... prima de Felippe !

Para comprehenderes bem o quanto soffro, aqui te escrevo algumas das principaes exigencias da minha amada romantica.

Primo. — Devo passar por defronte de sua casa duas vezes de manhã, e duas de tarde. Aqui, vês bem, principia a minha vergonha ; pois não ha pela visinhança gordurento cacheirinho nenhum, que se não ria nas minhas barbas quatro vezes por dia.

Secundo. — Devo escrever-lhe pelo menos quatro cartas por semana, em papel bordado, de custo de 400 rs. a folha. Ora isto é detestavel ; porque eu não sei onde vá buscar mais cruzados para comprar papel, nem mais asneiras para lhe escrever.

Tertio. — Devo tratá-la por —minha linda prima—, e ella a mim por — querido primo. — D'aqui concluo que a Sra. D. Joanna já leu o Faublas : — boa recommendação !...

Quarto. — Devo ir ao theatro sempre que ella for,

o que succede quatro vezes no mez : o mesmo a respeito dos bailes. Esta despeza arrasa-me a mezada terrivelmente.

Quinto. — Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da côr da fita que ella porá em seu vestido ou no cabello, o que com antecedencia me é participado. Isto é um despotismo detestavel !...

Finalmente, ella quer governar os meus cabellos, as minhas barbas, a côr de meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço ; e por ultimo ordenou-me que não fumasse charutos de Havana, nem de Manilha ; porque era isso falta de patriotismo !...

Para bem rematar o quadro das desgraças que me sobrevierão com a tal paixão romantica que me aconselhaste, D. Joanna, dir-te-ei, mostra amar-me com extremo, e, no meio de seus caprichos de menina, dá-me provas do mais constante e desvelado amor. Mas que importa isso, se eu não posso pagar-lhe com gratidão ?.... Vossês com seu romantismo, a que me não posso accomodar, a chamarião — pallida — ; eu, que sou classico em corpo e alma, e que portanto dou ás cousas o seu verdadeiro nome, a chamarei sempre — amarella. —

Malditos romanticos, que têm chrisnado tudo, e trocado em seu crhismar os nomes que melhor exprimem as idéas !.... O que outr'ora se chamava em bom portuguez — moça feia — os reformadores dizem — menina sympathica. — O que n'uma moça era antigamente — descxabimento — hoje é ao contrario —

sublime languidez.—Já não ha mais — meninas importunas e vaidosas —; as que o forão chamão-se agora — espirituosas. — A escola dos românticos reformou tudo isso, em consideração ao bello sexo.

E eu, apesar dos tratos que dou á minha imaginação, não posso deixar de convencer-me que a minha — linda prima — é, aqui para nós, amarella e feia como uma convalescente de febres perniciosas.

O que porém se torna sobretudo insoffrivel é o despotismo que exerce sobre mim o bregeiro do Tobias !.. Entende que todos os dias lhe devo dar dinheiro, e persegue-me por maneira tal que, para ver-me livre d'elle, escorrego-lhe os — cum quibus —, a despeito da minha má vontade.

O Tobias está no caso de muitos, que, grandes e excellentes parladores, são pessimos financeiros na prática. Como elles fazem ao Paiz, faz Tobias comigo, que sempre depois de longo discurso me apresenta um — deficit — e pede-me um crédito suplementar.

Eis aqui, meu Augusto, o lamentavel estado em que me acho. Lembra-te que forão os teus máos conselhos que me obrigárão a experimentar uma paixão romantica : portanto, não só por amizade, como por dever, conto que me servirás no que te vou propôr.

Eu preciso de um pretexto mais ou menos razoavel para descartar-me da tal — pallida. —

Ella vai passar com nosco dous dias na ilha de... Ahi podemos levar a effeito, e com facilidade, o meu plano: elle é de simples comprehensão e de facil execução.

Tu deverás requestar, principalmente á minha vista, a tal minha querida: ainda que ella não te corresponda, persegue-a. Não te custará muito isso, pois que é o teu louvavel costume. N'isto se limita o teu trabalho, e começará então o meu, que é mais importante.

Ver-me-ás enfadado; talvez que te trate com insipidez, e que te dirija alguma — graça pesada —. Não farás caso, e continuarás com a requesta para diante.

Eu então irei ás nuvens.... desesperado.... ciumento, e delirante, aproveitarei o primeiro instante em que estiver a sós com D. Joanninha, farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubildade das mulheres; e no meio de meus furores dou-me por despedido de meus amores com ella, e pulando fóra da tal paixão romantica, correrei a apertar-te contra meu peito, como teu amigo e collega do coração. — FABRICIO.”

— E esta !... (exclamou Augusto, depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma boa pitada de rapé de Lisboa.) — E esta !...

Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doudo. Rir-se-ia a noite inteira talvez, se não fosse interrompido pelo bom Raphael, que o vinha chamar para tomar chá.



III.

Manhã do sabbado.



Serião pouco mais ou menos onze horas da manhã, quando o batelão de Augusto abordou á ilha de..... Embarcando ás dez horas, elle designou ao seu palinuro o lugar a que se destinava, e deitou-se para ler mais á vontade o *Jornal do Commercio*. Soprava vento fresco, e muito antes do que suppunha, Augusto ergueu-se ouvindo a voz de Leopoldo, que o esperava na praia.

— Bem vindo sejas, Augusto ; não sabes o que tens perdido.

— Então..... muita gente, Leopoldo ?...

— Não : pouca ; mas escolhida.

No entanto Augusto pagou, e despediu o seu bateleiro, que se foi remando e cantando com seus companheiros. Leopoldo deu-lhe o braço, e emquanto

por uma bella avenida, orlada de coqueiros, se dirigião á elegante casa que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante recémchegado examinava o lindo quadro que a seus olhos tinha, e que, para não ser prolixo, daremos d'ellê idéa em duas palavras.

A ilha de..... é tão pitoresca como pequena: a casa da avó de Felippe occupa exactamente o centro d'ella: a avenida por onde ião os estudantes a divide em duas metades, das quaes a que fica á esquerda de quem desembarca está symetricamente coberta de bellos arvoredos, estimaveis ou pelos fructos de que se carregão, ou pelo aspecto curioso que offerecem: a que fica á mão direita é mais notavel ainda: fechada do lado do mar por uma longa fila de rochedos, e no interior da ilha por negras grades de ferro, está adornada de mil flores, sempre brilhantes e viçosas; graças á eterna primavera d'esta nossa boa terra de Sancta Cruz. De tudo isto se conclue que a avó de Felippe tem no lado direito de sua casa um pomar, e no esquerdo um jardim.

E fizemos muito bem em concluir depressa, porque Felippe acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer, e o faz entrar immediatamente para a sala.

Agora outras duas palavras sobre a casa: imagine-se uma elegante sala, de cincoenta palmos em quadro; aos lados d'ella dous gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos aromas que exhala, espelhos que brilhão, e um não sei que que insinua, está dizendo que é gabinete de

moças ; imaginc-se mais, fazendo frente para o mar, e em toda a extensão da sala e dos gabinetes, uma varanda terminada em arcos ; no interior meia duzia de quartos ; depois uma alegre e longa sala de jantar, com janellas e portas para o pomar e jardim ; e ter-se-á feito da casa a idéa que precisamos dar.

Pois bem : Augusto apresentou se. A sala estava ornada com uma boa duzia de jovens interessantes : pareceu ao estudante um jardim cheio de flores, ou o Céu semeado de estrellas. Verdade seja que, entre esses — orgulhos — da idade presente, havia tambem algumas rugosas representantes do tempo passado ; porém isso ainda mais lhe sanciona a propriedade da comparação, porque ha muitas rosas murchas nos jardins, e estrellas quasi obscuras no firmamento.

Felippe apresentou o seu amigo a sua digna avó, e a todas as outras pessoas que ahi se achavão. Não ha remedio senão dizer alguma cousa sobre ellas.

A Sra. D. Anna (este o nome da avó de Felippe) é uma Sra. de espirito e alguma instrucção : em consideração a seus sessenta annos, ella dispensa tudo quanto se poderia dizer sobre seu physico ; em summa, cheia de bondade e de agrado, ella recebe a todos com o sorriso nos labios : seu coração se póde talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado á querida neta, a irmã de Felippe ; e ainda mais, seu affecto para com essa menina não se limita á doçura da amizade ; vai ao ardor da paixão. Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a innocente criança tinha,

assim como Felippe, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremosa mãe.

Ao lado da Sra. D. Anna estavam duas jovens, cujos nomes se adivinharão facilmente: uma é a — pallida —, a outra a — loura —: são as primas de Felippe.

Ambas são bonitinhas; mas, para Augusto, D. Quinquina tem as feições mais regulares; achou-lhe mesmo muita harmonia nos cabellos louros, olhos azues, e faces coradas, confessando todavia que as negras madeixas e rosto romantico de D. Joanninha fizeram-lhe uma brecha terrivel no coração.

Além d'estas, algumas outras senhoras ahi estavam, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar. Toda a difficuldade porém está em pintar aquella mocinha que acaba de sentar-se pela sexta vez depois que Augusto entrou na sala: é a irmã de Felippe. Que beija-flor! ha cinco minutos que Augusto entrou, e em tão curto espaço já ella sentou-se em seis differentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéo de Leopoldo mais de duas onças d'agua de colonia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Felippe, e Augusto a surpreendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconsequente e ás vezes engraçada; viva, curiosa e em algumas occasiões impertinente, o nosso estudante não pôde dizer com precisão, nem o que ella é, nem o que não é; acha-a estouvada, caprichosa, e mesmo feia, e pretende tratá-la com seriedade e estudo, para nem desgostar a dona da casa, nem se subjeitar a soffrer as impertinencias e traves-

suras que a todo o momento a vê praticar com os outros. Emfim, para acabar de uma vez esta já longa conta das senhoras que se achavão na sala, diremos que ali se notavão tambem duas velhas, amigas da dona da casa ; uma, que só se entreteve, se entretem e se hade entreter em admirar e fazer admirar a graça e encantos de duas filhas que com siigo trouxera ; e outra, que pertence ao genero d'aquellas que nas sociedades agarrão n'um pobre homem, sentão-o ao pé de si, e maçando-o duas e tres horas com enfadonhas e interminaveis dissertações, finalmente o largão, suppondo que lhe têm feito grande honra, e dado o maior prazer.

Quanto aos homens.... — Não valo a pena: vamos adiante.

Estas observações que aqui vamos offerecendo fez tambem Augusto com siigo mesmo, durante o tempo que gastou em endereçar seus cumprimentos, e dizer todas essas cousas muito banacs e já muito sediças, nas que se dizem sempre de parte a parte, com obrigado sorrir nos labios, e indifferença no coração. Concluida essa verdadeira maçada, e reparando que todos ratavão de conversar para melhor passar as horas, e esperar as do jantar, elle voltou o rosto, com vistas de achar uma cadeira desoccupada junto de alguma d'aquellas moças; porém, oh mofina do pobre estudante ! oh intempestivo castigo de seus maiores peccados !... A segunda das duas velhas, de quem ha pouco se trouxe, estendeu a mão, e chamou-o, mostrando com o dedo carregado de anneis um lugar livre junto d'ella.

Não havia remedio ; era preciso soffrer, com olhos

enxutos eo prazer na face, o martyrio que se lhe offerecia. Augusto sentou-se ao pé da Sra. D. Violante.

Ella lançou-lhe um olhar de bondade e protecção, e elle abaixou os olhos ; porque os de D. Violante são terrivelmente feios, e os do estudante não se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.

— Adivinho (disse ella com certo ar de ironia) que lhe está pesando demais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha.

— Oh minha Sra ! (respondeu o moço) as palavras de V. S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem ; a mim, porque me faz bem cheio de rudeza e máo gosto ; e a si, porque, se um cego as ouvisse, certo que não faria idéa do vigor e da.....

— Olhem como elle é lisongeiro !... (exclamou a velha, batendo levemente com o leque no hombro do estudante, e acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura, e rindo-se com tão particular estudo, que mostrava dous unicos dentes, que lhe restavão.)

Augusto olhou fixamente para ella, e conheceu que na verdade se havia adiantado muito. D. Violante era horrivelmente horrenda, e com sessenta annos de idade apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperreada criança.

A conversação continuou por uma boa hora : o aborrecimento, o tedio do estudante, chegou a ponto de fazel-o arrepende-se de ter vindo á ilha de..... Tres veves tentou levantar-se ; mas D. Violante sempre tinha novas cousas a lhe dizer : fallou-lhe sobre

sua mocidade.... seus pais, seus amores, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até sobre suas galinhas : ah! fallou mais que um deputado da opposição quando se discute o voto de graças. Finalmente parou um instante, talvez para respirar, e começar novo ataque de maçada : Augusto quiz aproveitar-se da intermittencia ; estava desesperado, e pela quarta vez ergueu-se.

— Com licença de V. S.....

— Nadal (disse a velha, detendo-o e apertando-lhe a mão) eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

— Muito que dizer-me ?.... (balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cahir sobre a cadeira, como fulminado por um raio.)

— O Sr. está incommodado ?... (perguntou D. Violante com toda a ingenuidade.)

— Eu..... eu estou ás ordens de V. S.

— Ah ! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade (continuou ella com accento meio assucarado e terno).

— Oh castigo de meus peccados !.... (pensou Augusto com sigo) querem ver que a velha está namorada de mim ?!! — E recuou sua cadeira meio palmo para longe da d'ella.

— Não fuja.... (proseguiu D. Violante, arrastando por sua vez sua cadeira até encostal-a á do estudante) não fuja.... eu quero dizer-lhe cousas que não é preciso que os outros ouçam.

— E então ? (pensou de novo Augusto) fiz ou não uma galante conquista ?..... — E suava suores frios.

— O Sr. está no quinto anno de medicina ?....

— Sim, minha senhora.

— Já cura ?....

— Não, minha senhora.

— Pois eu desejava referir-lhe certos incommodos que soffro, para que o Sr. me dissesse que molestia padecço, e que tratamento me convem.

— Mas, minha Sra., eu ainda não sou Medico, e só no caso de urgente necessidade me atreveria....

— Eu tenho inteira confiança no Sr.; me parece que é o unico capaz de acertar com a minha enfermidade.

— Mas alli está um estudante do sexto anno....

— Eu quero o Sr., e mais ninguem.

— Pois, minha Sra., eu estou prompto para ouvil-a; porém julgo que o tempo e o lugar são pouco oppor-
tunos....

— Nada... hade ser agora mesmo.

Ah !... a boa da velha fallou, e tornou a fallar: erão duas horas da tarde, e ella ainda dava conta de todos os seus costumes, de sua vida inteira; emfim foi uma relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante. A's vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras que abrilhantavão a sala, emquanto elle se via obrigado a ouvir a mais insupportavel de todas as historias: d'aqui, e de certos phenomenos que accusava a macista, nasceu-lhe o desejo de tomar uma vingança-zinha. Firme n'este proposito, esperou com paciencia que D. Violante fi-

zesse ponto final, bem determinado a esmagal-a com o peso do seu diagnostico, e ainda mais com o tratamento que tencionava prescrever-lhe.

Às duas horas e meia a oradora terminou o seu discurso, dizendo :

— Agora quero "que" com toda a sinceridade me diga se conhece *minha enfermidade*, e o que devo fazer.

— Então V. S. dá-me licença para fallar com toda a sinceridade ?....

— Eu o exijo.

— Pois, minha Sra., attendendo a tudo quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos, que tão amiudo soffre, e de que mais se queixa, como — *essas tonteiras — dores no ventre — calafrios — certas difficuldades — esse peso de lombos, etc.* — eu concludo, e todo o mundo medico concluirá comigo, que V. S. padece....

— Diga.... não tenha medo.

— Hemorrhoidas.

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão ; horrivel como a mais horrivel das fúrias, encarou o estudante com despeito, e fixando n'elle seus tristissimos olhos furtacores, perguntou :

— O que foi que disse, Sr ?....

— Hemorrhoidas, minha Sra.

Ella soltou uma risada sarcastica.

— V. S. quer "que" lhe prescreva o tratamento conveniente ?....

— Menino, (respondeu com máo humor) tome o

meu conselho ; outro officio : o Sr. não nasceu para Medico.

— Sinto ter desmerecido o agrado de V. S. por tão insignificante motivo : rogo-lhe que me desculpe ; mas eu julguei dever dizer o que entendia.

Isto dizendo, o estudante ergueu-se : a velha já não fez o menor movimento para o demorar, e vendo-o deixal-a, disse em tom prophético :

— Este não nasceu para a medicina !

Mas Augusto, afastando-se de D. Violante, dava graças ao poder do seu diagnostico, e augurava muito bem de seu futuro medico pela grande victoria que acabava de alcançar.

— Agora sim, (disse elle com os seus botões) vou recuperar o tempo perdido. — E procurava uma cadeira, cuja visinhança lhe conviesse.

A digna hospeda comprehendeu perfeitamente os desejos do estudante ; pois, mostrando-lhe um lugar junto de sua neta, disse :

— Aquella menina lhe poderá divertir alguns instantes.

— Mas, minha avó, (exclamou a menina com promptidão) até o dia de hoje ainda me não suppuz boneca.

— Menina !....

— Comtudo eu serei bem feliz, se puder fazer com que o Sr... o Sr...

— Augusto, minha Sra.

— O Sr. Augusto passe junto a mim momentos tão agradaveis como lhe forão as horas que gozou ao pé da Sra. D. Violante.

Augusto gostou da ironia, e já se dispunha a tin-
conversação com a menina travessa, quando Fab-
cio se chegou a elles, e disse a Augusto :

— Tu me deves dar uma palavra.

— Creio que não é preciso que seja immediata-
mente.

— Se a Sra. D. Carolina o permittisse, eu estima-
ria fallar-te já.

— Por mim não seja... (disse a menina erguendo-se.)

— Não, minha Sra.; eu o ouvirei mais tarde (acu-
diu Augusto, querendo retel-a).

— Nada... não quero que o Sr. Fabricio me olhe
com mãos olhos.... além de que eu devo ir apressar
o jantar ; pois leio no seu rosto que a conversação
que teve com a Sra. D. Violante, quando mais não
desse, ao menos produziu-lhe muito appetite.... mes-
mo um appetite de... de...

— Acabe.

— De estudante.

E mal o disse a travessa moreninha, correu para
fóra da sala.



IV

Falta de condescendencia.



Fabricio acabava de commetter um grave erro, e que para elle será de más consequencias. Quem pede e quer ser servido deve medir bem o tempo, o lugar, e as circumstancias ; e Fabricio não soube conhecer que o tempo, o lugar, e as circumstancias lhe erão completamente desfavoraveis. Vai exigir que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma joven de dezeseete annos, cujo unico delicto é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo. Ora, para conseguir semelhante torpeza, preciso seria que Fabricio aproveitasse um momento de loucura, um d'esses instantes de capricho e de delirio, em que Augusto pensasse que ferir a fibra mais sensivel e vibrante do coração da mulher, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e reprehensivel leviandade ; é apenas perdoavel e interessante divertimento de rapazes:

e n'essa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente. Ainda quando não houvesse n'elle muita generosidade, ahi estava para desarmal-o o poder indizivel da innocencia, o poderoso magnetismo de vinte olhos bellos como o planeta do dia, a influencia captivadora da formozura em botão, da belleza virgem ainda, de um anjo cmfim ; porque é symbolo de um anjo a virgindade de uma joven bella.

Mas Fabricio olvidou tudo, e mal sem-duvida terá de sahir de seu empenho com tantas contrariedades : o tempo não lhe é propicio ; porque Augusto começa a sentir todos os symptomas de appetite em forte desperto : ora, um rapaz, e especialmente um estudante, com fome se aborrece de tudo, principalmente do que lhe cheira a maçada. O lugar não menos lhe era desfavoravel ; porque, diante de um ranchinho de bellas moças quem poderá tramar contra o socego d'ellas ?.... Então Augusto, dos tacs que por semelhante povo são como formiga por assucar, macaco por banana, criança por campainha.... E elle tem razão ! Por ultimo as circumstancias tambem contrariavão Fabricio ; pois a Sra. D. Violante havia tido o poder de esgotar toda a elastica paciencia do pobre estudante, que não acharia nem mais uma só dóse homœopathica d'esse tão necessario confortativo para despende com o novo macista.

Fabricio tomou pois o braço de Augusto, e ambos sahirão da sala ; este com vivos signaes de impaciencia, e o primciro com ares de quem ia tratar importante negocio.

A innocente D. Joanninha os acompanhou com os olhos, e riu-se brandamente, encontrando os de Fabricio, que teve ainda bastante audacia para fingir um sorriso de gratidão.

Elles se dirigirão ao gabinete do lado direito da sala, o qual fôra destinado para os homens; e entrando, fechou Fabricio a porta contra si, para se achar em toda a liberdade. Emfim estavam sós; voltados um para o outro, guardarão alguns momentos de silencio. Foi Augusto quem teve de rompê-lo.

— Então ficamos a jogar o siso ?....

— Espero a tua resposta (disse Fabricio).

— Ainda me não perguntaste nada (respondeu o outro).

— A minha carta ?....

— Eu a li... sim, tive a enorme paciencia de lê-la toda.

— E então ?....

— Então o que, homem ?....

— A resposta ?....

— Aquillo não tem resposta.

— Ora deixa-te d'isso; vamos mangar com a moça.

— Tu estás doudo, Fabricio.

— Por tua culpa, Augusto.

— Pois então? cuidas que o amor de uma Sra. deva ser a petéca com que se divertão dous estudantes ?....

— Quem é que te falla em petéca ?... Pelo contrario o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.

— Não ; a pezar teu, debes respeitar e cultivar o nobre sentimento que te liga já a D. Joanninha. Que se

diria do teu procedimento, se, depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e de fé na tua constancia por espaço de tres mezes, a desprezasses sem a menor apparencia de razão, sem a mais pequena desculpa?....

— Então tu com o teu systema de...

— Eu desenganado: previno a todas que minhas paixões têm apenas horas de vida; e tu, como os outros, juras amor eterno.

— Estou desconhecendo-te, Augusto; sempre te achei com juizo e bom conceito, e agora temo muito que estejas com principios de alienação mental! explica-me, por quem és, que subito accesso de moralidade é esse, que tanto te perturba.

— Isto, Fabricio, chama-se inspiração dos bons costumes.

— Bravo! bravo! foi muito bem respondido; mas palavra de honra que tenho dó de ti! Vejo que em materias da natureza da de que tratamos estás tão atrasado como eu em fazer sonetos. Apesar de todo o teu romantismo, ou talvez principalmente por causa d'elle, não vês o que se passa a duas pollegadas do teu nariz: pois, meu amigo, quero te dizer, a theoria do amor do nosso tempo applaude e aconselha o meu procedimento; tu verás que eu estou na regra; porque as moças têm ultimamente tomado por mote de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requebros, estes tres infinitos de verbos — iscar — pescar — e casar —; ora bem vês que, para contrabalançar tão parlamentares e viscosas disposições, nós os rapazes não podiamos deixar de inscrever por di-

visa em nossos escudos os infinitos d'estes tres outros verbos — fingir — rir — e fugir —; portanto segue-se que estou encadernado nos axiomas da sciencia.

— Com effeito! não te suppunha tão adiantado!

— Pois que duvida?... para viver-se vida boa e livre é precisõ andar com olho aberto, e pé ligeiro: então as taes sujeitinhas, que, com a facilidade e industria com que a aranha prende a mosca na têa, são capazes de tecer derepente, com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, medeixes aproximando-se, zelos affectados, e arrufos com sal e pimenta, uma armadilha tão emmaranhada, que, se o papagaio é tolo, e não vâa logo, mette por força o pé no laço, e adeos minhas encommendas; fica de gaiola para todo o resto de seus dias! E portanto, meu Augusto, deixa-te de insipidos escrupulos, e ajuda-me a sahir dos apuros em que me vejo.

— Torno a dizer-te que estás doudo, Fabricio, pois que me acreditas capaz de servir de instrumento para um enredo... uma verdadeira traição. Então que pensas?... eu requestaria D. Joanninha; não é assim?... Tua deixavas, fingindo ciumes; e depois quem me livraria dos apertos em que necessariamente tinha de ficar?...

— Ora isso não te custava cinco minutos de trabalho: tu... inconstante por indole e por systema.

— Fabricio, deixa-te de asneiras; já que te metteste n'isso, avante! além de que, D. Joanninha é um peixão.

— Oh! oh! oh!... uma desenxabida...

— Que blasphemia!

— Além d'isso é impossivel.... não posso supportar o peso : escrever quatro cartas por semana.... isto só ! o talento que é preciso para inventar asnciras e mentiras dezescis vezes por mez ! e depois o Tobias....

— Puxa-lhe as orelhas.

— Como.... se elle é a cria de D. Joanninha, o alfinim da casa, o S. Benedicto da familia !....

— Não sei, meu amigo ; arranja-te como puderes.

— Lembra-te que foste a causa principal de tudo isto.

— Quem ? eu.... eu apenas te disse que não sabias o gosto que tinha o amor á moderna.

— Pois bem ; sahi do meu elemento ; fui experimentar a paixão romantica.... ahi a tem !.... a tal paixãozinha me esgotou já paciencia, juizo e dinheiro. Não a quero mais.

— Tu sempre foste um papa-empadas.

— Sim ; e ha dous mezes que nem sei o que é o eheiro d'ellas. Anda, meu Augustozinho ; ajuda-me !

— Não posso, e não devo.

— Vê lá o que dizes !

— Tenho dito.

— Augusto !

— Agora digo mais que não quero.

— Olha que te has de arrepender !

— Esta é melhor !.... pretendes metter-me medo ?...

— Eu sou capaz de vingar-me.

— Desafio-te a isso.

— Desaeredito-te na opinião das moças.

— E' um meio de tornar-me objecto de suas attentões : peço-te que o faças.

— Descubro e analyso o teu systema de illudir a todas.

— Tornar-me-ás interessante a seus olhos.

— Direi que és um bandoleiro.

— Melhor ; ellas farão por tornar-me constante.

— Mostrarei que a tua moral é, a respeito de amor, a peor possivel.

— Optimo !.... ellas se esforçarão por fazel-a boa.

— Hei de n'estes dous dias atrapalhar-te continuamente.

— Bravo ! não contava divertir-me tanto.

— Então tu teimas no teu proposito ?....

— Pois se é precisamente agora que estou vendo os bons resultados que elle me promette !

— Portanto estes dous dias guerra !

— Bravissimo, meu Fabricio ; guerra !

— Anticipo-te que meu primeiro ataque terá lugar durante o jantar.

— Oh ! por milhares de razões tomára eu que chegasse a hora d'elle !....

— Augusto, até o jantar !

— Fabricio, até o jantar !

N'este momento Felippe abriu a porta do gabinete, e dirigindo-se aos dous, disse :

— Vamos jantar.



V

Jantar conversado.



Ao escutar-se aquelle aviso animador, que, repetido pela boca de Felippe, tinha chegado até ao gabinete onde conversavão Augusto e Fabricio, raios de alegria brillarão em todos os semblantes. Cada cavalleiro deu o braço a uma Senhora, e par a par se dirigirão para a sala de jantar. Erão, entre senhoras e homens, vinte e seis pessoas.

Coube a Augusto a gloria de ficar entre D. Quinquina, que lhe dera a honra de aceitar seu braço direito, e uma joven de quinze annos, cuja cintura se podia abarcar completamente com as mãos: um velho Allemão ficava á esquerda d'ella, e sem vaidade podia Augusto affirmar que D. Clementina prestava mais attenção a elle que ao jagodes, que tambem, a fallar a verdade, por seu turno mais se importava com o copo do que com a moça.

D. Quinquina (como a chamão suas amigas) conversa soffrivel e sentimentalmente : é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta : seu moral é bello e languido como seu rosto ; um apurado observador, por mais que contra ella se dispuzesse, não passaria de classifical-a entre — as sonsas. — D. Clementina pertencia decididamente a outro genero : o que ella é lhe estão dizendo dous olhos vivos e perspicazes, e um sorriso malicioso, que lhe está tão assiduo nos labios como o copo de vinho nos do Allemão. D. Clementina é um epigramma interminavel ; não poupa a melhor de suas camaradas : sua vivacidade e espirito se empregão sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brechas para abatel-as na opinião dos homens, com quem pratica.

Durante as primeiras cobertas ella dissertou maravilhosamente ácerca de suas companheiras : maliciosa e picante, lançou sobre ellas o ridiculo que manejava, e os sorrisos de Augusto, que com dextreza desafiava. As unicas que lhe havião escapado erão D. Quinquina, provavelmente por ficar-lhe muito visinha ; e a irmã de Felippe, que estava defronte, ou, como é moda dizer, — vis-à-vis. — Augusto quiz provocar os tiros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.

— E que pensa V. S. d'esta joven Senhora que está defronte de nós ? (perguntou elle em voz baixa.)

— Quem ?.... a Moreninha ?.... (respondeu ella no mesmo tom.)

— Fallo da irmã de Felippe, minha Senhora.

— Sim.... todas nós gostamos de chamal-a —a Moreninha : — essa....

— Acabe, D. Clementina ! (disse a irmã de Felippe, que, fingindo antes não prestar atenção ao que conversavão os dous, acabava de fixar derepente na terrivel chronista dous olhares penetrantes e irresistiveis.)

Parecia que uma luta interessante ia ter lugar : as duas adversarias mostravão-se ambas fortes e decididas; porém D. Clementina para logo recuou, e como querendo não passar por vencida, sorriu-se maliciosamente, e apontando para a Moreninha, disse, affectando um accento gracejador :

—Ella é travessa como o beija-flor, innocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa como.... uma mulher.

— Sim ! (tornou-lhe D. Carolina) preciso é que os ouvidos estejam bem abertos, e a attenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina, que sempre tem cousas tão engraçadas e tão innocentes para dizer !.... Oh minha camarada, juro-lhe que ninguem lhe iguala na habilidade de compor um mappa.

— Mas.... D. Carolina.... vossê deu o cavaco ?....

— Oh ! não, não !.... (continuou a menina com picante ironia) porém é factó que nenhuma de nós gosta de ser offuscada com o esplendor de outra. Já basta de brilhar, D. Clementina ; o Sr. Augusto deve estar tão enfeitiçado com o seu espirito e talento que decerto não poderá toda esta tarde e noite olhar para nós

outras sem compaixão ou desgosto; portanto já basta... senão por si, ao menos por nós.

A chronista fez-se côr de nacar, e a sua adversaria, imitando-a na malicia do sorriso, e no accento gracejador, proseguiu ainda :

— Mas ninguem conclua d'aqui que por offuscada perco eu o amor que tinha ao astro que me offuscou: — bella rosa do jardim! teus espinhos ferirão a borboleta; mas nem por isso deixarás de ser beijada por ella.

E assim dizendo, a Moreninha estendeu e apinhou os dedos de sua mão direita, fez estalar um beijo no centro do bello grupo que elles formárão, e emfim executou com o braço um movimento, como se atirasse o beijo sobre D. Clementina.

— Oh! (disse Augusto com signo mesmo) a tal menina travessa não é tão tola como me pareceu ainda ha pouco.

E desde então começou o nosso estudante a demorar seus olhares n'aquelle rosto, que com tanta injustiça taxára de irregular e feio. Prevenido contra D. Carolina por havel-a sorprendido fazendo-lhe uma careta, o tal Sr. Augusto, com toda a impafia de um — semi-doutor — decidiu magistralmente que a moça tinha todos os defeitos possiveis: coitadinho!... espiçou-se tão completamente que agora mesmo já está pensando com os seus botões — ella não será bonita....; porém feia?... isso é demais. —

— Chegou muito tarde á ilha... (balbuciou D. Quinquina, como quem desejava travar conversação com Augusto.)

— Pensa devéras isso, minha Senhora?!.... (respondeu este, pregando n'ella um olhar de quem está pedindo um — sim —.)

— Penso.... (disse a moça, enrubecendo.)

— Pois é precisamente agora que eu reconheço ter chogado muito tarde, ou pelo contrario talvez cedo demais.

— Cedo demais?!....

— Certamente: não se chegará sempre cedo demais onde se corre algum risco?!....

— Aqui portanto....

— N'este lugar portanto, (continuou o estudante, voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quinquina) e aqui principalmente floresce e brilha o prazer; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!

Os dous forão ahi interrompidos para corresponder a uma longa e interminavel collecção de brindes que o Allemão principiou a desenrolar, e com tanta frequencia e tão pouca fertilidade, que só a Sra. D. Anna teve por sua saude de vel-o beber seis vezes

Emfim cedeu um pouco a tormenta, e D. Quinquina, que havia gostado do que lhe dissera o estudante, continuou:

— Não quiz vir com seus collegas?!....

— Eu gosto de andar só, minha Sra.

— Sempre é má e triste a solidão.

— Mas ás vezes tambem a sociedade se torna insupportavel!... por exemplo depois de amanhã....

— Depois de amanhã ? (repetiu ella, sorrindo-se) depois de amanhã o que ?...

— Minha Sra., ouvidos que escutárão accordes sons de harpa sonora, vibrada por ligeira mão de formosa donzella, doem-se de ouvir o toque inqualificavel da viola desafinada da rude saloia.

— Eu não o comprehendo bem...

— Quem respirou o ar embalsamado dos jardins, o aroma das rosas, os effluvios da angelica, se incomoda, se exaspera ao respirar logo depois a atmosphera grave e carregada de miasmas de um hospital.

— Ainda o não entendi.

— Pois juro, minha Sra., que d'esta vez me hade comprehender perfeitamente. Digo que, vendo eu hoje dous olhos que por sua cor e brilho se assemelhão a dous bellos astros de luz scintillando em céos do mais puro azul ; que, escutando uma voz tão doce como serão as melodias dos anjos ; que enfim, respirando junto de alguém, cujo bafô é um perfume de delicias, depois de amanhã preferirei não ver, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a ver os olhos pardos e encoados alli do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de taboca rachada do meu collega Felippe, e a respirar a fumaça dos charutos de meu companheiro Fabricio.

— Ah !... (exclamou outra vez inesperadamente D. Carolina) eu creio que D. Quinquina terá finalmente comprehendido o que o Sr. Augusto tanto se empenha em lhe explicar.

— Minha prima, (atrevu-se a dizer a ingenua, modesta, medrosa e muito sonsa D. Quinquina) minha

prima, vossê o teria comprehendido no primeiro instante ; não é assim ?...

— Certamente ; (respondeu a mocinha, sem perturbar-se) o Sr. Augusto, além de fallar com habilidade e fogo, poz em acção tres sentidos ; o que poderia tambem succeder era que, como algumas costumão fazer, eu fingisse não comprehendel-o logo, para dar lugar a mais vivas finezas, até que elle, de fatigado, dissesse tudo, sem figuras e flores de eloquencia... Ora isso quasi que aconteceu ; porque os olhos, os ouvidos e o nariz do Sr. Augusto hão de estar certamente cansados de tão excessivo trabalho!...

— Minha Sra.!...

— Por desdita d'elle não houve occasião de pôr em campo um outro sentido : o gosto ficou em inacção, bem contra a sua vontade ; não é assim Sr. Augusto ?..

— Minha prima, todos olhão para nós...

— A respeito do tacto, não direi palavra ; (continou a terrivel Moreninha) porque, se as mãos do Sr. Augusto conservárão-se em justa posição, quem sabe os trances por que passarião os pés de minha prima ?.. Os Srs. estão tão juntinhos que com facilidade e sem risco se podem tocar por baixo da mesa.

— Menina! (clamou a Sra. D. Anna, com accento de reprehensão.)

— Minha Sra., consinta que ella continue a gracejar: (disse Augusto meio-aturdido) além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, dá-me tambem o prazer de apreciar e admirar seu espirito e agudeza.

— Agradecida ! muito agradecida ! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) eu cá não custo tanto a comprehendel-o, como minha prima : já sei o que querem de mim os seus elogios... estou comprada, não fallo mais.

Uma risada geral applaudiu as ultimas palavras de D. Carolina: não ha nada mais natural ; ella era a neta da dona da casa, e, além de ser moça, é rica.

Começava então a servir-se a sobremesa.

— E eu, apezar de amigo e collega de Augusto, (disse por fim Fabricio, endireitando-se) não posso deixar de lastimar a Sra. D. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.

Augusto conheceu que lhe era dado o signal do combate: Fabricio queria tomar vingança de sua nenhuma condescendencia ; e pois preparou-se para sustentar a luta com todo o esforço; e vendo que todos tinham os olhos fitos n'elle, como que esperando uma resposta, não hesitou.

— Obrigado ; (disse) nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito; devo todavia declarar que, se me fosse dado conhecer a ditosa mortal que conseguiu ganhar os pensamentos e o coração do meu collega, certo que lhe eu daria meus parabens em prosa e verso ; porque Fabricio é sem contradicção a mais alegre e apreciavel conquista !

A ironia o feriu : a interessante Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de approvação, e sorriu-se brandamente: gostou de o ver manejar a sua arma favorita. Sem se explicar o porque, tambem o nosso es-

tudante teve em muita conta aquelle sorriso da menina travessa. Fabricio continuou :

— Venha embora o ridiculo ; que nem porisso poder-se-á negar que para o nosso Augusto não houve, não ha, nem pôde haver amor que dure mais de tres dias.

Todas as Sras. olhárão para o réo d'aquelle horrivel crime de lesa-formosura. Augusto respondeu :

— E o que ha ahi de mais engraçado é que Fabricio tem culpa d'isso; porque enfim manda o meu destino que eu sempre tenha andado, ande, e haja de andar em companhia d'elle, que com a maior crueldade do mundo tira-me todos os lances, antes de tres dias de amor.

Novo olhar, novo sorriso de approvação de D. Carolina: novo prazer de Augusto por merecel-os.

Fabricio torceu-se sobre a cadeira, e proseguiu:

— Nada de fugir da questão... poder-se-ia julgar fraqueza querer de algum modo occultar que, tanto em pratica como em theoria, o meu collega é e se prezava de ser o prototypo da inconstancia.

— Eis o que elle não pôde negar (acudirão Leopoldo e Felippe, rindo-se).

— E para que negar, se já o nosso collega affirmou que eu me prezava de ter essa qualidade !...

— Misericordia !... (exclamou uma das moças.)

— É possivel ?... (perguntou a avó de Felippe, com seriedade.)

— É absolutamente verdade (respondeu o estudante).

Lançou depois um olhar ao derredor da mesa, e to-

das as Sras. lhe voltárão o rosto. D. Quinquina tinha nos labios um triste sorriso: a Moreninha olhou-o com espanto, durante um curto momento; mas logo depois soltou uma soffrivel risada, e pareceu occupar-se exclusivamente de uma fatia de podim.

Reinou silencio por alguns instantes: Fabricio parecia victorioso; Augusto estava como em isolamento; as Sras. olhavão para elle com receio; mostravão temer encontrar seus olhos: dir-se-ia que receavão que de uma troca de olhares nascesse para logo o sentimento que as devesse tornar desgraçadas. Desde as fataes palavras de Fabricio, Augusto era n'aquella mesa o que costumava ser um leproso na idade media:— o homem perigoso, cujo contacto podia fazer a desgraça de outro.

Fabricio comprehendeu em quão triste situação estava o seu adversario, e, inexperiente, se havia deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda mais peioral-a, e foi talvez arrancar-l'o d'ella. Fabricio pois falla; as Sras. embebem n'elle seus olhos, e o applaudem, em quanto Augusto, servindo-se de um prato de grosso melado, affecta prestar pouca attenção ao seu accusador.

— Sim, minhas Sras., é um joven inconstante, accessivel a todas as bellezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atraz de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se elle fôra a inercia da materia, que conserva uma impressão, mas que não a guarda, senão o tempo que é gasto para um novo agente modificál-a!...

— Muito bem! muito bem!..(disserão algumas vozes.)

— Seu coração é petrica abobada de theatro, que não entende o dizer de Auber, quando soluça a frauta ternos sons de musico discurso ; pois aquella muda superficie reflecte a todos, e a todos esquece com estúpida indifferença !...

— Bravo !... Fabricio está hoje romantico (exclamou Leopoldo, apontando maliciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quasi de todo esgotada).

— Apoiadissimo !... (murmurou Augusto, apontando tambem para a garrafa.)

— Mas elle viverá viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado (concluiu Fabricio).

— Bravo !... muito bem !... bravo !...

— Peço a palavra para responder (exclamou Augusto).

— Tem a palavra ; mas nada de maçada !...

— Duas palavras, minhas Sras. ; só duas palavras.

— Sim, defenda-se, defenda-se.

— Defcnder-me ?... certo que o não farei ; poderia ao contrario accusar ; mas tambem não quero: julgo apenas opportuno dar algumas explicações. Minhas Sras., debaixo de certo ponto de vista o meu collega Fabricio disse a verdade ; porque eu sou com effeito o mais inconstante dos homens em negocios de amor.

— Ainda repete ? !

— Mas tambem quem me conhece bastante conclue que por fim de contas não ha amante algum mais firme do que eu.

— O Sr. está compondo enigmas.

— Não o interrompão ; deixem-o apresentar o seu programma amoroso.

— Sim, minhas Sras.; (continuou Augusto) vamos ao desenvolvimento da primeira proposição.

— Oução ! oução !

— A minha inconstancia é natural, justa, e sem duvida estimavel. Eu vejo uma Sra. bella; amo-a, não porque ella é Sra.... mas porque é bella; logo eu amo a belleza : ora este attributo não foi exclusivamente dado a uma só Sra.; e quando o encontro em outra, fôra injustiça que eu desprezasse n'esta aquillo mesmo que tanto amei na primeira.

— Bravo !.... viva o raciocinio !

— Mais ainda. Todo o mundo sabe que não ha quem nasça perfeito : supponhamos que eu estou na agradavel companhia de tres jovens ; todas são lindas; mas a primeira vence a segunda na delicadeza do talhe; esta supera aquella na ternura do olhar, e na graça dos sorrisos ; e a terceira emfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas madeixas negras, coroando um rosto romanticamente pallido : ora bem se vê que seria commetter a mais detestavel injustiça, se eu, por amar a delicadeza do talhe da primeira, me esquecesse da ternura dos olhares, e da graça dos sorrisos da segunda ; assim como das bastas madeixas negras, e do rosto romanticamente pallido da ultima.

— Muito bem, Augusto ; (exclamou Felippe) estou achando um não sei que tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo.

— Eis aqui, pois, porque sou inconstante, Sras.; é o respeito que tributo ao merecimento de todas, é talvez o excesso a que levo as considerações que julgo devidas ao sexo amavel, quem me faz ser volúvel. — Agora eu entro na segunda parte da minha explicação.

— Attenção!.... elle vai provar que é constante!....

— Antes que ninguem, minhas Sras., eu reprehendi o meu coração pela sua volubilidade; mas, vendo que era vão trabalho querer extinguir por tal meio uma disposição que a natureza n'elle plantára, pretendi primeiro ahar na mesma natureza um corrosivo que o fizesse: procurei uma joven bem encantadora para me lançar em cativeiro eterno; mas debalde o fiz, porque eu sou tão sensível ao poder da formosura, que sempre me succedia esquecer a bella de hontem pela que via hoje; a qual pela mesma razão era esquecida depois: quantas vezes, minhas Sras., nos meus passeios da tarde eu olvidei o amor da manhã d'esse mesmo dia por outro amor, que se extinguiu no baile d'essa mesma noite!...

— É exageração! (disse uma Sra.)

— É exactamente assim (acudiu Fabrieio).

— Que folha d'alho!... (exclamou D. Quinquina.)

— Então, minhas Sras., (proseguiu Augusto) eu entendi que devia reeorrer a mim proprio para tornar-me constante. Consegui-o: sou firme amante de um só objecto,... mas de um objecto que não tem existencia real, que não vive.

— Como é isto?... então a quem ama?...

— A sua sombra, como Narciso?...

— A bonéca que se vê na vidraça do Desmarais?...

— Ao Cupido de Praxitelles, como Akidias de Rhodes ?...

— Alguma estatua da Academia das Bellas Artes?..

— Nada d'isso.

— Então a quem ?...

— A todas as Sras., resumidas n'um só ente ideal.

A custa dos bellos olhos d'uma, das lindas madeixas d'outra, do collo de alabastro d'esta, do talhe elegante d'aquella, eu formei o meu bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante. Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeiçoô a minha obra todos os dias: por exemplo, retirando-me d'esta ilha, eu creio que vestirei o meu bello-ideal de novas fórmãs !...

— Viva o comprimento !...

— Foi assim, minhas Sras., que eu me pude tornar constante, e, graças a meu proveitoso systema, posso amar a todas as Sras. a um tempo, sem ser infiel a nenhuma. Disse.

— Muito bem !... muito bem !...

— Augusto desempenhou-se.

O champagne estourava n'aquelle momento. Leopoldo tomou a palavra p'ela ordem.

— Eu vou (exclamou) propor um bello meio de terminar esta discussão, convidando a todos os Srs. para um brinde, no qual Augusto, por castigo de sua inconstancia, nos não poderá acompanhar. Não é novo que mancebos bebão, no meio dos prazeres de um festim, um copo de vinho depois de pronuuciar o nome d'aquella que é a dama de seus pensamentos :

aqui não estamos só mancebos, e pois não faremos tanto: pronunciaremos comtudo a inicial do primeiro nome.

— Sim ! sim ! (disse Felippe) Augusto não beberá com nosco...

— Não, maninho ; (acudiu a interessante Moreninha) elle hade beber tambem.

— Ah minha Sra ! no beber um copo de champagne não está a duvida ; a difficuldade toda é poder entre tantos nomes escolher o mais amado: acode-me tal numero, dos que têm tocado o superlativo do amor...

— M.... (disse Leopoldo, esvasiando seu copo.)

— C... (pronunciou Felippe, olhando para D. Clementina.)

— J... (balbuciou Fabricio, exasperado com um accesso de tosse que atacára Augusto.)

Os outros mancebos presentes pronunciarão suas letras ; só o inconstante faltava.

— Eia ! animo, Sr. Augusto (disse D. Carolina).

— Mas que letra, minha Sra. ?... se elles me dessem liccnça, eu faria o enorme sacrificio de reduzir ás que me lembrão ao diminuto numero de vinte e tres.

— Nada ! nada ! n'esta saude não entra o numero plural.

— Pois bem, Sr. Augusto ; (continuou a menina) uma collecção não deixa de ser singular ; beba o seu copo de champagne — ao alphabeto inteiro — !

— Sim, minha Sra., — ao alphabeto inteiro !...

Meia hora depois levantárão-se da mesa. Leopoldo approximou-se de Augusto.

— Então que dizes, Augusto?...

- Que passaremos a mais agradável noite.
- E quem ganhará a aposta ?...
- Eu.
- De qual d'estas meninas estás mais apaixonado?..
- Estou na minha regra ; mas hoje tenho-me apaixonado só de tres principalmente.
- E o que pensas da irmã de Felippe ?...
- A melhor resposta que te posso dar é — não sei — ; porque ao meio dia a julgava travêssa, importuna, e feia ; mas era-me completamente indifferente.
- Á uma hora ?...
- Eu a supuz estouvada e desagradavel.
- Ás duas horas ?
- Má ; e desejava vel-a longe de mim.
- Durante o jantar ?...
- Fui achando-lhe algum espirito, e accusei-me por havel-a julgado feia.
- E agora ?
- Parece que me sinto muito inclinado a declaral-a engraçada e bonitinha.
- E d'aqui a pouco ?
- Eu te direi.



VI.

Augusto com seus amores.



Poucos momentos depois da scena antecedente, a sala de jantar ficou entregue unicamente ao insaciavel Keblerc, que entendeu; não sabemos se mal ou bem, que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a moia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se forão deslisar pelo jardim. Outro tanto não fizerão os rapazes, que de perto as acompanhárão, assim como pais, maridos, e irmãos, todos animados e cheios de prazer e harmonia, dispostos a acabar o dia e cntrar pela noite com gosto.

Mas dissemos que não sabiamos se Keblerc havia feito bem ou mal em não imitar os outros. Sem duvida já fomos condemnado por homem de mão gosto; cumpre-nos dar algumas razões. Entendemos, cá para nós, que por diversos caminhos vão, tanto o Allemão como os rapazes, a um mesmo fim. Em resultado,

esgotadas as garrafas, e terminado o passeio, haverá mona, não só na sala do jantar, mas também no jardim: a diferença é que uma será mona de vinho, e a outra de amor: esta ultima costuma sempre ser mais perigosa. Pela nossa parte confessamos que não ha cachaca que nos embebede mais depressa, do que uma que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas.

Passeiava-se: cada cavalheiro dava o braço a uma senhora: e divagando-se assim pelo jardim, o dictionario das flores era lembrado a todo o momento. Menina havia que, apenas algum lhe dizia, apontando para a flor:

— Acacia !

— Sonhei com vossê (respondia logo).

— Amor perfeito !

— Existo para ti só (tornava immediatamente). E o mesmo fazia a respeito de todas as flores que lhe mostravão: era uma doutora de borla e capello em todas as sciencias amatorias ; e esta menina era, sem mais nem menos, aquella languida e sonsinha D. Quinquina. — Fiai-vos nas sonsas.

Um moço e uma moça porém andavão, como se costuma dizer, solteiros: bem vezes d'ella se aproximava o sujeito; mas a bella, quando mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flor, como uma abelha, ou, melhor, como uma doudinha: — erão elles D. Carolina e Augusto.

Augusto passeiava só, contra vontade; D. Carolina por assim o querer.

Augusto viu derepente todos os braços *engajados*: duas senhoras, a quem se dirigiu, fingirão não ouvi-lo,

ou se desculpáráo. O inconstante não lhes fazia conta, ou antes querião, tornando-se difficeis, vcl-o requestando-as; porque, desde o programma de Augusto, cada uma d'ellas entendeu lá com sigo que seria grande gloria para qualquer o prender com inquebraveis cadeias aquelle capoeira de amor, e que o melhor meio de o conseguir era fingir desprezal-o, e mostrar não fazer conta com elle. Exactamente intentavão batel-o por meio d'essa tactica poderosa, com que quasi sempre se triumphava da mulher; isto é, — pouco caso.—

D. Carolina pelo contrario havia rejeitado dez braços; queria passeiar só. Um braço era uma prisão, e a engraçada Moreninha gosta sobretudo da liberdade. Ella quer correr, saltar, e entender com as outras; ir agora adiante de todos, e d'aqui a pouco ser a ultima no passeio: viva, com seus olhos sempre brilhantes, agil, com seu pézinho sempre prompto para a carreira, innocente para não se envergonhar de suas travessuras, e criada com mimo demais para prestar attenção aos conselhos de seu irmão, ella está em toda a parte, vê, observa tudo, e de tudo tira partido para rir-se: em continua hostilidade com todas aquellas que passeiavão com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada palavra, de cada acção que percebia, tirava motivo para seus epigrammas; e, inimigo invencivel, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era porisso temido e acariciado: deixemol-a pois correr e saltar, apparecer e desapparecer ao mesmo tempo; nem á nossa penna é dado o poder acompanhal-a; que ella é tão rapida como o pensamento.

Finalmente o pobre Augusto encontrou uma Senhora, que teve piedade d'elle. Estão afastados do resto da companhia ; conversão: vamos ouvi-los.

— Com effeito, (disse a Sra. D. Anna) devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fogo a inconstancia no amor.

— Mas, minha Sra., não sei porque se quer espantar !... é uma opinião.

— Um erro, Sr. ! ou melhor ainda, um systema perigoso, e capaz de produzir grandes males.

— Eis o que tambem me espanta !

— Não, Senhor ; nada ha aqui que exagerado seja: rogo-lhe que por um instante pense comigo: se o seu systema é bom, deve ser seguido por todos ; e se assim acontecesse, onde iriamos assentar o socego das familias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua base, a constancia ?...

Augusto guardou silencio, e ella continuou:

— Eu devo crer que o Sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa d'aquella pela qual se explicou: consinta que lhe diga ; no seu pretendido systema, o que ha é muita velhacaria: finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma, para plantar no amor-proprio das moças o desejo de triumphar de sua inconstancia.

— Não, minha Sra.; o unico partido que eu procuro, e tenho conseguido tirar, é o socego que ha algum tempo gozo.

— Como ?...

— É uma historia muito longa, mas que eu resu-

mirei em poucas palavras. Com effeito não sou tal qual me pintei durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um bello-ideal, como pretendi fazer crer ; porém o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas, e conservar-me firme no amor de uma só.

— Então o Sr. já ama ?...

— Julgo que sim.

— A uma moça ?...

— Pois então a quem ?...

— Sem-duvida bella !...

— Creio que deve ser.

— Pois o Sr. não sabe ?...

— Juro que não.

— O seu semblante ?...

— Não me lembro d'elle.

— Mora na Côrte ?...

— Ignoro-o.

— Vê-a muitas vezes ?...

— Nunca.

— Como se chama ?...

— Desejo muito sabel-o.

— Que mysterio !...

— Eu devo mostrar-me grato á bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto; e pois a Sra. vai ouvir o que ainda não ouviu nenhum de meus amigos, o que eu não lhes diria ; porque elles provavelmente rir-se-ão de mim. Se deseja saber o mais interessante episodio da minha vida, entremos n'esta gruta, onde praticaremos livres de testemunhas, e mais em liberdade.

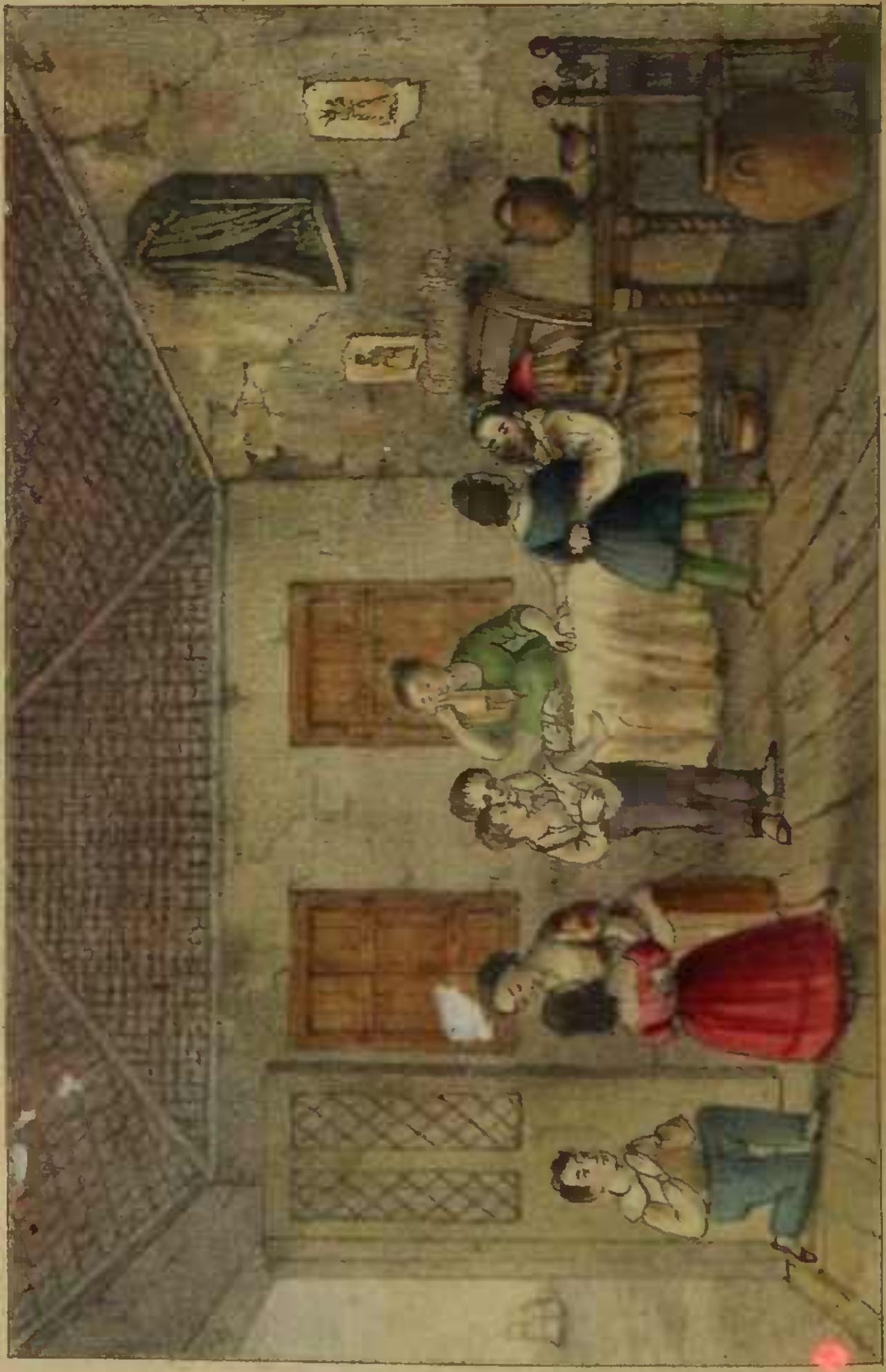
Elles entrarão.

Era uma gruta pouco espaçosa, e cavada na base de um rochedo que dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga, como qualquer porta ordinaria. Ao lado direito havia um banco de relva, em que poderião sentar-se a gosto tres ou quatro pessoas: no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde cahia gota a gota limpida e fresca agua, que do alto do rochedo se distillava: preso por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata, para servir a quem quizesse provar da boa agua do rochedo.

Foi este o lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações á digna hospeda.

O estudante, depois de certificar-se que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da Sra. D. Anna, no banco de relva, e começou a historia dos seus amores.





VII.

Os dous breves, branco e verde.



—Negocios importantes, minha Sra., tinham obrigado meu pai a deixar sua fazenda, e a vir passar alguns mezes na Côrte: eu o acompanhei, assim como toda a nossa família. Isto foi ha sete annos ; e n'essa época houve um dia... mas que importa o dia?... eu o poderia dizer já ; o dia, o lugar, a hora, tudo está presente á minha alma, como se fôra succedido hontem o acontecimento que vou ter a hoj de relatar: é uma loucura... a minha mania... embora... Foi pois ha sete annos, e tinha eu então trese deidade, que, brincando em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito.

Figure-se a mais bonita criança do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante ; com cabellos negros eannelados, voando ao derredor de seu pescoço ; com o fogo do Céu nos olhos, com o sorrir dos anjos

nos labios, com a graça divina em toda ella, e far-se-á ainda uma idéa incompleta d'essa menina.

Ella estava á borda do mar, e seu rosto voltado para elle: approximei-me devagarinho: uma criança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras, ou combina os meios para executar alguma a que se põe obstaculos: eu sabia isto por experiencia propria: cheguei-me pois, para saber em que pensava a menina: a pequena distancia d'ella parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.

Na praia estava deposta uma bella concha; mas tão perto do mar, que quem a quizesse tomar, e não fosse ligeiro e experiente, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavão com força então.

Eu vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha, e o receio de ser molhada pelas vagas: depois pareceu haver tomado uma resolução; o capricho de criança tinha vencido. Com suas lindas mãoszinhas arregaçou o vestido até os joelhos... quando a onda recuou, ella fez um movimento; mas ficou ainda no mesmo lugar, inclinada para diante, e na ponta dos pés: segunda... terceira... quarta... quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque, e reccio do inimigo. Finalmente, ao refluxo da sexta, ella precipitou-se sobre a concha; mas a arêa escorregou debaixo de seus pés, e a interessante menina cahiu na praia, sem risco e com graça: erguendo-se logo, e espantada ao ver perto de si a nova onda, que d'essa vez vinha mansa e fraca como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando:

— Ah !... eu ia morrer afogada !...

Depois, vendo-se com o vestido cheio de arêa, começou a rir-se muito, sacudindo-o, e dizendo ao mesmo tempo:

— Eu cahi! eu cahi !..

É como se não bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo para o mar, e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pezarosa, apontando para a concha :

— Mas... a minha concha !...

Ouvindo sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quiz saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para ellas com enthusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-me á linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.

Este acontecimento fez-nos logo — camaradas —. Corremos a brincar juntos com toda essa confiança infantil, que só póde nascer da innocencia, e que ainda em parte se dava em mim, postoque já a esse tempo fosse eu um pouco velhaquetc e souso, como um estudante de latim, que era, e que por tal já procurava minhas blasphemias no dictionario.

É sempre digna de observar-se esta tendencia que têm as calças para o vestido ! desde a mais nova idade e no mais innocente brinquedo apparece o tal mutuo pendor dos sexos... e de mistura umas vergonhas muito engraçadas...

Eu cá sempre fui assim ; quando brincava o *tempo será*, por exemplo, sempre preferia esconder-me atraz das portas com a menos bonita de minhas primas, do que com o mais formoso de meus amigos da infancia.

Mas, como ia dizendo, nós brincámos juntos; corriamos e caíamos na arêa, e depois riamos ambos de nós mesmos. Tinhamos esquecido todo o mundo, pensavamos sómente em nos divertir, como os melhores amigos.

Depois de uma agradável hora, passada em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia de meninos modificava e inventava a cada momento, a minha interessante camarada voltou-se de repente para mim, e perguntou :

— Sou bonita, ou feia ?...

Eu quiz responder-lhe mil cousas... corei... e finalmente murmurei tremendo :

— Tão bonita !...

— Pois então, (tornou-me ella) quando formos grandes, havemos de nos casar ; sim ?...

— Oh !... pois bem !...

— Havemos, (continuou o lindo anginho de sete annos) eu o quero... Olhe, meu primo Juca me queria tambem ; mas ainda hontem quebrou a minha mais bonita bonéca... ora o marido não deve quebrar as bonécas de sua mulher: eu quero pois me casar com o Sr., que hade apanhar bonitas conchinhas para mim.. Além d'isso elle não tem, como o Sr., os cabellos louros, nem a cor rosada.....

— Porém eu gosto mais dos cabellos pretos...

— Melhor ! melhor !... (exclamou a menina, saltando de prazer) ollie, os meus são pretos !

E n'isto ella puxou com a sua pequena mãozinha um de seus bellos anneis de madeixa, para mostrar.

m'o ; e largando-o depois, eu vi-o cahir outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol.

Ainda corremos mais, e continuámos a brincar juntos; e sem o pensar, nós nos esquecemos de procurar saber nossos verdadeiros nomes ; porque nos bastavão esses, com que já nos tratavamos, de — meu marido — minha mulher.

A viveza, a graça, e o espirito da encantadora menina tinhão feito desapparecer meu natural acanhamento : nós estávamos como dous antigos camaradas, quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós coíria chorando.

— O que tem !.. (perguntámos ambos.)

— É meu pai que morre ! (exclamou elle, apontando para uma velha casinha, que avistámos algumas braças distante de nós.)

Ficámos um momento tristemente sorprendidos ; depois, como dominados pelo mesmo pensamento, ella e eu dissemos a um tempo :

— Vamos lá.

E corremos para a pequena casa.

Entrámos. Era um quadro de dor e luto, que tínhamos ido ver. Uma pobre velha, e tres meninos mal vestidos e magros, cercavão o leito, em que jazia moribundo um ancião de cincoenta annos, pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope havia causado todo o movimento, pranto e desolação, que observámos. Quando chegámos ao pé de seu leito elle tornava a si.

— Ainda não morri ! (balbuciou, olhando com ter-

nura para seus filhos, e deixando cahir dos olhos grossas lagrimas) depois, deparando com nosco continuou:

— Quem são estes dous meninos ?...

Ninguem lhe respondeu ; porque todos choravão, sem exceptuar a minha bella camarada e eu.

— Não chorem ao pé de mim ! (exclamou o velho, suffocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos, e o quarto, que tinhamos ha pouco visto fóra, se atiravão sobre elle, no excesso da maior, da mais nobre e mais sublime das dores.)

A minha camarada dirigiu-se então á velha.

— O que tem elle ?... (perguntou com viva demonstração de interesse.)

— Oh meus meninos ! (respondeu a afflicta velha) elle soffre uma enfermidade cruel, mas que poderia não ser mortal...; porém é pobre !.. e morre mais depressa pelo pezar de deixar seus filhos expostos á fome !... morre de miseria !... morre de fome !...

— Fome ! (exclamámos com espanto) fome !! pois tambem morre-se de fome ?...

E instinctivamente a minha interessante companheira tirou do bolso de seu avental uma moeda de ouro, e dando-a á velha, disse :

— Foi meu padrinho que m'a deu hoje de manhã.. eu não preciso d'ella... não tenho fome.

E eu tirei de meu bolso uma nota, não me lembro de que valor, e por minha vez a entreguei, dizendo :

— Foi minha mãe que m'a deu, e ella me dá tambem um abraço, sempre que faço esmolas aos pobres.

Não é possível descrever o que se passou então n'a-

quella miseravel choupana. Minha linda mulher e eu tivemos de ser abraçados mil vezes, de ver de joelhos a nossos pés a velha e os meninos... O ancião forcejava por fallar ha muito tempo.. dava com as mãos chamando-nos... finalmente nós nos approximámos d'elle, que nos apertou com enthusiasmo contra o coração.

— Quem sois ? (pôde emfim dizer) quem sois ?....

— Duas crianças (foi a menina que respondeu).

— Dou anjos; (tornou o velho) e quem é este menino ?...

— É o meu camarada (disse ainda ella).

— Vosso irmão ?...

— Não, Sr. ; meu... marido.

— Marido ?...

— Sim ; eu quero que elle seja meu marido.

— Deos realize vossos desejos !...

Acabando de pronunciar estas palavras, o ancião guardou silencio por alguns instantes... bebeu com sofreguidão um pucaro cheio d'agua, e olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração, e em suas palavras um accento prophetico, exclamou:

— Seja dado ao homem agonizante lançar seus ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos que já não serão para elle, e penetrar com seus olhares atravez do véo do futuro !.. Meus filhos! amai-vos, e amai-vos muito ! a virtude se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: sim; amai-vos ! eu não vos illudo... vejo lá... bem longe... a promessa realizada ! são dous anjos que se unem... vêde !... os meninos que entrárão na casa do miseravel, que enxugárão o

pranto e matarão a fome da indigencia, são abençoados por Deos, e unidos em nome d'elle !... Meus filhos, eu vos vejo casados lá no futuro !...

— Oh !.. eis ahi outra vez o delirio !.. (disse a velha, vendo a exaltação e o semblante afogueado do enfermo.)

— Não, minha mãe !... (continuou elle) não ! não é delirio !... Pois que ?.. não pôde o Eterno abençoar a virtude pela minha boca ?.. Oh meus meninos ! Deos paga sempre a esmola que se dá ao pobre !... ainda uma vez... lá no futuro... vós o sentireis.

Nós estávamos espantados: o rosto do ancião se havia tornado rubro ; seus olhos flammejantes... seus labios tremião convulsivamente, e sua mão rugosa tinha tres vezes nos abençoado.

Escutando suas palavras, eu acreditei que estávamos ouvindo uma prophecia infallivelmente realizavel, pronunciada por um inspirado do Senhor.

Não parou ahi nossa admiração. O doente, cujas forças parecião haver reapparecido subitamente, apoiando-se sobre um dos cotovellos, abriu a gaveta de uma mesa, que estava junto de seu leito, e tirando de uma pequena e antiga caixa 2 breves, os deu á velha, dizendo:

— Minha mãe, descosa esses dous breves.

A velha, obedecendo pontualmente, os descoseu com promptidão. Os breves erão dous ; um verde, e outro branco.

Depois o ancião, voltando-se para mim, disse :

— Menino ! que trazeis com vosco, que possais oferecer a esta menina ?...

Eu corri com o olhos tudo que em mim havia, e

só achei para entregar ao admiravel homem, que me fallava, um lindo alfinete de camafeu, que meu pai me tinha dado para trazer ao peito: machinalmente puz-lhe nas mãos o meu camafeu.

O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãe, accrescentou :

— Minha mãe, cosa dentro do breve branco este camafeu.

E voltando-se para minha bella camarada, continuou:

— Menina, que trazeis com vosco que possais offercer a este menino ?...

A menina, atilada e viva, como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um botão de esmeralda, que trazia em sua camizinha.

O velho o deu a sua mãe, dizendo:

— Minha mãe, cosa esta esmeralda dentro do breve verde.

Quando as ordens do ancião forão completamente executadas, elle tomou os dous breves, e dando-me o de côr branca, disse-me :

— Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina ; elle contém o vosso camafeu: se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, afim de que ella o guarde com desvelo.

Eu mal comprehendí o que o velho queria : ainda machinalmente entreguei o breve á linda menina, que o prendeu no cordão de ouro que trazia ao pescoço.

Chegou a vez d'ella. O nosso homem deu-lhe o outro breve, dizendo :

— Tomai este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração d'aquelle menino; elle contém a vossa esmeralda: se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvelo.

Minha bella mulher executou a insinuação do velho com promptidão, e eu prendi o breve verde ao meu pescoço com uma fita que me derão.

Quando tudo isto estava feito, o velho proseguiu ainda:

— Ide, meus meninos; cresci e sêde felizes! vós olhastes para minha mãe, olhastes para meus filhos, olhastes para mim pobre e miseravel, e Deos olhará para vós!.. ah! recebei a benção de um moribundo!.. recebei-a, e sahi para não vel-o expirar!...

Isto, dizendo, apertou nossas mãos com ardor: eu senti então que o velho ardia; senti que seu bafo era como vapôr de agua fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sinto ainda sobre os meus dedos o calor abrazador dos seus, e agora comprehendo que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas crianças.

Emfim nós deixámos aquella triste morada afflictos e admirados: sós, nós pensámos no velho, e chorámos juntos; depois, nas crianças isto não merece reparo, nossa dor se mitigou para cuidarmos em brincar outra vez.

Derepente a menina olhou para mim, e disse:

— E quando minha mãe perguntar pela minha esmeralda?...

Eu cuidei que lhe respondia, e fiz-lhe igual pergunta:

— E quando meu pai perguntar pelo meu camafeu?

Ficámos olhando um para o outro : passados alguns instantes, minha linda mulher, que me parecê-ra estar pensando, disse sorrindo-se :

— Eu vou pregar uma mentira.

— E qual ?...

— Eu direi a minha mãe que perdi a minha esmeralda na praia.

— E eu responderei a meu pai que perdi o meu camafeu nas pedras.

— Elles mandarão procurar sem-duvida...

— E não os achando, esquecer-se-ão d'isso.

— E os breves ?...

— E os breves ?...

— Nós os guardaremos ?...

— O velho disse que sim.

— Para que será isto ?...

— Diz que é para nos casarmos quando formos grandes.

— Pois então nós os guardaremos.

— Oh ! eu o prometto.

— Eu o juro.

N'este momento soou Ave-Maria.

— Tão tarde ! (exclamou a menina) minha mãe ralhára comigo !

E dizendo isto, correu, esquecendo-se até de despedir-se de mim. Esse fatal descuido acabava de entristecer-me, quando ella já de longe voltou-se para onde eu estava, e mostrando-me o breve branco, gritou :

— Eu o guardarei !...

Pela minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta ; e pois mostrei-lhe o meu breve verde, e gritei-lhe tambem :

— Eu o guardarei !...

Aqui parou Augusto para respirar ; tão cansado estava com a longa narração : porém ergueu-se logo, ouvindo ruido á entrada da gruta.

— Alguem nos escuta (disse elle).

— Foi talvez uma illusão (respondeu a digna hospeda).

— Não, minha Sra.; eu ouvi distinctamente a bulha que faz uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando em derredor d'ella).

— Então ?... (perguntou a Sra. D. Anna.)

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguma pessoa ?...

— Apenas lá vejo sua bella neta, a Sra. D. Carolina, pensativa e recostada a effigie da Esperança.



VIII.

Augusto proseguindo.



A avó de Felippe quiz tomar por sua vez a palavra; porém o estudante lhe fez ver que ainda muito faltava para o fim de suas historias, e voltando de novo ao seu lugar, continuou :

— O acontecimento que acabo de relatar, minha Sra., produziu vivissima impressão no meu espirito ; ajudado por minha memoria de menino de trese annos, apenas entrei em casa, eserevi, palavra por palavra, quantome havia aconteeido: isto me tirou o trabalho de mentir ; porque, adormecendo sobre o papel que acabava de escrever, meu pai o leu á sua vontade, e soube o destino do camafeu, sem precisar que lhe eu dissesse. Elle ainda estava junto de mim quando despertei, exclamando — o meu breve !.. o velho !.. minha mulher !..

— Anda, doudinho : (disse-me meu pai com bondade) eu te perdoo tuas novas loucuras, em louvor da

acção que praticaste soccorrendo um velho enfermo; agora, guarda, eu t'ó peço, e mesmo t'ó mando, guarda melhor esse breve, do que guardaste o camafeu.

E isto dizendo, deixou-me.

Não se fallou mais n'este acontecimento. Soube que o velho morrêra no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada e a mim.

Meu pai fez todas as despesas do enterro do velho, e soccorreu sua desgraçada familia.

Eu nunca mais vi, nem soube noticia alguma de minha interessante camarada; mas nem porisso a esqueci, minha Sra.; porque, ou seja que meu coração a tivesse amado devêras, ou que esse breve tivesse em si alguma cousa de encantador, o certo é que eu ainda hoje me lembro com saudades d'essa criança tão travessa, porém tão bella. Sem saber seu nome, pois nem lh'ó perguntei, nem ella m'ó disse, quando quero fallar a seu respeito, digo — minha mulher! — Riem-se.... não me importa; eu não posso dizer de outro modo.

Sempre com sua imagem na minha alma, com seu engraçado sorriso diante de meus olhos, com suas sonoras palavras soando a meus ouvidos, passei cinco annos pensando n'ella de dia, e com ella sonhando de noite: era uma loucura; mas que havia eu de fazer?... Cheguei assim aos meus dezoito annos.

Eu já era pois um mancebo: meus pais nada poupavão para me educar convenientemente: aprendia quanto me vinha á cabeça; dizião que minha voz era sonora, e por tal convidavão-me para cantar em elegantes sociedades; julgavão que eu dançava com gra-

ça, e lá ia eu para os bailes ; finalmente, como cheguei a fazer algumas quadras, pedião-me para recitar sonetos em dias de annos: assim introduzirão-me em mil reuniões, onde as bellezas formigavão, e os amores crão durdejados por brilhantes olhos de todas as cores.

Além d'isto frequentava as casas de meus compañeros dos estudos, e os ouvia contar proezas de paixões, triumphos, e derrotas amorosas. Meu amor proprio se despertou ; tive vontade de amar e ser amado.

Julguei esta minha determinação ainda mais justa; pois, tendo ido passar certas ferias na roça, e lá fallando mil vczes no meu breve e em minha mulher, ouvi a minha mãe dizer uma vez, em que me julgava longe:

— Temo que esse breve tire o juizo áquelle menino: talvez que nos seja preciso casal-o cedo.

Portanto, para não ouvir sómente, mas tambem para contar alguma victoria de amor ; para não endoudecer por causa do breve, e finalmente para não ser necessario a minha mãe casar-me cedo, determinei-me a amar.

— Esqueceu-se por consequencia de sua mulher e do seu breve ! (perguntou a Sra. D. Anna, interrompendo Augusto.)

— Ao contrario, minha Sra.; (tornou este) foi essa minha resolução que me tornou mais firme, e mais amante de minha mulher.

— Não sei (continuou Augusto) que teve o amor comigo para entender que todas as moças devião rir-se de mim, e zombar de meus affectos ! Pensa que brinco, minha Sra.?... pois foi isso mesmo o que me succe-

deu no decurso de minhas paixões : eu resumo algumas.

A primeira moça que amei era uma bella moreninha, de dezeseis annos de idade : fiz-lhe a minha declaração na carta mais pathetica que um pateta poderia conceber : no fim de tres dias recebi uma resposta abrazadora, e cheia de protestos de gratidão e ternura : meu coração se enthusiasmou com isso... Na primeira reunião de estudantes contei a minha victoria, li a minha carta, e a resposta que havia recebido: fui vivamente applaudido ; porém oito dias depois os mesmos estudantes quasi que me quebrarão a cabeça com cacholetas e gargalhadas ; porque, 8 dias bem contadinhos depois d'essa resposta, a minha ternamada casou-se com um velho de sessenta annos. Jurei não amar a moça nenhuma que tivesse a côr morcna.

Apaixonei-me logo, e fui desgraçadamente correspondido por uma interessante joven, tão coradinha que parecia mesmo — uma rosa franceza—. Nós nos encontravamos nas noites dos sabbados em certa casa, onde se dava todas as semanas uma partida : era a mais agradavel sabbatina que podia ter um estudante : porém o meu novo amor chegava a ser tocante de mais : a minha querida levava o ciúme até um ponto que me atormentava prodigiosamente : se passava algum dia em que a não visse, e lhe não mandasse uma flor, apparecia-me depois chorosa e abatida ; se na tal partida eu me atrevia a dançar com alguma outra moça bonita, era contar

com um desmaio certo, e desmaio de que não acordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o seu vidrinho de essencia de rosas ; e tudo o mais por este teor e fórma. Este amor já estava um pouco velho certamente, tinha tres mezes de idade. Um sabbado mandei-lhe prevenir que faltaria á partida ; mas tendo terminado cedo meus trabalhos, não pude resistir aos desejos de vel-a, e fui á reunião : erão onze horas da noite quando entrei na sala : procurei-a com os olhos ; e certo moço, com quem me dava, que me entendeu, apontou para um gabinete visinho : voci para elle.

Ella estava sentada junto de um maneebo, e com as costas voltadas para a porta ; tomavão sorvetes. Cheguei-me de manso : conversavão os dous, sem vergonha nenhuma, em seus amores : fiquei espantado, e tanto mais que, pelo que ouvi, elles já se correspondião ha muito tempo : mas o meu espanto se tornou em furia quando ouvi o machacaz fallar no meu nome, fingindo-se zeloso, e receber em resposta as seguintes palavras : — O Augustozinho ?... Lamente-o antes ; coitado ! é um pobre menino, com quem me divirto nas horas vagas. — Soltei um surdo gemido ; a traidora olhou para mim, e voltando-se depois para o seu querido, disse com o maior sangue frio : — Ora ahi tem ! perdi por sua causa este divertimento.

Jurei não amar moça nenhuma de côr rosada.

Sem emendar-me, ainda tornei-me cego amante de uma joven pallida ; e como das outras vczes, fui cor-

respondido com ardor; mas d'esta tive eu provas de affecto muito serias. Antes de ver-me, ella amava um primo, e até escrevia-lhe a miudo: eu exigi que a minha terceira amada continuasse a receber cartas d'elle, e que as respondesse: consentiu n'isso, com a condição de eu lhe redigir as respostas.—Bello! (disse comigo) vou tambem divertir-me por minha vez, á custa de um amante infeliz! — E o negocio ficou assentado.

Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada; mas essa era a infelicidade mais toleravel possivel.

Um dia tratámos de encontrar-nos em certa Igreja, onde tinha de haver esplendida festa: cheguei cedo; mas, logo depois da minha chegada, rebentou uma tempestade, e choveu prodigiosamente: pouco durou o máo tempo; porém as ruas deverião ter ficado alagadas, e a bella esperada não podia vir: apesar d'isso, eu olhava a todos os momentos para a porta, e, cousa notavel! sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigião tambem para lá: finalmente já nos riamos de semelhante coincidencia: acabada a festa, ambos nos approximámos.

— Nós devemos ser amigos (disse elle).

— Eu penso do mesmo modo (respondi).

E apertámos as mãos.

— Sou capaz de jurar que adivinho a razão por que o Sr. olhava tanto para aquella porta (continuou elle).

— E eu tambem.

— Convenho : esperavamos ambos nossas amadas, e a chuva mangou com nosco.

— Exactamente.

— Mas nós vamos sem-duvida vingar-nos, indo agora vel-as á janella.

— Eu queria propor a mesma vingança.

— Bravo!... iremos juntos : onde mora a sua?..

— Na rua de...

— Ainda melhor : a minha é na mesma rua.

Sahimos da Igreja; abraçámo-nos, e fomos : a minha amada morava perto : eu a avistei debruçada na janella, talvez me esperando, pois olhava para o lado d'onde eu vinha : abri a boca para dizer ao meu novo amigo — é aquella ! — quando elle me pronunciou com indizivel prazer—é aquella ! — Julgue, minha Sra., da minha exasperação! pela terceira vez eu era a boneca de uma menina!...

Não sei porque, ainda tive animo de tirar o meu chapéo á tal pallida, que ao menos d'essa vez se fez côr de rosa, talvez por ver-me de braço com o meu novo amigo.

Passando a maldita casa, Jorge, que assim se chamava o moço, disse-me com fogo :

— Aquella joven adora-me !

— Está certo d'isso, meu amigo ?

— Tenho provas.

— Acredita muito n'ellas ?

— Tenho as mais fortes ; por ultimo recebi ainda a de maior confiança : eu lhe conto. Um estudante a requestou, e escreveu-lhe ; ella mandou-me a carta,

e eu respondi em seu lugar : a correspondencia tem continuado por minha vontade, e sou eu quem sempre faço a norma das cartas que ella deve escrever : achará isto imprudencia, e eu acho um bello divertimento.

— Sim... um bello divertimento...

— Mas que é isto ? está tão pallido !...

— Não é cousa de cuidado.... Eu.... ora.... o estudante...

— É por certo um famoso pateta...

— Não é bom ir tão longe...

— Não tem duvida... é tolo rematado.

— Falle-me a verdade : eu acho aquella moça com cara de ser sua prima.

— Quem lhe disse ? !..... é com effeito minha prima.

— Pois vamos á minha casa.

— E a sua amada ?...

— Não me falle mais n'ella.

Apenas chegámos á minha casa, abri a minha gaveta, e tirando d'ella todas as cartas que Jorge havia escripto á sua prima, e que ella me tinha mandado, assim como as normas que eu redigira para as que devcrião ser enviadas ao priminho, as entreguei ao meu amigo, accrescentando :

— Concordemos ambos que, se o estudante foi um famoso pateta e um tolo rematado, não o foi menos o primo d'aquella Sra. a quem cortejámos na rua de....

Jorge devorou todas as cartas e normas que lhe

dei ; depois desatou a rir e abraçando-me exclamou :

— Concordemos também, caro estudante, que minha prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo, sem se incommodar com o trabalho da redacção de suas cartas !...

O bom humor de Jorge tornou-me alegre: jantámos juntos, rimo-nos todo o dia, e só de noite se retirou.

Tratei de dormir ; mas, antes de adormecer, fallei ainda comigo mesmo : — Juro que não heide amar a moça nenhuma de côr pallida.

Desde então declarei guerra ao amor, minha Sra.; tornei-me ao que era d'antes ; isto é, occupi-me sómente em me lembrar de minha mulher, e em beijar o meu breve.

Mas eu andava triste e abatido ; e ás vezes pensava assim : — Ora pois ; jurei não amar moça nenhuma que fosse morena, corada ou pallida : estas são as côres, estes são os typos da belleza... e portanto minha mulher terá, a pezar meu, uma das taes côres; logo não me caso com minha mulher, e em ultima conclusão serci sempre celibatario ; vou ser frade..... frade !....

Minha tristeza, meu abatimento deu nos olhos da digna, jovial e espirituosa esposa de um de meus bons amigos : ella me pediu que lhe confiasse minhas penas, e eu não pude deixar de relatar estes tres factos á consorte de um caro amigo.

A unica consolação que obtive foi vêl-a correr para

o piano, e ouvil-a cantar as seguintes e outras quadrinhas musicadas no gosto nacional.

I.

Menina solteira
Que almeja casar
Não caia em amar
A homem algum ;
Nem seja notavel
Por sua esquivança,
Não tire a esperança
De amante nenhum.

II.

Mereção-lhe todos
Olliares ardentes ;
Suspiros ferventes
Bem pôde soltar :
Não negue a nenhum
Protestos de amor ;
A qualquer que fôr
O pôde jurar.

III.

Os velhos não devem
Formar excepção,
Porquanto elles são
Um grande partido ;
Que, em falta de moço
Que fortuna faça,
Nunca foi desgraça
Um velho marido.

IV.

Ciumes e zelos,
Amor e ternura
Não será loucura
Fingida estudar ;
Assim ganhar tudo
Moças se tem visto ;
Serve muito isto
Antes de casar.

V.

Contra os ardilosos
Opponha seu brio ;
Tenha sangue frio
P'ra saber fugir :
Em todos os casos
Sempre deve estar
Prompta p'ra chorar,
Prompta para rir.

VI.

Póde bem a moça,
Assim praticando,
Dos homens zombando,
A vida passar ;
Mas, se apparecer
Algum toleirão,
Sem mais reflexão
É logo casar.

— Então o negocio é assim, minha Sra. ? (exclamei eu, ao vê-la levantar-se do piano.)

— Certamente, (me respondeu ella) é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde resa a totalidade das moças.

— Fico-lhe extremamente agradecido pelo desengano.

— Estimo que lhe sirva de muito.

— Já serve, minha Sra.; já tirei grande proveito d'elle

— E como ?...

— Escute : abatido e desesperado com os meus infortunios, eu tinha jurado não amar a mais nenhuma moça que fosse morena, corada ou pallida : estavam pois csgotados os bellos typos... eu deveria morrer celibatario.

— E agora ?...

— Agora ?... graças ao seu lundú, juro que de hoje avante amarei a todas ellas... Morenas, coradas, pallidas, magras e gordas, cortezãs ou roceiras, feias ou bonitas... tudo serve.

E com effeito, minha Sra., (continuou Augusto, dirigindo-se á Sra. D. Anna) fiz-me absolutamente um ser novo, graças ao lundú ; guardando e beijando com desvelo o meu querido breve, que sempre comigo trago, eu conservo a lembrança mais terna e constante de minha travêssa, bella e amada mulher: ella é o amor de meu coração, emquanto todas as outras são o divertimento de meus olhos, e o passa-tempo de minha vida.

Eis finalmente a historia de meus amores ; taes forão as razões que me tornarão borboleta de amor.

Terminando assim , Augusto ia respirar um instante, quando pela segunda vez lhe pareceu ouvir ruído na porta da gruta.

— Alguem nos escuta (disse elle, como da outra vez).

— É talvez uma nova illusão... (respondeu a digna hospeda.)

— Não, minha Sra. ; eu ouvi distinctamente a bulha de uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando ao derredor d'ella).

— Então?... (perguntou a Sra. D. Anna.)

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguem?...

— Apenas lá vejo sua bella neta, a Sra. D. Carolina, que se precipita com a maior graça do mundo sobre uma borboleta , que lhe vôa , e que ella procura prender.

— Uma borboleta !....



IX.

A Sra. D. Anna com suas historias.



Finalmente o bom do estudante, que, quando lhe dava para fallar, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do artigo 1.º dos orçamentos, julgou dever fazer pausa de suspensão, mas a Sra. D. Anna, que já tinha-o por vezes interrompido fóra de tempo e debalde, não quiz tomar a palavra para responder, sem segurar-se, dirigindo-lhe estas palavras pela ordem :

— Então concluiu, Sr. Augusto ?...

— Sim, minha Senhora ; e peço-lhe perdão por me haver tornado incommodo, pois fui sem-duvida tão minucioso em minha narração, que eu mesmo tanto me fatiguei que vou beber uma gota d'agua.

E isto dizendo, foi ao fundo da gruta, e enchendo o copo de prata na bacia de pedra, o esgotou até o fim ; quando voltou os olhos, viu que a boa hospeda estava sorrindo-se maliciosamente.

— Sabe de que me estou rindo?... (disse ella.)

— Certamente que não o adivinho.

— Pois estava n'este momento lembrando-me de uma tradição muito antiga, seguramente fabulosa, mas bem apropositada, d'essa fonte, e que tem muita relação com a historia de seus amores, e o copo d'agua que acaba de beber.

— V. S. põe em tributo a minha curiosidade....

— Eu o satisfaço com todo o prazer.

A Sra. D. Anna principiou.

As lagrimas de amor.

Eu lhe vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual ouvi de minha avô, que em pequena aprendeu de um velho gentio que n'esta ilha habitava.

Era no tempo em que ainda os Portuguezes não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Sancta Cruz: esta pequena ilha abundava de bellas aves, e em derredor pescava-se excellente peixe. Uma joven Tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração; uma joven Tamoya linda e sensivel tinha por habitação esta rude gruta, onde inda então não se via a fonte que hoje vemos: ora, ella, que até aos quinze annos era innocente como a flor, e porisso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se timida, e depois triste como o gemido da rola: a causa estava no agradavel parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha; e vinte vczes já o havia feito sem que uma

só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça : o nome d'elle era Aoitin ; o nome d'ella era Ahy. — A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que elle matava , ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha : quando no fim de seus trabalhos Aoitin ia adormecer na gruta , ella entrava de manso, e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido : mas tantos extremos erão tão mal pagos, que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço, e fazer por esquecel-o ; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe, nem o esqueceu.

Desde então tomou outro partido; chorou. Ou porque sua dor era tão grande que lhe podia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

E porque tambem nas lagrimas de amor ha, como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da esperança, a moça julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar amargores, a esperança que no pranto lhe addicionava a doçura; e tendo de exprimir a doçura, Ahy cantou.

Seu canto era triste e selvagem ; mas era terno canto : dizem que um velho Frade Portuguez, ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduziu para nossa lingua, e fez d'elle uma balada, a qual minha neta canta.

Todos os dias, ao romper d'aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin : mal avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras sem descanso, até que se partia o barbaro, que nunca d'ella dava fé, nem mesmo quando, dormindo na gruta, o canto lhe soava sobre a cabeça.

Mas Ahy era tão formosa, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não pôde vencer do insensível moço, pôde do bruto rochedo : com effeito seu canto havia amollecido a rocha, e suas lagrimas a traspassarão.

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava e chorava, e nunca elle attendia.

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem ; uma vez veio Aoitin, e como das outras, não olhou para Ahy, nem lhe escutou as sentidas cantigas ; entregou-se a seus prazeres, e quando se sentiu fatigado entrou na gruta, e adormeceu n'um leito de verde relva : mas, ao tempo que em mais socego dormia, duas gotas das lagrimas de amor, que tinham passado atravez do rochedo, cahirão-lhe sobre as palpebras que lhe cerravão os olhos : Aoitin despertou, e tomando suas flechas, correu para o mar ; mas, saltando dentro de sua piroga, e afastando-se da ilha, elle viu sobre o rochedo a joven Ahy, e disse bem alto :

— Linda moça !

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem ; mas não ouviu ainda o canto d'el-

la: depois de caçar veio, como sempre, adormecer na gruta ; e d'essa vez a gota de lagrimas lhe veio cahir no ouvido ; e na volta não só admirou a belleza da joven, como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto :

— Voz sonora!

Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy, caçou e cansou; veio repousar na gruta, e d'essa vez a gota de lagrimas lhe cahiu no lugar do coração ; e quando voltava, disse bem alto :

— Sinto amar-te !

Ora , parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin, confessando tambem o seu amor tão antigo ; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilisada : a mulher deseja ser amada, fingindo não amar ; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava : e pois Ahy nada respondeu ; mas riu-se, e suas lagrimas secarão : porém já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.

No dia seguinte veio Aoitin, e viu a sua amada, que já não cantava, nem chorava : mesmo antes de abicar á praia, foi clamando :

— Sinto amar-te !

E Ahy não respondeu, e só sorriu-se.

Nada de caça... nada de pesca... já o insensivel era escravo, e não vivia longe do encanto que o prendia ; correu pois para a gruta, deitou-se; mas não dormiu. Quem ama não dorme ; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava

em fogo: — era a febre do amor... Aoitin teve sede; a dous passos viu a fonte que manava; correu aco-
 dado para ao pé d'ella, e ajuntando suas duas mãos,
 foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago que
 bebia, um raio de esperança lhe brilhava; quando a
 sede foi saciada, já estava feliz; a fonte era mila-
 grossa.

As lagrimas de amor, que haviam tido o poder de
 tornar amante o insensivel mancebo, não puderão
 esconder a sua origem, e fizeram com que Aoitin co-
 nhecesse que era amado.

Então elle não mais buscou sua piroga; sahindo
 da gruta, fez um rodeio, e foi de manso trepando pelo
 rochedo, até chegar junto de Ahy, que, com os olhos
 na praia do lado opposto, esperava ver partir o seu
 amante, e ouvir seu bello grito:

— Sinto amar-te!

Mas derepente ella estremeceu, porque uma mão
 estava sobre seu hombro; e quando olhou, viu Aoi-
 tin, que sorrindo-se lhe disse, de um tom seguro e
 terno:

— Tu me amas?

Ahy não respondeu; mas tambem não fugiu dos
 braços de Aoitin, nem ficou devendo o beijo que
 n'esse instante lhe estalou na face.

Desde então forão felizes ambos na vida, e foi n'u-
 ma mesma hora que morrerão ambos.

A fonte nunca mais deixou de existir, e ha inda
 quem acredite que por desconhecido encanto conser-
 va duas grandes virtudes.

Dizem pois que quem bebe d'esta agua não sai da nossa ilha sem amar alguém d'ella, e volta por força em demanda do objecto amado ; e em segundo lugar, querem tambem alguns que algumas gotas bastão para fazer a quem as bebe adivinhar os segredos de amor.

— Terminci aqui a minha historia (disse a Sra. D. Anna, respirando).

— E eu sou capaz de jurar (disse Augusto) que pe'la terceira vez sinto o ruido de alguém que se retira correndo.

— Pois examine depressa.

Augusto correu á porta, e voltou logo depois.

— E então?... (perguntou a Sra. D. Anna.)

Ninguem (respondeu o estudante).

— E vê alguém no jardim? ..

— Apenas a Sra. D. Carolina, que vai apressadamente subindo pelo rochedo.

— Sempre minha neta!...

—E eu, minha Sra., tenho que pedir-lhe uma graça.

— Diga.

— Rogo-lhe que por sua intervenção me facilite o prazer de ouvir sua linda neta cantar a balada de Ahy, que tanto me interessou com seu amor.

— Oh!... não carece pedir: não a ouve cantar sobre o rochedo?... É' a balada.

— Será possível?!

— Adivinhou o seu pensamento.



X.

A balada no rochedo.



A hospeda e o estudante deixarão então a gruta, e tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, virão a bella Moreninha em pé, e voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que cahiam pelas espadoas, e cantando com terna voz o seguinte :

I.

Eu tenho quinze annos,
E sou morena e linda !
Mas amo, e não me amão,
E tenho amor ainda.
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

II.

O riso de meus labios
Ha muito que murchou ;
Aquelle que eu adoro,
Ah ! foi quem o matou :
Ao riso, que morreu,
O pranto succedeu.

III.

O fogo de meus olhos
De todo se acabou ;
Aquelle que eu adoro
Foi quem o apagou :
Onde houve fogo tanto
Agora corre o pranto.

IV.

A face côr de jambo
Emfim se descorou ;
Aquelle que eu adoro,
Ah ! foi que a desbotou.
A face tão rosada
De pranto está lavada !

V.

O coração tão puro
Já sabe o que é amor ;
Aquelle que eu adoro
Ah ! só me dá rigor :
O coração no entanto
Desfaz o amor em pranto.

VI.

Diurno aqui se mostra
Aquelle que eu adoro ;
E nunca elle me vê,
E sempre o vejo e choro :
Por paga a tal paixão
Só lagrimas me dão !

VII.

Aquelle que eu adoro
 É qual rio que corre,
 Sem ver a flor pendente
 Que á margem murcha e morre.
 Eusou a pobre flor
 Que vou murchar de amor.

VIII.

São horas de raiar
 O sol dos olhos meus ;
 Mão sol ! queima a florzinha
 Que adora os raios seus:
 Tempo é do sol raiar,
 E é tempo de chorar.

IX.

Lá vem sua piroga
 Cortando leve os mares ;
 Lá vem uma esperança,
 Que sempre dá pezares :
 Lá vem o meu encanto,
 Que sempre causa pranto.

X.

Emfim abica á praia,
 Emfim salta apressado,
 Garboso como o cervo
 Que salva alto vallado:
 Quando hade elle cá vir
 Só p'ra me ver sorrir ?...

XI.

Lá corre em busca de aves
 A selva que lhe é chara,
 Ligero como a seta
 Que de arco seu dispara :
 Quando hade elle correr
 Sómente p'ra me ver ?...

XII.

Lá vem do feliz bosque
 Cansado de caçar ;
 Qual beija-flor, que cansa
 De mil flores beijar :
 Quando hade elle cansado
 Descansar a meu lado ?...

XIII.

Lá entra para a gruta,
 E cai na rude cama, !
 Qual flor de bellas côres,
 Que cai do pé na gramma :
 Quando hade n'esse leito
 Dormir junto a meu peito ?...

XIV.

Lá subito desperta,
 E na piroga embarca,
 Qual sol que, se occultando,
 O fim do dia marca :
 Quando heide este sol ver
 Não mais desaparecer ?...

XV.

Lá vóa na piroga,
 Que o rasto deixa aos mares,
 Qual sonho que se esvai,
 E deixa após pezares :
 Quando hade elle cá vir
 P'ra nunca mais fugir ?...

XVI.

Oh barbaro ! tu partes,
 E nem sequer me olhaste ?...
 Amor tão delicado
 Em outra já achaste ?...
 Oh barbaro ! responde,
 Amor como este aonde ?...

XVII.

Sómente p'ra teus beijos
 Te guardo a boca pura ;
 Em que labios tu podes
 Achar maior doçura ?...
 Meus labios, murchareis,
 Seus beijos não tereis.

XVIII.

Meu collo alevantado
 Não valem teus abraços ?...
 Que collo ha mais formoso,
 Mais digno de teus braços ?...
 Ingrato ! mórreici....
 E não te abraçarei.

XIX.

Meus seios entonados
 Não podem ter valia ?..
 Desprezas as delicias
 Que n'elles te off'recia ?
 Pois hãode os seios puros
 Murcharem prematuros ?

XX.

Não sabes que me chamão
 A bella do deserto ?...
 Empurras para longe
 O bem que te está perto ?...
 Só pagas com rigor
 As lagrimas de amor ?...

XXI.

Ingrato ! ingrato ! foge...
 E aqui não tornes mais ;
 Que, sempre que tornares,
 Terás de ouvir meus ais ;
 E ouvir queixas de amor,
 E ver pranto de dor !...

XXII.

E se amanhã vieres,
 Em pé na rocha dura
 Starei contando aos ares
 A mal paga ternura....
 Cantando me ouvirás,
 Chorando me acharás !...



XI.

Travessuras de D. Carolina.



Mas ella não pára ; o movimento é a sua vida : esteve no jardim , em toda a parte ; cantou de sobre o rochedo, e eil-a outra vez no jardim ! infatigavel, apenas suas faces se corarão com o rubor da agitação : travessa menina !... porém ella tempera todas as travessuras com tanta viveza, graça e espirito, que menos valêra, se não fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma se não tenham esvaído as idéas desfavoraveis que á primeira vista produziu o genio inquieto de D. Carolina. O mesmo Augusto não pôde resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, disserão duas palavras sobre ella.

— Então, como a achas agora ?... (disse Leopoldo, apontando para a irmã de Felippe.)

— Interessante, espirituosa, e capaz de levar a gloria ao mais destro cassuista. Olha ; Fabricio vê-se doudo com ella.

- Só isso ?...
- Acho-a bonita.
- Nada mais ?...
- Tem voz muito agradável.
- É tudo o que pensas ?...
- Tem a boca mais engraçada que se pôde imaginar.
- Só ?...
- Muito esbelta.
- Que mais ?
- E tão ligeira como um juramento de mulher.
- Dize tudo de uma vez.
- Pois que queres mais que eu diga ?
- Que a amas, que dás o cavaco por ella.
- Amal-a ? ! não faltava mais nada : amo-a como amo as outras... isso sim.
- Pois, meu amigo, todos nós estamos derrotados; o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos : se de novo se fizer a saúde que hoje fizemos, todos, á excepção de Felippe, pronunciarão a letra C...
- Também Fabricio ?
- Ora ! esse está doente... perdido... doudo emfim!
- E ella ?
- Zomba de todos nós; cada comprimento que lhe endereçamos paga ella com uma resposta que não tem troco, e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não disseste nada ?
- Cousas vãs... e palavras da tarifa.
- E ella ?...
- Palavras da tarifa... e cousas vãs.

— Pois é opinião geral que ella te prefere a todos nós.

— Tanto melhor para mim.

— E peor para ella : mas... adeos ! o meu lindo par se levanta do banco de relva, em que descansava; vou tomar-lhe o braço : tenho-me singularmente divertido; a bella Sra. é philosopha... faze idéa !... já leu Mary de Wollstonecraft; e como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se comigo porque lhe pedi uma commenda, para quando fosse Ministra de Estado, e a patente de Cirurgião de exercito, no caso de chegar ella a ser General; mas emfim. fez as pazes; pois lhe prometti que, apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá, em lugar das maçadas de pontes, estradas e canaes, promoveria a discussão de uma mensagem ao Governo Geral em prol dos taes direitos das mulheres; alem de que.... Mas... tu bem vêes que ella me está chamando : adeos... adeos...

No entanto D. Carolina continuava a captivar todos os olhares e atenções : tinham notado, é verdade, que ella estivera alguns momentos recostada á effigie da Esperança, triste e pensativa : Fabricio jurava mesmo que a vira enxugar uma lagrima; mas logo depois desapareceu completamente a menor apparencia de tristura, tornou a brilhar o prazer em ebullição.

Todos tinham tido seu quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças maliciosas da menina. Ninguem havia escapado: Fabricio era a victima predilecta; porquê tambem foi elle o unico que se atreveu a travar luta com ella.

Finalmente D. Carolina acabava de entrar outra vez no jardim, depois de ter cantado sua balada. De todos os lados soavão-lhe os parabens ; mas ella escapou a elles, correndo para junto de uma roseira, toda coroada por suas bellas e rubras flores.

Fabricio, que ainda não estava sufficientemente castigado, e que alem d'isso começava a gostar seu tantum da Moreninha, se dirigiu com D. Joanninha para o lado em que ella se achava.

— É deeeididamente o que eu pensava ; (disse Fabricio, quando se viu ao pé de D. Carolina, e dirigindo-se a D. Joanninha) sim... sua bella prima ama as rosas exclusivamente.

— Conforme as occasiões e circumstaneias (respondeu a menina).

— Poderia eu merecer a honra de uma explicação? (perguntou Fabricio.)

— Com toda a justiça, e (continuou D. Carolina, rindo-se) tanto mais que foi a V. S. que me dirigiu. Eu queria dizer que entre um beijo de frade, ou um cravo de defunto, e uma rosa, não hesito em preferir a ultima.

Fabricio fingiu não entender a allusão, e continuou:

— Todavia não é sempre bem pensada semelhante preferencia : a rosa é como a belleza ; encanta, mas espinha : V. S. o sabe ; não é assim ?

— Perfeitamente ; mas tambem não ignoro que a rosa só espinha quando se defende de alguma mão impertinente, que vem perturbar a paz de que goza : V. S. o sabe ; não é assim ?

— Oh ! então a Sra. D. Carolina foi bem imprudente em quebrar esta rosa com que brinca, expondo assim seus delicados dedos ; e bem cruel tambem em fazel-a murchar de inveja, tendo-a defronte de seu formoso semblante.

— Pela minha vida, meu charo Sr. ! nunca vi pedir uma rosa com tanta graça : quer servir-se d'ella !...

— Seria a mais appetecivel gloria...

— Pois aqui a tem... Querida prima, nada de ciu-
mes.

E Fabricio, recebendo o bello presente, em vez de olhar para a mão que o dava, attentava em extase o rosto moreno, e o sorrir malicioso de D. Carolina. Ao momento de se encontrar a mão que dava e a que recebia, Fabricio sentiu que lhe apertavão os dedos : seu primeiro pensamento foi crer que era amado ; mas logo se lhe apagou esse raio de vaidade ; poisque elle retirou vivamente a mão, exclamando involuntariamente :

— Ai ! feri-me !...

Era que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos da rosa. Mas a flor tinha cahido na relva : Fabricio, já menos desconcertado, a levantou com presteza, e encarando a irmã de Felippe, disse-lhe em tom meio vingativo :

— Foi um combate sanguinolento ; mas ganhei o premio da victoria.

— Pois feriu-se ?... (perguntou D. Carolina, chegando-se com fingido cuidado para elle.)

— Nada foi, minha Sra. : comprei uma rosa por algumas gotas de sangue... valeu a pena.

— Maldita rosa ! (exclamou a Moreninha theatralmente) maldita rosa ! eu te amaldição !...

É dando um piparote na innocente flor, a desfolhou completamente : não ficou na mão de Fabricio mais que o verde calix. D. Carolina correu para junto de sua digna avó : o pobre estudante ficou desconcertado.

— E esta ! (murmurou elle emfim.)

— Foi muito bem feito (disse D. Joanninha, cheia de zelos, e dando-lhe um beliscão, que o fez ir ás nuvens).

— Perdão, minha Sra.; seja pelo amor de Deos ! (exclamou Fabricio, que se via batido por todos os lados.)

No entanto começava a declinar a tarde : uma voz reuniu todas as Sras. e Srs. em um só ponto : servia-se o café n'um bello caramanchão ; mas, como fosse elle pouco espaçoso para conter tão numerosa sociedade, ali só se abrigarão as Sras. , enquanto os homens se conservavão da parte de fóra.

Escravas decentemente vestidas offerecião chavanas de café fora do caramanchão, e apezar d'isso D. Carolina se dirigiu com uma para Fabricio, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabricio ; vejo que deve estar muito agastado comigo, e venho trazer-lhe uma chavana de café temperado pela minha mão.

Fabricio recuou um passo, e collocou-se á ilharga de Augusto : elle desconfiava das tenções da menina: sua primeira idéa foi esta — o café não tem assucar.

Então começou entre os dous um duello de cere-

monias, que durou alguns instantes ; finalmente o homem teve de ceder á mulher. Fabricio ia receber a chavana, quando esta estremeceu no pires... D. Carolina, temendo que sobre ella se entornasse o café, recuou um pouco... Fabricio fez outro tanto : a chavana, ainda mal tomada, tombou ; o café derramou-se inopinadamente : Fabricio recuou ainda mais com vivacidade ; mas, encontrando a raiz de um chorão que sombreava o caramanchão, perdeu o equilibrio, e cahiu redondamente na relva.

Uma gargalhada geral applaudiu o successo.

— Fabricio espichou-se completamente !... (exclamou Felippe.)

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade corrido do que acabava de sobrevir-lhe : as risadas continuavão, as terriveis consolações o atormentavão, todas as Sras. tinhão sahido do caramanchão, e rião-se por sua vez desapiedadamente : Fabricio daria muito para se livrar dos apuros em que se achava, quando derepente soltou tambem a sua risada, e exclamou :

— Vivão as calças de Augusto !!!

Todos olhárão. Com effeito Fabricio tinha encontrado um companheiro na desgraça : Augusto estava de calças brancas, e a maior porção do café entornado havia cahido n'ellas.

Continuárão as risadas ; redobráráo os motejos. Duas erão as victimas.



XII.

Meia hora em baixo da cama.



Não tardou que Felippe, como bom amigo e hospede, viesse em auxilio de Augusto. Em verdade que era impossivel passar o resto da tarde e a noite inteira com aquella calça manchada pelo café ; e portanto os dous estudantes voárão á casa. Augusto, entrando no gabinete destinado aos homens , ia tratar de despir-se, quando foi por Felippe interrompido.

— Augusto, uma idéa feliz ! vai vestir-te no gabinete das moças.

— Mas que especie de felicidade achas tu n'isso ?

— Ora ! pois tu deixas passar uma tão bella occasião de te mirares no mesmo espelho em que se ellas mirão ?... de te aproveitares das mil commodidades, e das mil superfluidades que formigão no toucador de uma moça ?.. Vai... sou eu que t'ó digo : alli acharás banhas e pomadas, naturaes de todos os paizes ; oleos aromaticos, essencias de formosura, e de todas as

qualidades ; aguas cheirosas, pó's vermelhos para as faces e para os labios, baèta fina para esfregar o rosto e enrubecer as pallidas ; escovas e escovinhas, flores murchas e outras viçosas...

— Basta, basta ; eu vou: mas lembra-te que és tu quem me fazes ir. e que o meu coração adivinha.

— Anda, que o teu coração sempre foi um pedaço d'asno.

E isto dizendo, Felipe empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi ajuntar ao rancho d'ellas.

Ai do pobre Augusto !... mal tinha acabado de tirar a calça e a camisa, que tambem se achava manchada, sentiu rumor, que fazião algumas pessoas que entravão na sala.

Augusto conheceu logo que erão moças, porque estes anginhos, quando se ajuntão, fazem conversando matizada tal que a um quarto de legua se deixão adivinhar : se é sedição e mesmo insolito comparal-os a um bando de lindas maitacas, não ha remedio se não dizer que muito se assemelhão a uma orchestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

Ora o nosso estudante estava, por sua esdruxula figura, incapaz de apparecer a pessoa alguma: em ceroulas, e nu da cintura para cima, fãria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei que mais, ao bello povinho que acabava de entrar em casa, e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos ; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veiu á mente : ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ella em baixo

do braço escondeu-se atraz de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando que cedo se veria livre de tão intempestiva visita : mas, ainda outra vez, pobre estudante!..... teve logo de agacharse, e espremer-se para baixo da cama ; pois quatro moças entrárão no quarto. E erão ellas D. Joanninha, D. Quinquina, D. Clementina, e uma outra, por nome Gabriela, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada, e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que já acreditava que era, isto é, bonita.

Depois que todas quatro se mirárão, e compuzerão cabellos, enfeites, e mil outros objectos, que estavam todos muito em ordem, mas que as mãoszinhas d'estas quatro *demoiselles* não puderão resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar; forão, por mal dos peccados de Augusto, sentar-se da maneira seguinte :—D. Clementina e D. Joanninha na cama, em baixo da qual elle estava ; D. Quinquina de um lado, em uma cadeira ; e D. Gabriela exactamente defronte do espelho, do qual não tirava os olhos, em outra cadeira, que, apesar de ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incommodo toda a collecção de saias, saiotas, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchimentos, que lhe fazião de supplemento á natureza, que com D. Gabriela, segundo suas proprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos.

Depois de respirar um momento, as meninas, jul-

gando-se sós, começãrão a conversar livremente, em quanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, coberto de têas de aranha, e suando suores frios, comprimia a respiração, e conservava-se mudo e quedo, medroso de que o mais pequeno ruido o pudesse descobrir: para seu mór infortunio, a barra da cama era incompleta, e havia seguramente dous palmos e meio de altura descobertos, por onde, se alguma das moças olhasse, seria elle impreterivelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo saltou-lhe uma pulga á ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse, a teimosa continuou a chuchal-o com a mais descarada impunidade.

— Antes mil vezes cinco sabbatinas seguidas, em tempo de barracas no Campo !... (dizia elle com sig.)

Mas as moças fallão já ha cinco minutos: façamos por colher algumas bellezas; o que é na verdade um pouco difficil; pois, segundo o antigo costume, fallão todas quatro ao mesmo tempo. Todavia alguma cousa se aproveitará.

— Que calor !... (exclamou D. Gabriela, affectando, no abanar de seu leque, todo o donaire de uma Hespanhola) oh ! não parece que estamos no mez de julho; mas, por minha vida, vale bem o incommodo que soffremos o regalo que têem tido nossos olhos.

— Bravo D. Gabriela !... então seus olhos...

— Têem visto muita cousa boa: olhe; não é por fallar; mas, por exemplo, ha objecto mais interessante do que D. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?..

— É verdade ! é verdade ! (bradãrão as tres.)

— E nós que a conhecemos! (disse D. Clementina) fóra é o que se vê; e em casa tão escorridinha!... ora, em se sabe onde lhe fica a cintura.

— É um sacco!

— E como é feia!...

— É horrenda!...

— É um bicho!...

— E não vimos a filha do Capitão com sua dentadura postiça?... Agora não faz senão rir!...

— Coitadinha! aperta tanto os olhos!...

— Se ella pudesse arranjar tambem um postiço para o queixo!

— Ora, D. Clementina, não me obrigue a rir!...

— D. Joanninha, vossê reparou no vestido de chalm de D. Carlota?... Quanto a mim, está absolutamente fóra da moda!

— Ainda que estivesse na moda, não ha nada que n'ella assente bem.

— Ora... é um pão vestido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço.

— Um nariz com tal cavallete, que parece o morro do Corcovado!...

— E a boca? ah! ah! ah!

— Parece que anda sempre pedindo boquinhas

— E que lingua que ella tem!

— É uma vibora!

— Eu não sei porque as outras não hãode ser como nós, que não dizemos mal de nenhuma d'ellas.

— É verdade; porque, se eu quizesse fallar...

— Diga sempre, D. Quinquina.

— Não... não quero. Mas, passando a outra cousa...
D. Josefina applaude com razão a moda dos vestidos compridos.

— Porque?...

— Ora.. porque tem pernas de caniço de sacristão.

— Pernas finas também é moda presentemente.

— Deos me livre!... (acudiu D. Clementina) pelo menos para mim nunca deve ser; pois não posso emendar a natureza, que me deu pernas grossas.

— Não lhe fico atrás, juro-lhe eu (exclamou D. Quinquina).

— Nem eu ! nem eu ! (disserão as outras duas.)

— Isso é bom de se dizer ; (tornou a primeira) mas felizmente podemos tirar as duvidas.

— Como?...

— Facilmente : vamos medir nossas pernas.

Ouvindo tal proposição, o nosso estudante, apesar de se ver em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos de maneira que lhe parecia querer saltar das orbitas ; porém D. Gabriela, que não parecia contar muito com sigo, e que só por honra da firma dissera o seu—nem eu! —, veio deixal-o com agua na boca.

— Havia de ser engraçado ! (disse ella) arregaçarmos aqui nossos vestidos.

— Que tinha isso?... (acudiu D. Quinquina) não somos todas moças?... dir-se-ia que não temos dormido juntas.

— É verdade ; (acrescentou Clementina) e além de que, não se veria demais, senão quatro ou cinco saias por baixo do segundo vestido.

— E talvez algum saíote... vamos a isto!

— Não... não... (disse por sua vez D. Joanninha.)

— Pois por mim não era a duvida (tornou D. Clementina, com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito, até tocar com o pé no chão, de modo que ficou á mostra até o joelho).

— Quem me dera já casar!!! (suspirou ella.)

Pobre Augusto!... não te chamarei feliz!... elle vê a um palmo de seus olhos a perna mais bem torneada que é possível imaginar!... atravez da finissima mecia aprecia uma mistura de côr de leite com a côr de rosa, e rematando este interessante painel um pézinho, que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pedindo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria?... não forão beijos o que desejou o estudante outorgar áquelle precioso objecto; veiu-lhe ao pensamento o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada... Quasi que já se não podia suster... já estava de boca aberta e para saltar...; porém, lembrando-se da exotica figura em que se via, metteu a roupa, que tinha enrolada, entre os dentes, e apertando-os com força contra ella, procurava illudir sua imaginação.

— Quem me dera já casar! (repetiu D. Clementina.)

— Isso é facil, (disse D. Gabriela) principalmente se devemos dar credito aos que tanto nos perseguem com finzas. Olhem, eu vejo-me douda! mais de vinte me atormentão! Querem saber o que me sue-

cedeu ultimamente ?... Eu confesso que me correspondo com cinco... isto é só para ver qual dos cinco quer casar primeiro : pois bem; hontem uma preta que vende empadas, e que se encarrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas...

— Logo duas ?...

— Ora pois ; apesar de todas as minhas explicações, a maldita estava de mona ; mesmo dizendo-lhe eu dez vezes — a de lacre azul é do Sr. Joãozinho; e a de verde é do Sr. Juca —, sabem o que fez ?... Trocou as cartas.

— E o resultado ?...

— Eil-o aqui ; (respondeu D. Gabriela, tirando um papel do seio) ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou-me este escrito do Sr. Joãozinho:— Ingrata! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delicto da tua perfidia! Escreves a outro ?? Compareces por tão horrivel crime perante o jury do meu coração ; e bem que tenhas n'esse tribunal a tua belleza por advogada, o meu ciume e justo resentimento, que são os juizes, te condemnão ás perpetuas galés do desprezo; e só te poderás livrar d'ellas, se appellares d'essa sentença para o poder moderador de minha cega paixão.

— Bravo, D. Gabriela ! o Sr. Joãozinho é sem duvida estudante de jurisprudencia !

— Não ; é Doutor.

— Bem mostra pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tola ! conto tudo o que me succede, e ninguem me confia nada !

— Isso é razoavel; (disse D. Clementina) nós devemos pagar com gratidão a confiança de D. Gabriela. Eu começo declarando que estou compromettida com o Sr. Felippe a deixar esta noite, embaixo da quarta roseira da rua do jardim que vai direita ao caramanchão, um embrulhozinho com uma trança de meus cabellos.

— Que asneira !... porque não lhe entrega, ou não lh'o manda entregar ?...

— Ora !... eu tenho muita vergonha... antes quero assim ; até parece romantico.

— São caprichos de namorados ! (fallou D. Quinquina) havia tanto tempo para isso ! mas enfim, de asneiras é que amor se alimenta. Querem ver uma d'essas ?... o meu predilecto está de lucto, e porisso exige que eu vá á festa de.... com uma fita preta no cabello, em signal de sentimento ; exige ainda que eu não valse mais, que eu não tome sorvetes para não constipar, que não dê *dominus tecum* a moço nenhum que espirrar ao pé de mim, e que jamais me ria quando elle estiver serio; e a tudo isso julga elle ter muito direito por ser Tenente da Guarda Nacional ! pois por isso mesmo ando agora de fita branca no cabello, valso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou *dominus tecum* aos moços, mesmo quando elles não espirrão, e não posso ver o Sr. Tenente Gusmão serio sem soltar uma gargalhada.

— Olhem lá o diabinho da sonsa !... (murmurou com sigo mesmo Augusto embaixo da cama.)

— E vossê, mana, não diz nada !... (perguntou ainda ella a D. Joanninha.)

— Eu?... o que heide dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.

— É a unica que ama deveras (pensou o estudante, a quem já doião as cadeiras de tanto agachar-se).

— E o Sr. Fabricio?... e o Sr. Fabricio?... (exclamárão as tres.)

— Pois bem ; (tornou D. Joanninha) é o unico de quem gosto.

— Mas que temos nós feito hoje n'esta ilha?... que triumphos havemos conseguido?... vaidade para o lado, moças bohitas, como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do Sr. Leopoldo; (disse D. Quinquina) mas é uina verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciencia quanta frivolidade vem á cabeça—não direi á cabeça, porque parece que os tolos como que não a têm—porém aos labios de um desenxabido namorado. O tal Sr. Leopoldo... não é graça; eu ainda não vi estudante mais desestudavel.

— Vossê, D. Joanninha, (acudiu D. Clementina) tem-se regalado hoje com o incomparavel Fabricio: não lhe gabo o gosto... só as perninhas que elle tem!..

— Ora, (respondeu aquella) ainda não tive tempo de olhar para as pernas.... mas tambem vossê parece que não se arripia muito com a corcova do nariz de meu primo confessemos, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos..... isso é verdade.

— Pela minha parte não digo nada; (assobiou D.

Gabriela, mirando-se no espelho) mas enfim..... eu não sei se sou bonita ; mas, onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores: hoje, por exemplo, tenho-me visto douda.... perseguirão-me constantemente seis..... era impossível ter tempo de mangar com todos a preceito.

— Mas, D. Gabriela, onde está o seu talento?...

— Pois bem, que se ponha outra no meu lugar.

— Alguns homens zombariam de doze de nós outras a um tempo.... houve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel :

N'um dia, n'uma hora,

No mesmo lugar,

Eu gosto de amar

Quarenta,

Cincoenta,

Sessenta:

Se mil forem bellas,

Amo a todas ellas.

— Que pateta !.....

— Que tolo !....

— Que vaidoso !....

— Essa opinião segue tambem o Augusto !

— Oh !... e esse papelão ? !

— Eil-as comigo (murmurou entre dentes o nosso estudante, estendendo o pescoço a modo de kagado).

— Como lhe fica mal aquella cabelleira!... assemelha-se muito a uma preguiça.

— Tem as pernas tortas...

— Eu creio que elle é corcunda.

— Não ; aquillo é magreza.

— Forte impertinente ! fallando, é um Lucas....

— Ha de ser interessante dançando !...

— Vamos nós tomal-o a nossa conta ?

— Vamos : pensemos nos meios de zombar d'elle cruelmente.....

— Pois pensemos....,

Mas ellas não tiveram tempo de pensar, porque n'esse momento ouviu-se um grito de dor, ao qual seguiu-se viva agitação no interior d'aquella casa, onde inda ha pouco só se respirava prazer e delicias. As quatro moças levantárão-se espantadas.

— Pareceu-me a voz da minha prima Carolina !
(exclamou D. Joanninha.)

— Coitada ! que lhe succederia ?...

Vamos ver.

As quatro moças corrêrão precipitadamente para fóra do quarto. Augusto, que não estava menos assustado, sahiu de seu escondrijo, vestiu-se apressadamente, e ia por sua vez deixar aquelle lugar, em que se vira em tantos apuros, quando deu com os olhos na carta do Sr. Joãozinho, que com a pressa e agitação havia D. Gabriela deixado cahir.

O estudante apanhou e guardou aquelle interessante papel ; e com promptidão e cuidado pôde, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso procurar saber a causa do rumor que ouvira.

O grito de dor tinha sido com effeito soltado por D. Carolina.



XIII.

Os quatro em conferencia.



Ninguem se arreccie pela nossa travessa : o grito de dor foi na verdade seu ; mas, se alguém corre perigo, não é certamente ella. O caso é simples.

Morava com a Sra. D. Anna uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotazinha d'aquella ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelos e incommodos, que tivera na criação da menina, lhe crão sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.

Ora, todos se tinham ido para o jardim logo depois do jantar ; mas o nosso amigo Keblere achára justo e prudente deixar-se ficar fazendo honras a meia duzia de lindas garrafas, das quaes se achava ternamente enamorado ; comtudo elle pensava que seria mais feliz, se deparasse com um companheiro que o ajudasse a requestar aquellas bellezas ; era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula, o Allemão a lobrigou ao entrar n'um quarto ; chamou-a, obrigou-a a sentar-se junto de si, mostrou por ella o mais vivo

interesse, e depois convidou-a a beber á saude de seu pai, sua mãi e sua familia.

Não havia remedio, senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois não houve ninguem no mundo, a quem Keblerc não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma saude; e como já estivesse um pouco impertinente, forçava Paula a virar copos cheios. Passado algum tempo, e muito naturalmente, Paula se foi tornando alegrezinha, e por sua vez desafiava Keblerc a fazer novos brindes: em resultado as seis garrafas forão-se. Paula deixou-se ficar sentada, risonha e immovel, junto á mesa, enquanto o Allemão, rubicundo e reluzente, se dirigiu para a sala.

Quando d'ahi a pouco a ama de D. Carolina quiz levantar-se, pareceu-lhe que estava uma nuvem diante de seus olhos; que os copos dançavão, que havia duas mesas, duas salas, e tudo em dobro: ergueu-se e sentiu que as paredes andavão-lhe á roda, que o assoalho abaixava e levantava-se debaixo de seus pés: depois... não pôde dar mais que dous passos; cambaleou, e acreditando sentar-se n'uma cadeira, cahiu com estrondo contra uma porta. Logo confusão e movimento.... Ninguem ousou pensar que Paula, sempre sobria e inimiga de espiritos, se tivesse deixado embriagar; e por isso corrêrão alguns escravos para o jardim, gritando que Paula acabava de ter um ataque.

A primeira pessoa que entrou em casa foi D. Carolina, que, vendo a infeliz mulher estirada no assoalho, cahiu sobre ella, exclamando com força: — Oh minha mãi!.... — Foi este o seu grito de dor.

Momentos depois Paula se achava deitada n'uma boa cama, e rodeada por toda a familia; porém havia algazarra tal, que mal se entendia uma palavra.

— Isto foi o jantar que lhe deu na fraqueza; (gritou uma avehantada matrona, que se suppunha com muito goito para a medicina) é fraqueza complicada com o tempo frio... não vale nada... venha um copo de vinho!

E dizendo isto, foi despejando meia garrafa de vinho na boca da pobre Paula, que, por mais que lepida e risonha o fosse engolindo a largos tragos, não pôde livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse boa porção pelos vestidos.

— São malcitas! (exclamava D. Violante, com toda a força de seus pulmões) são malcitas! quem lhe olha para o nariz diz logo que são malcitas! Eu já vi curar-se uma mulher, que teve o mesmo mal, com cauda de cobra moída torrada, e depois desfeita n'um copo d'agua tirada de pote velho com um coco novo e com a mão esquerda, pelo lado da parede. É fazer isto já.

— São lombrigas! (gritava uma terceira.)

— É ataque de estupor! (bradava quarta Senhora.)

— É espirito maligno! (acudiu outra, que foi mais ouvida que as primeiras) é espirito maligno, que lhe entrou no corpo: venha quanto antes um padre com agua benta, e seu breviario.

— Ora, para que estão com tal azafama!.. (disse uma Sra. que acabava de entrar no quarto) não se vê logo que isto não passa de uma mona, que a boa da Paula tomou? Olhem; até tem o vestido cheio de vinho.

—Mona, não Sra.! (acudiu D. Carolina) a minha cara Paula nunca teve tão feio costume; e se está molhada com vinho, a culpa é d'esta Sra., que ha pouco lhe despejou meia garrafa por cima. Oh! é bem cruel que, mesmo vendo-se a minha dor, digão semelhantes cousas!..

No meio de toda esta balburdia era de ver-se o zelo e a sollicitude da menina travessa!.. observava-se aquella Moreninha de quinze annos, que parecêra sómente capaz de brincar e ser estouvada, correndo de uma para outra parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apressar um serviço, ou acudir a um reclamo. Só cuidava de si quando devia enxugar as lagrimas.

Junto do leito apparecêrão os quatro estudantes. Curto foi o seu exame. O rosto e o bafô da doente bastarão para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia.

— Isto não vale a pena; (disse Felippe, em tom baixo a seus collegas) é uma mona de primeira ordem.

— Está claro: vamos socegar estas senhoras.

— Não; (tornou Felippe, sempre em voz baixa) aturdidas pelo caso repentino, e preoccupadas pela sobriedade d'esta mulher, nenhuma d'ellas quer ver o que está diante de seus olhos, nem sentir o cheiro que lhes está entrando pelo nariz: minha irmã ficaria inconsolavel, brigaria com nosco, e não nos acreditaria, se lhe dissessemos que sua ama se embebedou; e portanto podemos aproveitar as circumstancias, zombar de todas ellas, e divertir-nos fazendo uma conferencia.

— Oh diabo!.. isso é do cathecismo dos charlatães!

— Ora não sejas tolo; não pareces estudante: devemos lançar mão de tudo o que nos possa dar prazer, e não offenda os outros.

— Mas que iremos dizer n'esta conferencia, senão que ella está espirituosa demais? (perguntou Augusto.)

— Diremos tudo o que nos vier á cabeça, ficando entendido que as honras pertencerão ao que maior numero de asneiras produzir: o caso é que nos não entendão, ainda que tambem nos não entendamos.

— Ha de ser bonito (tornou Augusto) á vista de tanta gente, que por força conhecerá esta patacoada.

— Qual conhecer! aqui ninguem nos entende (tornou Felippe, que, voltando-se para os circunstantes, disse com voz theatralmente solemne: — « Meus Srs., rogamos breves momentos de attenção; nós queremos conferenciar. »)

Movimento de curiosidade.

Seguiu-se novo exame da enferma, no qual os quatro estudantes fingirão observar o pulso, a lingua, o rosto, e os olhos da enferma; ascultarão e percutirão-lhe o peito, e fizerão todas as outras pesquisas do costume.

Depois elles se collocarão em um dos angulos do quarto. Felippe teve a palavra. — Profundo silencio.

— Acabastes, Srs., de fazer-me observar uma enfermidade que não deixa de pedir serias attenções, e sobre a qual eu vou respeitosamente submeter o meu juizo. Poucas palavras bastão. A molestia, de que nos vamos occupar, não é nova para nós; creio mesmo, Srs., que qualquer de vós já a tem padecido muitas vezes...

— Está enganado.

— Não respondo aos apartes. Eu diagnostico uma bacchites. Concebe-se perfeitamente que as etesias desenvolvidas pela decomposição dos etheres spasmodicos e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diaphragma lhes cause vibrações sympathicas, que os fação caminhar pelo canal colledoco até o periosseo dos pulmões...

— C'est trop fort !...

— D'ahi passando á gorge, perturbem a chimificação da hematose, que por isso se tornando em lymphá hemostatica, vá de um jacto causar um triccephalo no esphenoide, podendo mesmo produzir uma proctorraghia nas glandulas de Meýcr, até que, penetrando pelas camaras opticas no sphincter do cerebello, cause um retrocesso prostatico, como pensão os modernos auctores, e promovão uma rebellião entre os individuos cerebraes : por consequencia isto é nervoso.

— Muito bem concluido.

— O tratamento que proponho é concludente : algumas gotas de ether sulfúrico n'uma taça de liquido fontaneo assucarado ; o cosimento dos fructos do cofea arabica torrados, ou mesmo o thea sinensis : e quando isto não baste, o que julgo impossivel, as nossas lancetas estão bem afiadas, e duas libras de sangue de menos não farão falta á docente : disse.

— Como elle falla hem ! (murmurou uma das moças.)
Fabricio tomou a palavra.

— Sangue ! sempre sangue ! eis a medicina romantica do insignificante Broussais ! mas eu detesto tanto

a medicina sanguinaria, como a estercoraria, herbaria, sudoraria, e todas as que acabão em aria. Desde Hippocrates, que foi o maior charlatão do seu tempo, até os nossos dias, tem triumphado a ignorancia; mas já enfim brilhou o sol da sadedoria... Hahnemann !.. ah!.. quebrai vossas lancetas, Srs ; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homœopathica com o Amazonas ao pé !.. queimai todos os vossos livros ; porque a verdade está só exclusivamente no alcorão de nosso Mafoma, no organon do grande homem ! Ah ! se depois do divino systema morre por acaso alguém, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples atomo da materia ! Srs., eu concordo com o diagnostico do meu collega ; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado, e acidulado com algumas gotas de ether sulfurico, é em minha opinião capaz de envenenar a todos os habitantes da China ! O mesmo direi do cosimento do cofea arabica...

— Mas porque não têm morrido envenenados os que por vezes o têm já tomado ?..

— Eis ahi a consideração que os leva ao erro ! Sr. meu collega, é porque a acção malefica d'esses medicamentos não se faz sentir logo..... ás vezes só apparece depois de cem, duzentos, e mais annos : eis a grande verdade !... Mas eu tenho observações de molestias da natureza da que nos occupa, e que vão mostrar a superioridade do meu systema : oução-me. Uma mulher padecia este mesmo mal ; já tinha soffrido

trinta sangrias, havião-lhe mandado applicar mais de tresentas bichas, purgantes sem conta, vomitorios ás duzias, e tisanas aos milheiros : quiz o seu bom genio que ella recorresse a um homœopatha, que com tres dozes, das quaes cada uma continha apenas a trimillionesima parte de um quarto de grão de nihilitas nihilitatis, a poz completamente restabelecida ; e quem quizer póde ir vel-a na rua... É certo que não me lembro agora onde ; mas posso affirmar que ella mora em uma casa, e que hoje está nedia, gorda, com boas cores, e até remoçou, e ficou mais bonita.— Outro facto...

— Basta ! basta !..

— Pois bem, basta; e propondo a applicação da nihilitas nihilitatis na doze da trimillionesima parte de um quarto de grão, dou por terminado o meu discurso.

— O Sr. Leopoldo tem a palavra.

— Srs., eu devo confessar que restão-me muitas duvidas a respeito do diagnostico, e portanto julgo util recorreremos ao magnetismo animal, para vermos se a enferma, levada ao somnambulismo, nos aclara sua enfermidade. Além d'isto eu tenho fé de que não ha molestia alguma que possa resistir á maravilhosa applicação dos passes, que tanto abysmarão Paracelso e Kisker. Ainda mais : se o diagnostico do collega, que fallou em primeiro lugar, é exacto, dobrada razão acho para sustentar o meu parecer; porque emfim, se similia similibus curantur, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto pois para que comecemos já a applicar-lhe os passes.

Seguiu-se o discurso de Augusto, que por longo

demais parece prudente omittir. Em resumo basta dizer que elle combatou as raras theorias de Felippe; mas concordou com o tratamento por elle proposto, e fallou com arte tal que D. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.

Augusto determinou as applicações convenientes ao caso; mas, não tendo entrado no numero d'ellas a essencial lembrança de um escalda-pés, cahiu a tropa das mesinheiras sobre o desgraçado estudante, que se viu quasi doudo com a balburdia de novo levantada no quarto.

— Menos ruido, minhas Sras.; (dizia o rapaz) isto pôde ser fatal á doente.

— Ora..... eu nunca vi negar-se um escalda-pés !..

— Ainda em cima de não lhe mandar applicar uma ajuda, esquece-se tambem do escalda-pés !..

— Se não lhe derem um escalda-pés, eu não respondo pelo resultado !..

— Olhem como a doente está risonha, só por ouvir fallar em escalda-pés !..

— Aquillo é presentimento !

— Sr. Doutor, um escalda-pés !..

— Pois bem, minhas Sras.; (disse Augusto, para se ver livre d'ellas) dêem-lhe o preconisado escalda-pés !

E fugindo logo do quarto, foi pensando com sigo mesmo que as cousas que mais contrarião o medico são—primeiro, a saude alheia; segundo, um máo enfermeiro; e por ultimo enfim, as Sras. mesinheiras.



XIV

Pediluvio sentimental.



Ria-se, jogava-se, brincava-se : todos se haviam já esquecido da pobre Paula. Na verdade tambem que, por ter a ama de D. Carolina tomado seu copo de vinho demais, não era justo que tantas moças e moços em boa disposição de brincar, e umas poucas de velhas determinadas a maçar a meio mundo, ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E além d'isso quatro semi-doutores já haviam pronunciado favoravel prognostico ; como pois se arrojaria Paula a morrer, contra a ordem expressa dos quatro hippocratissimos Srs. ?...

Era por isso que todos brincavão alegremente, menos Sr. Keblerc, que diante de meia duzia de garrafas vasias roncava prodigiosamente : grande Allemão para roncar !.. era uma escala inteira que elle solfejava, com bemoes, bequadros, e sustentidos !.. dir-se-ia que entoava um hymno..... a Baccho.

Os rapazes estavam nos seus geraes : a principio,



como é seu velho costume, havião festejado, cumprimentado, e applaudido as Sras. idosas que se achavão na sala, principalmente aquellas que tinhão trazido com sigo moças ; mas, passada meia hora, adeos etiquetas e ccremonias !... Estabeleceu-se um cordão sanitario entre a velhice e a mocidade : a Sra. D. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá ; D. Violante occupou-se em desenvolver a um velho roceiro os meios mais adequados para se preencher o deficit provavel do Brasil para o anno financeiro de 44 a 45, sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, aboliudo-se pelo contrario a decima urbana. Ja se vê que D. Violante tinha casas na Cidade. Restavão quatro Sras., que julgárão a proposito jogar o embarque, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o sete : havia enfim outra mesa, em que alguns Srs. viuvos, casados, e velhos pais perdião ou ganhavão dinheiro no écarté, jogo muito bonito e muito variado, que nos vierão ensinar os Srs. Francezes, — grandes inventores sem-duvida!....

A rapazia empregava melhor o seu tempo : tambem jogava ; mas na sua roda não havia nem mesa, nem eartas, nem dados. O seu jogo tinha um director, que, excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos : era um homem de estatura muito menos que ordinaria, tinha o rosto muito vermelho, cabellos e barbas ruivas ; gordo, de pernas arqueadas, ajuntava ao ridiculo de sua figura muito espirito : não estava bem, senão entre rapazes ;

por felicidade d'elles sempre se encontra d'esses. Tal o director da roda dos moços. O Sr. Baptista (este o seu nome) era fertil em jogos; quando um aborrecia, vinha logo com outro melhor. Já se havia jogado o do toucador, e o do enfermo. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez com applauso geral, principalmente das moças: era, sem mais, nem menos, o jogo da palhinha.

Caso celebre!... já se viu que coincidência!.. ora expliquem, se são capazes... Tem-se jogado a palhinha 12 vezes, e em todas as 12 tem a sorte feito com que Felippe abraça D. Clementina, e Fabricio D. Joanninha! e sempre no fim de cada jogo qualquer das duas recua um passo, como se pouca vontade houvesse n'ellas de dar o abraço; e fazendo-se coradinha exclama:

— Quantos abraços!... pois outra vez!..

— Eu já não dei inda agora!... ora isto!...

Entre os rapazes porém ha um, que não está absolutamente satisfeito: é Augusto. Será porque no tal jogo da palhinha tem por vezes ficado viuvo!.. não; elle esperava isso como castigo de *sua inconstancia*. A causa é outra: a alma da ilha de... não está na sala: Augusto vê o jogo ir indo seu caminho muito em ordem, não se rasgou ainda nenhum lenço, Felippe ainda não gritou com a dor de nenhum beliscão, tudo se faz em regra e muito direito; a travessa, a inquieta, a buliçosa, a tentaçãozinha não está ali: D. Carolina está ausente.

Com effeito Augusto, sem amar D. Carolina, (elle assim o pensa) já faz d'ella idéa absolutamente diver-

sa da que fuzia ainda ha poucas horas : agora, segundo elle, a interessante Moreninha é na verdade travessa; mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdôa. D. Carolina é o prazer em ebulição : se é inquieta e buliçosa, está em sel-o a sua maior graça : aquelle rosto moreno, vivo e delicado; aquelle corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em continua agitação. O beija-flor nunca se mostra tão bello, como quando se pendura na mais tenue flor, e voça nos ares : D. Carolina é um beija-flor completo.

N'este momento a Sra. D. Anna entrou na sala, e depois, dirigindo-se á grande varanda da frente, sentou-se defronte do jardim. Baptista acabava de dar fim ao jogoda palhinha, e começava novo: Augusto pediu que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.

— Não joga mais, Sr. Augusto ? (disse ella.)

— Por ora não, minha Sra.

— Parecc-me pouco alegre.

— Ao contrario... estou satisfeitissimo.

— Oh ! seu rosto mostra não sentir o que me dizem seus labios : se aqui lhe falta alguma cousa...

— Na verdade que aqui não está tudo, minha Sra.

— Então que falta ?...

— A Sra. D. Carolina.

A boa Sra. riu-se com satisfação; seu orgulho de avó acabava de ser incensado: era tocar-lhe no fraco.

— Gosta de minha neta, Sr. Augusto ?

— É a delicada e encantadora borboleta d'este jardim (respondeu elle, mostrando as flores).

— Vá buscal-a (disse a Sra. D. Anna, apontando para dentro).

— Minha Sra., tanta honra !...

— O amigo de meu neto deve merecer minha confiança : esta casa é dos meus amigos, e tambem dos d'elle. Carolina está sem-duvida no quarto de Paula vá vel-a, e consiga arrancal-a de junto de sua ama

A Sra. D. Anna levou Augusto pela mão até ao corredor, e depois o empurrou brandamente.

— Vá, (disse ella) e receba isto como a mais fraca prova de minha estima para com o amigo de meu neto.

Augusto não esperou ouvir nova ordem : endireitou para o quarto de Paula com presteza e alegria. A porta estava cerrada, abriu sem ruido, e parou no limiar.

Tres pessoas havia n'esse quarto: Paula, deitada, e abatida sob o peso de sua soffrivel mona, era um objecto triste, e talvez ridiculo, se não padecesse : a segunda era uma escrava, que acabava de depôr junto do leito a bacia em que Paula deveria tomar o pediluvio recommendado : objecto indifferente : a terceira era uma menina de quinze annos, que desprezava a sala, em que borbulhava o prazer, pelo quarto em que padecia uma pobre mulher : este objecto era nobre !...

D. Carolina e a escrava tinham as costas voltadas para a porta, e porisso não vião Augusto: Paula olhava, mas não via, ou antes não sabia o que via.

— Anda, Thomazia, dá-lhe o escalda-pés (disse D. Carolina). Pela sua voz conhecia-se que tinha chorado.

A escrava abaixou-se ; puxou os pés da pobre Pau-

la : depois, pondo a mão n'agua, tirou-a derepente, e sacudindo-a

— Está fervendo !.. (disse.)

— Não está fervendo ; (respondeu a menina) deve ser bem quente ; assim disserão os moços.

A escrava tornou a pôr a mão, e de novo retirou-a com presteza tal que batcu com os pés de Paula contra a bacia.

— Estonteada !.. sai... afasta-te (exclamou D. Carolina, arregaçando as mangas de seu lindo vestido).

A escrava não obedeceu.

— Afasta-te d'ahi ! (disse a menina com tom imperioso) e depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito chorando, e começou a banhal-os.

Bello espcctaculo era o ver essa menina delicada curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com socego, mergulhando suas mãos, tão finas, tão lindas, n'essa mesma agua que fizera lançar um grito de dor á escrava, quando ahi tocára de leve com as suas, tão grosseiras e calejadas !... Os ultimos vislumbres das impressões desagradaveis, que ella causára a Augusto, de todo se esvaíram. Acabou-se a criança estouvada... ficou em seu lugar o anjo de candura !

Mas o sensivel estudante viu as mãoszinhas tão delicadas da piedosa menina já roxas, e adivinhou que ella estava engolindo suas dores para não gemer ; porisso não pôde suster-se, e adiantando-se disse :

— Perdõe, minha Sra.

— Oh !... o Sr. estava ahi ?

— E tenho testemunhado tudo !

A menina abaixou os olhos confusa, e apontando para a doente, disse :

— Ella me deu de mamar.

— Mas nem porisso deve a Sra. condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos, que a cercão, poderia encarregar-se do trabalho, em que a vi tão piedosamente occupada.

— Nenhum o fará com geito.

— Experimente.

— Mas a quem encarregarei ?

— A mim, minha Sra.

— O Sr. fallava de meus escravos... .

— Pois nem para escravo eu presto ?

— Senhor !....

— Veja se eu sei dar um pediluvio....

En'isto o estudante abaixou-se e tomou os pés de Paula, enquanto D. Carolina junto d'elle o olhava com ternura.

Quando Augusto julgou que era tempo de terminar, a jovenzinha recebeu os pés de sua ama, e os envolveu na toalha que tinha nos braços.

— Agora deixemol-a descansar (disse o moço).

— Ella corre algum risco?... (perguntou a menina.)

— Afirmo que acordará amanhã perfeitamente boa.

— Obrigada !

— Quer dar-me a honra de acompanhal-a até á sala? (disse Augusto, offerecendo sua mão direita á bella Moreninha).

Ella não respondeu, mas olhou-o com gratidão; e accitando o braço do mancebo, deixou o quarto de Paula.



XV.

Um dia em quatro palavras.



Ao romper do dia de Sant'Anna estavam todos na ilha de... descansando nos braços do somno: era isso muito natural, depois de uma noite como a da vespera, em que tanto se havia brincado.

Com effeito os jogos de prendas tinham-se prolongado excessivamente: a chegada de D. Carolina e Augusto lhes deu ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca; mil vezes bulhenta, perturbava a ordem dos jogos, de modo que era preciso começar de novo o que já estava no fim; outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos que lhe impunhão; não deu um só beijo, e aquelle que atreveu-se a abraçal-a teve em recompensa um belliscão.

Finalmente ouviu-se a voz de —vamos dormir,— e cada qual tratou de fazer por conseguil-o. O ultimo que se deitou foi Augusto, e ignora-se o porque sahio elle de luz na mão a passear pelo jardim, quando todos se

achavão acomodados: de volta de seu passeio nocturno, atirou-se entre Fabricio e Leopoldo, e immediatamente adormeceu. Os estudantes dormirão juntos.

São 6 horas da manhã, e todos dormem ainda a sono solto. Um auctor póde entrar em toda parte, e pois.. Não, não; alto lá ! no gabinete das moças, não Sr.: no dos rapazes ainda bem. A porta está aberta. Eis os quatro estudantes estirados n'uma larga esteira: e como roncão?! Mas que faz o nosso Augusto? Ri-se, murmurou phrases imperceptiveis; suspira... Então que é isso lá?.. dá um beijo em Fabricio; acorda espantado, e ainda em cima empurra cruelmente o mesmo a quem acaba de beijar....

Oh belleza ! oh inexplicavel poder de um rosto bonito, que, não contente com as zombarias que faz ao homem que véla, o illude e ainda zomba d'elle dormindo !

Estava o nosso estudante sonhando que certa pessoa, de quem elle teve até aborrecimento, e que agora começa com os olhos travessos a lhe fazer cocegas no coração, vinha terna e amorosamente despertá-lo; que elle fingira continuar a dormir, e ella se sentára á sua cabeceira; que, traquinas como sempre, em vez de chamá-lo, queria rir-se acordando-o pouco a pouco; que para isso approximava seu rosto do d'elle, e assoprando-lhe os labios, ria-se ao ver as contracções que produzia a titillação causada pelo sopro; que elle, ao sentir tão perto dos seus os lindos labios d'ella, estava ardentemente desejoso de furtar-lhe um beijo; mas que temia vel-a fugir ao menor movimento: que finalmente, não podendo mais resistir a seus fervidos de-

sejos, assentára de, quando se approximasse o bello rosto, ir de um salto colher o voluptuoso beijo n'aquella boquinha de botão de rosa ; que o rosto chegou a distancia de meio palmo, e... (Aqui parou o sonho, e principiou a realidade) e elle deu um salto, e, em lugar de pregar um terno beijo nos labios de D. Carolina, foi com toda a força e estouvamento bater com os beiços e nariz contra a testa de Fabricio; e, como se o pobre collega tivesse culpa de tal infelicidade, deu-lhe dous empurrões, dizendo :

— Sai-te d'ahi, peste !... ora, quando eu sonhava com um anjo, acordo-me nos braços de satanaz !....

Corra-se porém um véo sobre quanto se passou até que se levantáram do almoço. A sociedade se dividiu logo depois em grupos ; uns conversavão, outros jogavão ; dous velhos ferráram-se no gamão ; as moças espalháram-se pelo jardim, e os quatro estudantes tiverão a pessima lembrança de formar uma mesa de voltarete.

E apesar do poder todo da cachaça do jogo, de cada vez que qualquer d'elles dava cartas, ficava na mesa um lugar vasio, e junto do arco da varanda que olhava para o jardim collocava-se uma sentinella. Já se vê que o voltarete não podia seguir marcha muito regular. Augusto, por exemplo, distrahia-se com frequencia tal que ás vezes passava com basto e espadilha, e era codilhado todas as mãos que jogava de feito. A Moreninha já fazia travessuras muito especiaes no coração do estudante; e elle, que se accusava de haver sido injusto para com ella, agora a observava com cuidado e prazer, para em compensação render-lhe toda a justiça.

D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras por graças e encantos, que todos sentião, e que ninguém poderia bem descrever: confessava-se que não era bella; mas jurava-se que era encantadora: alguém quereria que ella tivesse maiores olhos; porém não havia quem resistisse á viveza de seus olhares: os que mais apaixonados fossem da doce melancolia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de custosos risos estão exprimindo amor ardente e sentimentalismo, concordarião por força que no lindo rosto moreno de D. Carolina nada iria melhor, do que o prazer que n'elle transluz, e o sorriso engraçado e picante, que de ordinario enfeita seus labios: além d'isto, sempre em brincadora guerra com todos, e em interessante contradição com si mesma, ella a um tempo solta um ai e uma risada, graceja fazendo-se de grave, falla jurando não dizer palavra, apresenta-se escondendo-se, sempre quer jamais querendo.

Nunca tambem se havia mostrado a Moreninha tão jovial e feiticeira; mas para isso boas razões havia: esse era o dia dos annos de sua querida avó, e a pobre Paula, sua estimada ama, estava completamente restabelecida.

Eis uma deliciosa invasão!... dez moças entrão de repente na varanda, e n'um momento tudo se confunde e amotina: D. Carolina atira no meio da mesa do voltarete uma mão cheia de flores; enquanto Felipe faz tenção de dirigir-lhe um discurso admoestador, ella furta-lhe a espadilha, e vóa, para tornar a apparecer logo depois. É impossivel continuar assim; dá-se por

acabado o jogo, e a Moreninha, á custa de um unico sorriso, faz as pazes com o irmão.

— Parabens, Sra. D. Joaquina ; (disse Augusto) já triumphou de uma de suas rivaes!

— Como ?... (perguntou ella.)

— Ora, que esta minha prima nunca entende as figuras do Sr. Augusto ! (acudiu D. Carolina) explique-se, Sr. Doutor!

— Sua prima, minha Sra., a aurora e a rosa disputão sobre qual primará na viveza da côr; e eu vejo que ella já tem presa no cabello uma das duas rivaes.

— Eu o encarrego com prazer da guarda fiel d'esta minha competidora... seja o seu carcereiro ! (disse D. Quinquina, querendo tirar uma linda rosa do cabello, para offerel-a a Augusto.)

— Oh minha Sra.! seria um cruel castigo para ella, que se mostra tão vaidosa !

— Pois rejeita ?...

— Certo que não: aceito ; mas rogo um outro obsequio.

— Qual ?...

— Que por ora lhe conceda seus cabellos por homenagem.

— Pois bem, será satisfeito; eu guardarei a sua rosa.

— Mas cuidado não haja quem liberte a bella captiva (disse Leopoldo).

— Protesto que a hei de furtar (acrescentou D. Carolina).

— Desafio-lhe a isso (respondeu-lhe a prima).

Então começou uma lucta de ardis e cuidados en-

tre a Moreninha e D. Quinquina. Aquella já tinha de balde esgotado quantos estratagemas lhe pôde suggerir seu fertil espirito, e emfim, fingindo-se fatigada, veio socegradamente conversar junto de D. Quinquina, que não menos viva conservava-se na defensiva.

Depois de meia hora de habil affectação, a menina travessa, com um rapido movimento, fez cahir o leque de sua adversaria: Leopoldo abaixou-se para levantá-lo, e D. Quinquina, um instante desapercibida, curvou-se tambem, e soltou logo um grito sentindo a mão da prima sobre a rosa : com a sua foi acudir a esta ; houve um conflicto entre duas finas mãoszinhas, que mutuamente se belliscárão ; e em resultado desfolhou-se completamente a rosa.

— Morreu a bella captiva !... morreu a pobre captiva !... (gritárão as moças.)

— D. Carolina está criminosa ! (disse D. Clementina.)

— Vai ao jury, minha Sra. !

— É verdade ; vamos leval-a ao jury !

A idéa foi recebida com applauso geral : só Felipe se oppoz.

— Não ! não ! (disse elle) Carolina é muito rebelde ; se fosse condemnada, não cumpriria a sentença.

— Oh maninho ! não diga isso.

— Vossê jura obedecer ?...

— Eu juro por vossê.

— Tanto peor : era mais um motivo para se tornar perjura.

— Pois bem ; dou a minha palavra : não é sufficiente !

— Basta ! basta !

Organisou-se o jury : Fabricio foi encarregado da presidencia ; um outro moço serviu de escrivão, e cinco moças sahirão por sorte para juradas: D. Clementina terá de ser a relatora da sentença. A Augusto declararão suspeito na causa. Felippe foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da auctora.

A sessão começou.

Longo fôra enumerar tudo o que se passou em duas horas muito agradaveis, e por isso muito breves tambem. Toda a companhia veio tomar parte n'aquelle divertimento improvisado, e até, quem o diria ? os dous velhos deixárão o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma cousa.

As testemunhas forão D. Gabriela e uma outra, que derão provas de bastante espirito: o interrogatorio de D. Carolina fez rir a quantos o ouvirão. O debate dos advogados esteve curioso.

Leopoldo accusou a ré, demonstrando que tinha havido a circumstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciúme : procurou provar que D. Carolina, conscia de seus encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações, e até de todos os seres ; que ella se enchêra de zelos suppondo com razão que Augusto desse subido valor á rosa, por lhe ser dada por uma moça bella, como a auctora ; e emfim que o crime da ré era tão excessivo, que já da tarde antecedente jurára a perda d'aquella flor, por desconfiar que o Zephiro brincava mais com ella, do que com seus olhos.

Felippe não se deixou ficar atraz. Argumentou di-

zendo que era impossivel decidir que mão tinha dado a morte á bella captiva; que não houvera premeditação; porque a ré não quizera matar, mas sim libertar; que, se havia crime, só o commettêra a auctora por prender uma innocente flor ; e que por ultimo, ainda quando fosse a ré a que desfolhára a rosa, e mesmo dando-se o proposito de o fazer, dever-se-ia attribui tal acção a piedade; poisque D. Quinquina a estava matando pouco a pouco com o veneno da inveja, collocando-a tão perto de suas faces, que tanto a vencião em rubor e viço.

As juradas recolhêrão-se ao *toilette*, e cinco minutos depois voltárão com a sentença, que foi lida por D. Clementina.

O jury declarou D. Carolina criminosa, e a condemnou a indemnisar o dono da rosa com um beijo.

— Para fazer tal, (disse a ré) não carecia eu de sentença do jury; tome um beijo, minha prima.

— Não é a mim que o deve dar; (respondeu a auctora) o dono da rosa é o Sr. Augusto.

— De rosa fez-se então o rosto de D. Carolina.

— O beijo ! o beijo ! (gritárão as juradas.)

— Vossê deu sua palavra !

— Ella hesitou alguns momentos... depois aproximou-se de Augusto, e com seu sorriso feiticeiro e irresistivel nos labios, disse:

— O Sr. me perdôa ?..

— Não ! não ! não ! (clamárão de todos os lados.)

Mas a menina parecia contar com o poder de seus labios ; porque, sorrindo-se ainda do mesmo modo, tornou a perguntar com meiguice e ternura:

— Me perdôa ?...

— Não! não!

— Porém como resistir ao seú sorriso ?... como dizer que não a quem pede como ella ? (exclamou Augusto enthiasmado.)

D. Carolina estava pois perdoada.

— Agradecida ! (disse ella, com vivo accento de gratidão) e estendeu sua dextra para Augusto, que, não podendo ceder tudo com tão criminoso desinteresse, tomou entre as suas aquella mãozinha de Cherubim, e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso, que tinham até então dado seus labios.

Amanhã d'este dia foi assim passada ; e a tarde votou-se aos preparativos do sarão.



XVI.

O sarão.



Um sarão é o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo. Em um sarão todo o mundo tem que fazer: o diplomata ajusta, com o copo de champagne na mão, os mais intrincados negocios; todos murmurão, e não ha quem deixe de ser murmurado: o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época: as moças são no sarão como as estrellas no Céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas azas dos applausos, por entre os quaes surge ás vezes um bravissimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na occasião em que a moça se espicha completamente desafinando um sustenido: d'ahi a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala, e marchanho em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que con-

versão sempre sobre objectos innocentes, que movem olhaduras e risadinhas apreciaveis. Outras criticão de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doce que veio para o chá, e que ella leva aos pequenos que, diz, lhe ficárão em casa. Alli vê-se um ataviado *dandy*, que dirige mil finezas a uma Sra. idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, no sarão não é essencial ter cabeça nem boca; porque para alguns é regra, durante elle, pensar pelos pés, e fallar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos n'um sarão: innumerous bateis conduzirão da Côrte para a ilha de... Sras. e Srs. recommendaveis por character e qualidades: alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradaveis moças, que com aturado empenho se esforçoão por ver qual d'ellas vence em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princeza d'aquella festa.

Habil menina é ella! nunca seu amor proprio presidiu com tanto estudo seu toucador, e com tudo dir-se-ia que o genio da simplicidade a penteára e vestíra. Enquanto as outras moças havião esgotado a paciencia de seus cabelleiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidór, e coberto seus collos com as mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabellos em duas tranças, que deixou cahir pelas costas; não quiz ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo collar de esme-

raldas ; vestiu um finissimo, mas simples vestido de garça, que até peccava contra a moda reinante por não ser sobejamente comprido; e vindo assim apparecer na sala, arrebatou todas as vistas e attentões.

Porém, se um attento observador a estudasse, descobriria que ella adrede se mostrava assim para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em bello contraste com a alvura de seu vestido branco ; para mostrar todo nú o elevado collo de alabastro, que tanto a aformosêa; e que seu peccado contra a moda reinante não era senão um meio subtil, de que se aproveitára para deixar ver o pézinho mais bem feito e mais pequeno, que se pôde imaginar.

Sobre ella estão conversando agora mesmo Fabricio e Leopoldo; terminão sem-duvida a sua pratica: não importa; vamos ouvil-os.

— Está na verdade encantadora !.... (repetiu pela quarta vez aquelle.)

— Danças eom ella ?.... (perguntou Leopoldo.)

— Não; já estava engajada para doze quadrilhas.

— Oh ! lá vai ter com ella o nosso Augusto. Vamos apreciar-o.

Os dous estudantes approximárão-se de Augusto, que acabava de rogar á linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.

— Leva de taboa; (disse Fabricio ao ouvido de Leopoldo) é a mesma que eu lhe havia pedido.

Mas a juvenzinha pensou um momento, antes de responder aoretendente: olhou para Fabricio, e com par-

ticular mover de labios pareceu mostrar-se descontente; depois riu-se e respondeu a Augusto:

— Com muito prazer.

— Mas, minha Sra., (disse Fabricio, vermelho de despeito, e aturdido com um belliscão que lhe dera Leopoldo) ha 5 minutos já estava cngajada até a 12.^a

— É verdade; (tornou D. Carolina) e agora só acabo de ratificar uma promessa: o Sr. Augusto poderá dizer se hontem pediu-me, ou não, a terceira contradança.

— Juro (balbuciou Augusto.)

— Basta! (acudiu Fabricio, interrompendo-o) é inutil qualquer juramento de homem, depois das palavras de uma Sra.

Fabricio e Leopoldo retirárão-se; e D. Carolina, que tinha illudido o primeiro, vendo brilhar o prazer na face de Augusto, e temendo que d'aquella occurrencia tirasse este alguma explicação lisongeira demais, quiz applicar um correctivo, e erguendo-se tomou o braço de Augusto: aproveitando o passcio, disse:

— Agradeço-lhe a condescendencia com que ia tomar parte na minha mentira..... foi necessario que eu praticasse assim: quero antes dançar com qualquer, do que com aquelle seu amigo.

— Offendeu-lhe, minha Sra. ?....

— Certo que não; mas diz-me cousas que não quero saber.

— Então.... que diz elle ?....

— Falla tantas vezes em amor....

— Meu Deos! é um crime que eu tenho estado bem perto de commetter!

- Pois bem ; foi essa a unica razão.
- Mas eu temo perder a minha contradança... alguns momentos mais, e serei réo, como Fabricio.
- A culpa será de seus lábios.
- Antes dos seus olhos, minha Sra.
- Cuidado, Sr. Augusto ! lembre-se da contradança !
- Pois será preciso dizer que a detesto ?....
- Basta não dizer que me ama.
- É não dizer o que sinto : eu não sei mentir.
- Ainda ha pouco ia jurar falso....
- Nas palavras de um anjo, ou de uma....
- Acabe !
- Tentaçãozinha.
- Perdeu a terceira contradança.
- Misericordia ! eu não fallei em amor !....

N'este momento a orchestra assigalou o começo do sarão. É preciso anticipar que nos não vamos dar ao trabalho de descrever este : é um sarão como todos os outros : basta dizer o seguinte.

Os velhos lembrárão-se do passado ; os moços aproveitárão o presente ; ninguem cuidou do futuro. Os solteiros fizerão por lembrarem-se do casamento ; os casados trabalhárão por esquecer-se d'elle. Os homens jogárão, fallárão em politica, e requestárão as moças ; as Sras. ouvirão finezas, tratárão de modas, e criticárão desapiedadamente umas das outras. As filhas derão carreirinhas ao som da musica ; as mãis já idosas recebêrão cumprimentos por amor d'aquellas ; as avós, por não ter que fazer, nem que ouvir, levárão todo o tempo a endireitar as toucas e a comer

doce. Tudo esteve debaixo d'estas regras geraes : só resta dar conta das seguintes particularidades.

D. Carolina sempre dançou a terceira contradança com Augusto ; mas para isso foi preciso que a Sra. D. Anna empenhasse todo o seu valimento: a tyranna princezinha da festa esteve realmente desapiedada ; não quiz passear com o estudante.

A interessante D. Violante fez o diabo a quatro; tomou doze sorvetes, comeu pão-de-ló como nenhuma, tocou em todos os doces, obrigou alguns moços a tomal-a por par, e até dançou uma walsa de corrupção.

Augusto apaixonou-se por seis Sras., com quem dançou: o rapaz é incorrigivel. E assim tudo mais.

Agora são quatro horas da manhã; o sarão está terminado; os convidados vão retirando-se; e nós, entrando no *toilette*, vamos ouvir quatro bellas conhecidas nossas, que conversão com ardor e fogo.

— É possível?... (exclamou D. Quinquina, dirigindo-se a sua mana) pois é verdade que esse Sr. Augusto lhe fez uma declaração de amor?....

— Como quer que lhe diga, maninha?... Asseverou que meus olhos pretos davão á sua alma mais luz, do que a seus olhos todos os candelabros da sala n'esta noite, e mesmo do que o sol nos dias mais brilhantes.... palavras d'elle.

— Que insolente!... (tornou D. Quinquina) elle mesmo, que me jurou ser eu a mais bella a seus olhos, e a mais cara a seu coração; porque meus cabellos erão fios d'ouro, e a cor das minhas faces o rubor de um bello amanhecer!... palavras d'elle.

— Que atrevido !... (bradou D. Clementina) o proprio que affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperanza de possuir-me ; porque eu sabia ferir corações com minhas vistas, e curar profundas magoas com meus sorrisos !... palavras d'elle.

— Oh ! que moço abominavel ! (disse por sua vez D. Gabriela) e ousou dizer-me que me amava com tão subida paixão que, se fôra por mim amado, e pudesse desejar e pedir algum extremo, não me pediria, como a outras, para beijar-me a face ; porque das virgens do Ceo sómente se beijão os pés, e de joelhos !... palavras d'elle.

— Mas isto é um insulto feito a todas nós !...

— Como se estará elle rindo !...

— Qual ! se elle está apaixonado....

— Apaixonado ?!... e por quem ?....

— Por nós quatro.... talvez por outras mais : elle pensa assim.

— Que maldito Brasileiro com alma de Mouro !....

— E havemos de ficar assim ?...

— Não: (acudiu D. Joanninha) vamos ter com elle; desmascaremol-o.....

— Isso é nada para quem não tem vergonha !

— Pois troquemos os papeis: finjamos que estavamos tratadas para desafiar-lhe os requebros... ridicularisemol-o como for possivel...

— Sim... obriguemol-o a dizer qual de nós é a mais bonita; cada uma lhe pedirá um anel de seus cabellos.... uma prenda.... uma lembrança.... ponhamol-o doudo....

— Muito bem pensado ! vamos !...

— Deos nos livre ! á vista de tanta gente ?...

— Então quando, e onde ?...

— Uma idéa !... seja a zombaria completa: escreva-se uma carta anonyma convidando-o para estar ao romper do dia na gruta.

— Bravo ! então escreva...

— Eu não : escreva vossê...

— Deos me defenda ! escreva D. Gabriela, que tem boa lettra...

— Então nenhuma escreve.

— Pois tiremos por sorte !

A idéa foi recebida com approvação ; e a sorte destinou para secretaria D. Clementina, que, tirando de seu album um lapis e uma tira de papel, escreveu sem hesitar : « Senhor. Uma joven que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a confiar-vos : ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta : sêde circunspecto, e vereis a que por meia hora ainda quer ser apenas — Uma incognita. »

— Bem ; (disse D. Quinquina) eu me encarrego de fazer-lhe receber a carta ; saiamos.

As quatro moças não sahir, quando um suspiro as suspendeu : mais alguem estava no *toilette*. D. Joanninha, medrosa de que uma testemunha tivesse presenciado a scena que se acabava de passar, voltou-se para o fundo do gabinete, e o susto para logo se lhe dissipou.

— Vejão como ella dorme !... (disse.)

Com effeito, recostada em uma cadeira de braços, D. Carolina estava profundamente adormecida.

A Moreninha se mostrava na verdade encantadora no molle descuido de seu dormir : á mercê de um doce resfolegar, os desejos se agitavão entre seus seios ; seu pézinho bem á mostra, suas tranças dobradas no collo... seus labios entre-abertos e como por costume amoldados áquelle sorrir, cheio de malicia e de encanto, que já lhe conhecemos ; e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios, a tornavão mais feiticeira que nunca.

D. Clementina não pôde resistir a tantas graças ; correu para ella... dous rostos angelicos se approximarão... quatro labios côr de rosa se tocárão, e esse toque fez acordar D. Carolina.

Um beijo tinha despertado um anjo ; se é que o anjo realmente dormia.



XVII.

Forão buscar lã, e sahirão tosquiadas.



Se houve alguém que quizesse servir a D. Quinquina, ou se foi ella mesma quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é cousa que pouco interesse dá: o certo é que o estudante, indo tirar o lenço para assoar-se, achou o interessante escriptinho: então correu logo para um lugar solitario, e só depois de devorar o convite sem assignatura foi que lembrou-se que ainda não se havia assoado, e que o pingo estava cai não cai na ponta do nariz: emfim, ainda com o lenço acudiu a tempo, e depois entendeu que, para melhor decidir o que lhe cumpria fazer n'aquella conjunctura, deveria avivar o cerebro sorvendo uma boa pitada de rapé; portanto lançou a mão ao segundo bolso de sua jaqueta, e eis que lhe sai com a caixa do bom princeza um outro escriptinho, como o primeiro.

— Bravo! (exclamou o nosso estudante) temiveis mãoszinhas serião estas, se se dessem ao exercicio, não de encher, mas de vasar as algibeiras da gente.

E sem mais dizer, abriu e leu o escripto.

„ Sr. Uma moça, que nem é bonita nem namorada, mas que quer interessar-se por vós, entende dever prevenir-vos que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma incognita; porém sim 4 conhecidas, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma d'ellas em particular. Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque, apesar de ser vossa amiga, serei por agora — Uma incognita.

— Muito bonito! muito bonito!... (disse Augusto, beijando o bilhete) estou exactamente representando um papel de romance! mas quem sabe se ainda acharei mais cartas!...

E n'isto pensando, foi correndo um por um todos os bolsos de seus vestidos, sem esquecer o do relógio; e até passou os dedos por sua basta cabelleira, presumindo que talvez introduzissem algum escripto no enorme canudo de cabellos que lhe escondia as orelhas.

Porém nada mais havia: também duas cartas tão curiosas já erão de sobra em uma só noite. O estudante pensou no conteúdo de ambas, e ainda reflexionava se lhe cumpria fugir ou aceitar um certame com quatro moças, que elle adivinhava quaes erão, quando a primeira rosa da aurora se desabriu no horisonte. Augusto correu para a gruta encantada.

Chegando ao pé, foi de mansinho se approximando: sentiu rumor, e ouviu que alguém dizia em tom baixo:

— Oh! se elle vier!...

— Eil-o aqui, minhas bellas Sras.; (exclameu o es-

tudante, que entendeu não lhes dever nunca dar tempo a tomar a offensiva) eis-me aqui !...

As moças, que estavam todas sentadinhas no banco de relva, como quatro pombas rôlas enfiladas no mesmo galho, erguêrão-se sobresaltadas ao ver entrar inopinadamente o estudante : era isso mesmo o que elle queria ; pois continuou :

— As Sras. vêem que acudi de prompto ao honroso convite, e que me enthusiasmo vendo quatro auroras em lugar de uma só ! Bello amanhecer é este, sem-duvida... mas exposto ao fogo abrazador de oito olhos brilhantes... eu me sinto arder... juro que tenho sede.. eis alli uma fonte... Mas, meu Deus, é a fonte encantada, que descobre os segredos de quem está com nosco !... Bem ! bem ! melhor ! uma gota d'esta lympha de fadas !...

— O que é que elle está dizendo, mana ? (exclamou D. Quinquina, apontando para Augusto, que tinha entre os labios o copo de prata.)

— É preciso decidir-nos a começar (disse D. Gabriella).

— Principie vossê (disse D. Joanninha).

— Eu não: comece vossê.

— Eu não, que sou a mais moça.

Então o estudante, que tinha acabado de esgotar o seu copo d'agua, voltou-se para ellas, e dando a seu rosto uma expressão animada, e a suas palavras estudado acento :

— Começo eu, minhas Sras.; (disse) e começo por dizer-vos que aquella fonte é realmente encantada :

sim ; eu tenho á mercê de sua agua, adivinhado bellos segredos : escutai, vós... Perdoai e consenti que vos trate assim, emquanto vos fallar inspirado por um poder sobrenatural : vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim por haver amado a todas vós n'uma só noite : que ingratição !... eu vos poderia perguntar, como o poeta

Assim se paga um coração amante ?!

mas desgraçadamente a fada que preside áquelle fonte quer mais alguma cousa ainda, e me dá uma cruel missão ! ordena-me que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações, para melhor provar os seus encantamentos. Pois bem; é preciso obedecer: qual de vós quer ser a primeira ?.. Eu não ousou fallar alto, porque pelo jardim talvez estejam passeando alguns profanos. Qual de vós pois quer ser a primeira ?....

Nenhuma se moveu.

— Será preciso que eu escolha ?... (continuou o tagarella) escolherei, minhas Sras., escolherei... Illuminai-me, boa fada ! Quem será ?... Será... será a Sra. D. Gabriela.

— Eu !! (respondeu a menina, recuando.)

— A Sra. mesma; (disse Augusto, trazendo-a pela mão para junto da fonte) vinde, Sra., para bem perto do lugar encantado : agora silencio.... ouvi.

— Elle está mangando com nosco (murmurou D. Clementina).

Augusto já estava fallando em voz baixa a D. Gabriela.

— Vós, Sra., ainda não amastes a pessoa alguma :

para vós amor não existe, é um sonho apenas; só olhais como real a galanteria: vós querieis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havia protestado a mais tres companheiras vossas; e todavia estais incurso em igual delicto, pois só por cartas vos correspondeis com cinco mancebos.

— Senhor !....

— Oh! não vos impacientes: quereis provas?... Ha quatro dias, uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas; trocou-as, e deu, se bem me lembra a fada, a de lacre azul ao Sr. Juca, e a de lacre verde ao Sr. Joãozinho.

— Ora... ora, Sr.! quem lhe contou essas invenções?

— A fada; e fez mais ainda. Vós não achareis em vosso album o escripto desesperado do Sr. Joãozinho, que vos foi entregue no momento de vossa partida para esta ilha; sou eu que o tenho, a fada m'o deu ha pouco com sua mão invisivel.

— Impossivel! (balbuciou D. Gabriela, recorrendo ao seu album.)

Ella não podia encontrar o escripto.

— Sr. Augusto, (disse então, toda vergonha e acanhamento) eu lhe rogo que me dê esse papel.

— Pois não quereis ouvir mais nada?...

— Basta o que tenho ouvido, e que não posso bem comprehender; mas dê-me o que lhe pedi.

— D'aqui a pouco, Sra.; na hora de minha partida para a Côrte: porém com uma condição.

— Póde dizel-a.

— Sois sobremaneira delicada, Sra.; este excesso vós

deve ser nocivo; quereis fazer-me o obsequio de ir descansar, e dar-me a honra de aceitar a minha mão até a porta da gruta ?.....

— Com muito prazer.

Então os dous se dirigirão para fóra; passando junto das tres companheiras, D. Gabriela pôde apenas dizer-lhes :

— Até logo.

Chegando á porta, Augusto fallou já em outro tom:

— Minha Sra., espero que me faça a justiça de crer que fico extremamente penalizado por não poder dilatar por mais tempo a gloria de acompanhal-a ; mas sabo o que ainda tenho de fazer.

— Obrigada; (respondeu D. Gabriela) não poupe as outras.

Não é possível bem descrever a admiração das tres.

Augusto chegou-se a D. Quinquina, e tomando-lhe a mão, disse :

— Minha Sra., é chegada a nossa vez.

D. Quinquina deixou-se levar para junto da fonte: as moças tinhão perdido toda a força ; o que diante d'ellas se passava pedia uma explicação que não estava ao seu alcance dar. Augusto começou:

— Sra., eu poderia dizer-vos, pelo que me conta a boa fada, que vós sois como as outras de vossa idade, tão voluveis como eu ; mas para tal saber não precisava eu beber da agua encantada; podia tambem gastar meia hora em fallar-vos do vosso galanteio com um Tenente da Guarda Nacional, por nome Gusmão..

— Senhor !...

— Por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis *dominus tecum* quando ao pé de vós espirrar algum moço, e que não vos riaís quando elle estiver serio.

— Quem lhe disse isto, Sr. ?...

— A fada, Sra.; e ainda me disse mais : por exemplo, contou-me que no baile d'esta noite, passeando com um velho militar, vós recebestes da mão d'elle um lindo cravo, e a seus olhos o escondestes, com gesto apaixonado, no palpitante seio ; mas d'ahi a um quarto de hora essa mesma flor, tão ternamente accita, deveria ir parar ao bolso de um bello joven, chamado Lucio, se acaso não fosse roubada pela fada que preside esta fonte.

— Eu não entendo nada do que o Sr. está dizendo : isso não é comigo.

— Eu me explico: o Sr. Lucio viu ser dado e recebido o presente, e fingindo-se zeloso, vos pediu esse cravo, muito notavel, porque, além da flor aberta, havia sete flores em botão: ora dizei, não é verdade? Pois o Sr. Lucio queria esse cravo ; mas vós lh'o não podieis dar, porque o velho militar não tirava os olhos de vós: ora, conversando com o Sr. Lucio, acordastes ambos que elle iria esperar um instante no jardim, e que um pequeno escravo, por nome Tobias, lhe levaria a flor ; e como o tal Tobias ainda não conhecia o Sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras — sete botões ; — não foi assim ?...

D. Quinquina guardou silencio: tudo era verdade; ella estava côr de nacar : Augusto proseguiu:

— Isto se passou estando vós na grande varanda, sentados em um banco, e com as costas voltadas para uma janella da sala do jogo: ora, a fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dissestes, e como lhe é dado tomar todas as figuras, tomou a de moço, foi ao jardim, e quando viu o Tobias, disse — sete botões —; e o cravo foi logo da fada, e é agora meu; eil-o aqui.

— Isso é uma invenção; eu não conheço essa flor.

— Bem: então consentireis que eu a traga esta manhã no meu peito?... Se não confessais, eu a mostrarei.... O Sr. Coronel ainda se não retirou, e...

— Perdoe-me, (balbuciou emfim D. Quinquina; deixando cahir uma lagrima na mão de Augusto) dê-me esse maldito cravo.

— Eu vol-o darei na hora de minha partida, Sra.; porém ouvi mais.

— Basta.

— Pois bem, basta; mas eu vejo que vossa face está humedecida: seria uma lagrima, se o relento da noite não molhasse tambem a rosa: quereis descansar sem-duvida; poderei gozar o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta?...

— Sim, Sr.

Duas guerreiras tinham sido batidas; só a curiosidade retinha as outras: Augusto se chegou para ellas, e fallou a D. Clementina.

— Agora nós, Sra.

Ella deixou-se levar pela mão até junto da fonte; o estudante começou:

— Quereis factos de ante-hontem, ou da noite passada, Sra. ?

— Eu não entendo o que o Sr. quer dizer.

— Pergunto, Sra., se vos dá gosto que eu vos repita o que com voseo se passou, quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros... o que com voseo conversou o meu collega Felippe, quando tomaveis chá.

— Eu não preciso saber nada d'isso.

— Então dir-vos-ei o que mais vos interessa: socegarei mesmo os vossos euidados e os do Sr. Felippe, a respeito da perda de certo objecto...

— Sr. Augusto!...

— Sra., foi a fada d'esta mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho, que continha uma trança de vossos cabellos, e que deveria ser achado em baixo da quarta roseira da rua que vai ter ao earamanehão; e essa trança pára hoje em minhas mãos; eil-a aqui.

— Oh! dê-m'a.

— Não preferis antes que eu a entregue ao feliz para quem a destinaveis ?

— Não; eu lhe peço que m'a dê.

— Eu estou prompto a obedecer-vos, Sra.; mas só na hora de minha partida. Vós quatro querieis zombar de mim; não concebo até onde iria vossa vingança: preciso de refens que segurem a paz entre nós; estes são os meus: quereis saber mais alguma cousa ?

— Eu já sei que o Sr. sabe demais !

— Então...

- Quer, como as duas primeiras, offercer-me a mão, e obrigar-me a desamparar o campo? Venceu, Sr., e sou eu que lhe peço que me acompanhe até a porta da gruta.

— Eu estou prompto, Sra., para servir-vos em tudo.

Só restava D. Joanninha: era a vez d'ella.

— Eu vos deixei para o fim, (disse Augusto) porque a vós é que eu mais admiro; porque vós sois exactamente a unica d'entre ellas que tem amado melhor, e que mais infeliz tem sido: eu vos explicarei isto. Sois todavia um pouco excessiva em exigencias...

— Que quer dizer, Sr. Augusto?

— Que quereis muito, quando ordenais a um estudante que vos escreva quatro vezes por semana, pelo menos; que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por dia; que vá a miudo ao theatro e aos bailes que frequentais; e até que não fume charutos de Havana, nem de Manilha, por ser falta de patriotismo!

— Quem lhe disse isso, Sr.?

— A fada, Sra., que sabe que amais a um moço, a quem dais a honra de chamar querido primo.

— É uma vil traição!

— Exactamente diz o mesmo a nossa boa fada; e ainda mais, Sra.: quer que eu vos aconselhe que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor: eu poderia dar-vos provas...

— Não as tenho eu bastantes, (exclamou D. Joanninha com sentimento) quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido d'elle e de mim sómente?

Augusto ia fallar; ella o interrompeu.

— Sr., eu agradeço o benefício que recebi: o Sr. quiz zombar de mim, como das outras; mas não o fez: ao contrario atalhou em principio uma grande enfermidade, que talvez fosse d'aqui a pouco tempo ineuravel! Eu galanteio tambem ás vezes; porém sei amar até o extremo. Adeos, Sr. ! eu posso apenas agradecer-lhe dizendo que tenho tanta confiança na sua discrição e no seu character, que nem mesmo lhe recommendo o cuidado do meu segredo.

D. Joanninha ia deixar a gruta ; Augusto lhe offereceu o braço.

— Agradecida ; (disse ella) permitta que eu entre só em casa.

Augusto ficou só ; esteve alguns momentos lembrando-se da scena que acabava de ter lugar; finalmente disse, soltando uma risada :

— Vierão buscar lá, e sahirão tosquiadas !

E já estava para pôr o pé fóra da gruta, quando uma voz branda e sonora o suspendeu, dizendo :

— Agora, Sr. Augusto, é chegada a sua vez.



XVIII.

Achou quem o tosquiasse.



Escutando aquellas inesperadas palavras, que o chamavão para a mesma posição em que elle tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se derepente, e viu no fundo da gruta a interessante Moreninha, que enchia o copo de prata.

— Minha Sra. !... (balbuciou o estudante confuso.)

D. Carolina respondeu-lhe primeiro com o seu costumado sorriso, e depois assim :

— Não se dirá que um homem zombou impune-mente de quatro Sras.; uma outra toma o cuidado de vingal-as. Sr. estudante, eu tambem sou adepta ao culto d'esta fada, e vou invocal-a em meu auxilio.

A menina travessa bebeu em seguida a estas palavras o seu copo d'agua, e depois, imitando o estylo de Augusto, que se achava junto d'ella, disse:

— Quereis que vos falle do passado, do presente, ou do futuro ?

— De todas essas épocas... ao menos para ouvir

por mais tempo os vaticínios e palavras de tão amavel Sibylla.

— Pois então principiemos pelo passado. Oh! que bellas revelações me fez a fada! sim; eu estou lendo no livro da vossa vida, estou vendo tudo! estou dentro de vosso espirito e de vosso coração!

— Oh! sim! eu juro que isso é verdade (atalhou o estudante).

A menina fingiu não entender a allusão, e continuou:

— Sr., vós amastes muito cedo... creio... sim, foi de idade de treze annos.

Augusto reeuou um passo; ella proseguiu:

— Amastes, sim, a uma menina de sete annos, com quem brincastes á borda do mar.

— E quem era ella? como se chamava? (perguntou Augusto com fogo, talvez pensando que D. Carolina estava com effeito adivinhando, e podia dizer-lhe o que elle mesmo ignorava.)

— Posso eu sabel-o? (respondeu a Moreninha) a fada só me diz o que se passou em vosso coração, e vós por certo que tambem não sabeis quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de minha mulher.

— Prosiga, minha Sra.

— Poderia contar-vos uma longa historia de velho moribundo, esmeralda, camafeu; mas basta de vossa mulher: permitti que vos diga que mostrava ser uma criança doudinha, que cedo começava a fazer loueuras.

— Que cruel juizo!

— Oh! não vos agasteis: eu a respeito tambem em attenção a vós; porém vamos acabar com o vosso

passado. Houve um tempo em que quizestes figurar entre os vossos amigos como galanteador de damas; por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado! todas ellas zombárão de vós!

E a menina interrompeu-se, para rir-se da cara que fazia Augusto.

— Ora por esta não esperava eu!... (disse o estudante.)

— A primeira joven que requestastes foi uma Moreninha de dezeseis annos, que jurou-vos gratidão e ternura, e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos: não foi assim?

E a menina de novo desatou a rir.

— Minha Sra., de que gosta tanto?

— Ora! é que a fada está me dizendo que ainda em cima vossos amigos, quando souberão de tal, derão-vos uma roda de cacholetas!

— Então a Sra. D. Anna lhe contou tudo isso?

— Juro-vos, Sr., que minha avó não me falla em semelhantes objectos. Consenti que eu continue. A segunda foi uma joven coradinha, a quem em uma noite ouvistes dizer n'um baile que ereis um pobre menino, com quem ella se divertia nas horas vagas: não foi assim?

— Prosiga, minha Sra.

— A terceira foi uma moça pallida, que zombou solemnemente, tanto de um primo que tinha, como de vós. Eis alguns de vossos principaes galanteios. Exasperado com o infeliz resultado d'elles, e vivamente tocado das letras e da musica de certo lundú

que se vos cantou, tomastes outro partido, e desde então vós pretendeis fazer passar por borboleta de amor.

— Borboleta ?!.. Sim... sim... lembro-me agora que a Sra. passeava pelo jardim. Já sei de quem foram certas carcirinhas, e portanto comprehendo que vós sabeis tudo a custa....

— A custa da fada, Sr.; e escuso estender-me mais, porque vós estais bem certo de que eu devo saber ainda muito.

— Sim ; mas diga sempre.

— Não ; antes quero fallar-vos do vosso presente.

— Pelo amor de seus bellos olhos, minha Sra., vamos antes ao que eu não sci, vamos ao meu futuro.

— Sois sobejamente sofrego ! não vêdes como isso vai contra a boa ordem da narração ?

— Mas a desordem é hoje a moda ! o bello está no desconcerto ; o sublime no que se não entende ; o feio é só o que podemos comprehender: isto é romantico-queira ser romantica ; vamos ao meu futuro.

— Pois bem ; vamos ao vosso futuro: principiarei, como pretendia fazer, se fallasse do presente de vossa vida, dizendo-vos que vós não sois inconstante como affectais.

— Misericordia !

— Mas que estais a ponto de o ser: digo-vos que perdereis uma certa aposta que fizestes com tres estudantes.

— Como é isso ? Então a Sra. sabe....

— A fada, que me revelou isso, leu o termo na carteira de quem o guardou.

— A fada? sim; a feiticeira o leu... Comprehendo.

— Vós não sois inconstante, porque tendes até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher; mas vós o ides ser, porque não longe está o dia em que a esqueceréis por outra.

— A culpa será dos olhos d'essa outra; porém quem sabe?...

— Desejo que não; comtudo, eu já vos vejo em principio, e temo que vades ao fim: sereis perjuro, tereis de escrever um romance, e, perdoai-me se vos desejo este mal, eu quizera que ao pé de meu irmão, que vos apresentará o termo de aposta, apparecesse a vossos olhos a mulher trahida. Do vosso futuro eis quanto me disse a fada.

— E disse bastante para me confundir.

— Quereis que vos falle agora de vosso presente?

— Oh! se quero! No presente está a minha gloria.

— Hontem no baile dissestes palavras de ternura, pelo menos a seis Sras.

— Esta agora é melhor! e quem o pôde notar?

— Provavelmente a fada vos observava.

— Então a fada, a feiticeira fazia isso?

— Depois do baile puzerão-vos duas cartas no bolso.

— Que mãos delicadas....

— Não m'o sabe dizer a fada; porém vós viestes para esta gruta acudindo a um convite, e fingistes adivinhar segredos de corações: não era verdade; a fada nada vos revelou; o que dissestes sabieis antes, e a fada me disse como.

— Explique-me pois, minha Sra.

— Quando involuntariamente fui causa de vos entornarem café nas calças, vós fostes mudar de roupa, e entrastes para o gabinete das Sras.; lá ouvistes tudo o que affectastes adivinhar ha pouco.

— E quem me viu entrar?

— A fada, sem-duvida. O cravo de D. Quinquina, fostes vós que recebestes no jardim; e na noite dos jogos de prendas fostes vós ainda quem com uma luz na mão procurou e achou a trança de cabellos de D. Clementina embaixo da quarta roseira da rua que vai para o caramanchão.

— Mas quem observou o que eu fiz ás escondidas, e com tanto cuidado?

— A fada, que, segundo penso, vos tem sempre seguido com os olhos.

— A fada?!.. a feiticeira me segue sempre com os olhos?!.. Oh! como sou feliz!... a feiticeira é a Sra.!

— Senhor! sois pouco modesto: que me importaria vossos passos e vossas acções?...

— Perdão! perdão!... eu sou um tresloucado... um incivil.... um doudo.... não sei o que faço, nem o que digo; mas continue....

— Basta! vós duvidastes da fada; e porisso eu termino aqui.

— Não! não, minha Senhora! é preciso dizer-me mais alguma cousa ainda!... por força a fada lhe deveria ter revelado! ella, que adivinha tudo o que esta dentro do meu coração, diga o que ainda se passa n'elle.

— Nada mais me disse.

— Beba outro copo d'agua....

- Não julgo necessario.
- Pois então....
- Cumpre retirar-me.
- Não, por certo ! perdôc-me, minha Senhora; mas eu devo descobrir todos os meus segredos a quem conhece tão boa parte d'elles.
- Eu me contento com o pouco que sei.
- Ouça uma só pãlavra....
- Não sou curiosa.
- Pois a Senhora....
- Sei que sou Senhora ; mas sou excepção de regra: não quero saber.
- Embora ; eu lhe direi ainda contra a vontade...
- E para isso toma-me a sahida ?...
- É só para lhe dizer que eu amo....
- Já sei ; a sua mulher.
- Não é isso ; a uma bella moça....
- Ella o deve ser agora.
- Muito espirituosa....
- Já ella o era em criança.
- E que se chama....
- Ah !... espreitão-nos da entrada da gruta !...

Augusto correu a examinar quem era a indiscreta testemunha ; não apparecia pessoa alguma : comprehendeu então que fôra ainda um meio de que se lembrára D. Carolina para não deixal-o concluir sua declaração, e, disposto a lançar-se aos pés da menina, voltou-se já com o nome da bella nos labios, e....

D. Carolina tinha desapparecido da gruta.



XIX.

Entremos nos corações.



O que é bom dura pouco : as festas estão acabadas ; nossas bellas conhecidas bordão ; nossos alegres estudantes estão de livro na mão. Mas, pelo que toca a estes, qual é, digão-me, qual é o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição ? Isto succede assim : essa pobre gente vê por toda a parte, e misturando-se com todos os pensamentos, — no livro em que estuda, nas estampas que observa, na dissertação que escreve —, o baile, as moças, e os prazeres que apreciou. O nosso Augusto, por exemplo, está agora bronco para ás lições, e impertinente com tudo. Raphael é quem paga o pato : se o innocente moleque lhe aprompta o chá muito cedo, apanha meia duzia de bolos, porque quer ir vadiar pelas ruas ; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva dous pescoções para andar mais ligeiro ; não ha emfim cousa alguma que possa

contentar o Sr. Augusto : está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas nas aulas ; de ministerial, que era, passou-se para a opposição ; não quer mais ser assignante de periodicos, não ha para seus olhos lugar nenhum bonito no mundo ; aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta de ilhas.

Deveremos fazer-lhe uma visita : elle está em seu gabinete, e um pouco menos carrancudo ; porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciencia de lhe estar ouvindo pela duodecima vez a narração do que com elle se passou na ilha de...

Segundo parece, Augusto acaba de relatar o que occorreu na gruta entre elle e a bella Moreninha ; porque Leopoldo lhe perguntou :

— E por onde fugiria ella ?...

— Por uma difficil sahida, que eu não havia observado, (respondeu Augusto) e que exactamente se praticava no fundo da gruta.

— Que diabinho de menina !

— Quanto mais se tu notasses a graça e malicia com que ella, quando eu entrei na sala, me perguntou soccagadamente: « Esteve dormindo na gruta, Sr. Augusto? »

— Então, ella gostou da tua semi-declaração ? !...

— Não... não... se ella tivesse gostado, não me fugiria.

— Ora é boa ! não devia fazer outra cousa.

— Se ella gostasse de mim !... mas porque me não deu um só signal de ternura ?... Tambem eu, ás vezes tão adiantado, fui d'esta um tolo, um basbaque ! tremi diante de uma criança que não tem quinze annos, e não soube dizer duas palavras.

— Estás doudo, Augusto, e doudo varrido : acredita que D. Carolina foi mais sensível aos teus complementos que aos de nenhum outro ; e senão, dize porque se não deixou ella dormir, como as outras Sras., e foi á hora de tua partida passear pela praia, e ver-te embarcar ?... porque ficou alli passeando até desaparecer o teu batelão ?...

— Isso não significa nada.

— Ora ature-se um namorado !... mas venha cá, Sr. Augusto ; então como é isto ?... estamos realmente apaixonado ?...

— Quem te disse semelhante asneira ?...

— Ha tres dias que não fallas senão na irmã de Felippe, c....

— Ora viva ! quero divertir-me... digo-te que a acho feia ; não é lá essas cousas ; parece ter máo genio. Realmente notei-lhe muitos defeitos.. sim... mas ás vezes... Olhá, Leopoldo, quando ella falla, ou mesmo quando está calada, ainda melhor ; quando ella dança, ou mesmo quando está scntada... ah ! ella rindo-se... e até mesmo seria... quando ella canta ou toca, ou brinea ou corre, com os cabellos à *négligé*, ou divididos em bellas tranças ; quando.... Para que dizer mais ?... Sempre, Leopoldo, sempre ella é bella, formosa, encantadora, angelica ! !

— Então que historia é essa ?... Acabas divinizando a mesma pessoa que, principiando, chamaste feia ?...

— Poiseu disse que ella era feia ? É verdade que eu... no principio... mas depois... Ora ! estou com dores de cabeça : este maldito Velpean !... Que lição temos amanhã ?

— Tratar-se-á das apresentações de...

— Temos maçada? Quem te perguntou por isso agora? Fallemos de D. Carolina, do baile, do...

— Eis ahí outra! Não acabastes de perguntar-me qual era a lição de amanhã?...

— Eu?... Póde ser... Esta minha cabeça!...

— Não é a tua cabeça, Augusto; é o teu coração.

Houve então um momento de silencio: Augusto abriu um livro, e fechou-o logo depois; tomou rapé, passeou pelo quarto duas ou tres vezes, e finalmente veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.

— É verdade, (disse) não é a minha cabeça; a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que eu penso que são um segredo, e que todo o mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que d'ahi a algumas horas comecei a achar bonita, no curto trato de um dia, ou melhor ainda em alguns minutos de uma scena de amor e piedade, em que a vi de joelhos banhando os pés de sua ama, plantou no meu coração um dominio forte, um sentimento filho da admiração talvez; mas sentimento que é novo para mim, que não sei como o chame; porque o amor é um nome muito frio, para que o pudesse exprimir!... Eu já me não conheço... não sei onde irá isto parar... Eu amo! ardo! morro!

— Modera-te, Augusto; acalma-te; não é graça; olha que estás vermelho como um pimentão!

— Oh ! tudo n'aquella ilha fatal se assanhou para enfeitiçar-me ! tudo ! até a propria mentira !

— E tu acreditaste muito n'essa Sra. ?...

— Escuta, Leopoldo : uma vez que com a avó de Felippe conversava na gruta, eu, fatigado e sequisoso, bebi um copo d'agua, da fonte do rochedo : então a nossa boa hospeda contou-me uma fabulosa e singular tradição d'aquella fonte. A agua dizia-se milagrosa, e quem bebesse d'ella não sahiria da ilha sem amar'algum de seus habitantes : eis aqui pois uma mentira ! mas uma mentira que excitou minha imaginação ; uma mentira que me perseguiu lá dous dias, e que me persegue ainda hoje ; uma mentira emfim que se transformou em verdade ; porque eu bebi d'aquella agua, e não pude deixar a ilha sem amar, e muito, um de seus habitantes !...

— Devéras que isso não deixa de ser interessante ! Mas que effeito esperas tu que provenha de toda essa inoxidada ?...

— Que effeito ?... O... amor.

— Amor ? !... Amor não é effeito nem causa, nem principio nem fim, e é tudo isso ao mesmo tempo ! é uma cousa que... sim... finalmente, para encurtar razões, amor é o diabo. Dize-me pois, sinceramente fallando, qual o resultado que pensas tirar de tudo isso que me contaste.

— Que resultado ?... O... amor.

— E elle a dar-me com o maldito amor ! Augusto, fallemos serio ; essa tua exaltação estava muito em ordem n'um moço que quizesse desposar D. Ca.

rolina ; porém tu nem cuidas em casamento, nem, se em tal pensasses, tẽ lembrarias, roceiro como és, de escolher para mulher uma menina que foi criada, educada, e pôde-se dizer que mora na cõrte.

— Esta agora não é má !... Devéras que ainda me não passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura ; mas supponhamos o contrario d'isso, que mal tu achas em que um roceiro se case com uma moça da cidade ?...

— Que mal ?... Ora escuta : devendo ir morar na roça, a moça tem necessariamente de mudar de costumes e de vida ; comprehende pois quanto atormen-tará o coração do pobre marido a vista dos dissabo-res e contrariedades que soffrerá na solidão e monotonía campestre a Sra. amamentada no seio dos prazeres e festins da cõrte ; quanto o devem entristecer os suspiros e saudades de que será testemunha quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de suas amigas, do theatro, do passeio, d'essa cadeia de delicias emfim que, apezar d'ella, a ligará ainda a seu passado.

— Oh ! não, não, Leopoldo, se o marido fôr amado por ella ! Quando se ama devéras, e se está com o objecto do amor, não se recorda, não se deseja, não se quer mais nada !...

— Tu fallas em amor, Augusto ?... Ainda bem que somos ambos estudantes da roça, e posso dizer-te agora o que entendo, sem medò de offender a susceptibilidade de cortezão algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os

ares da cidade?... que, por natureza e habito, as nossas roceiras são mais constantes que as cidadôas?... Olha, aqui encontramos nas moças mais espirito, mais jovialidade, graça e prendas; porém n'ellas não acharemos nem mais belleza, nem tanta constancia. Estudemos as duas vidas. A moça da côrte cresce e vive commovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objectos que se multiplicão e se renovão a todo o momento, por prazeres e distracções que se precipitão: ainda contra vontade, tudo a obriga a ser voluvel: se chega á janella em um instante só, que variedade de sensações! seus olhos têm de saltar da carruagem para o cavalleiro, da Sra. que passa para o menino que brinca; do sequito do casamento para o acompanhamento do enterro! Sua alma tem de sentir ao mesmo tempo o grito de dôr, e a risada de prazer; os lamentos, os brados de alegria, e o ruido do povo: depois tem o baile com sua atmospherã de lisonjas e mentiras, onde ella se acostuma a fingir o que não sente, a ouvir phrases de amor a todas as horas, a mudar de galanteador em cada contradança: depois tem o theatro, onde cem oculos fitos em seu rosto parecem estar dizendo — és bella! — e assim enchendo-a de orgulho, e muitas vezes de vaidade, finalmente, ella se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudavel como a moda de seus vestidos. Queres agora ver o que se passa com a moça da roça?...

Alli está ella na solidão de seus campos talvez menos alegre, porém certamente mais livre: sua alma é

todos os dias tocada dos mesmos objectos ; ao romper d'alva, é sempre e só a aurora que bruxolêa no horisonte ; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores : de tarde, sempre o mesmo gado que se vem recolhendo ao curral ; á noite, sempre a mesma lua que pratêa seus raios na lisa superficie do lago ! Assim ella se acostuma a ver e amar um unico objecto ; seu espirito, quando concebe uma idéa, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella ; sua alma, quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer por aquelle que ama. Isto é assim, Augusto ; considera que é lá em nossos campos que mais brilhão esses sentimentos, que são a mesma vida, e que não podem acabar senão com ella !...

— Como estás exagerado, Leopoldo ! juraria que desejas casar com alguma moça da roça !

— Oh !... se esse desejo me dominar, certamente que o satisfarei com uma das muitas bonitas eachopinhas da minha terra.

— Eu logo vi que nos teus raciocinios e observações andava o genio da prevenção ; e uso-me porém de responder-te, poisque fallaste em regra geral, e d'esse modo concedes....

— Que ha muitas exceções, sem-duvida.

— Bem ! quando não, tu me forçarias a tomar a palavra para defender a linda Moreninha, que tanto me captiva.

— Então, Augusto, teremos por ventura 1 romance ?

— Que romance ?

— Perdêrás a aposta, e ao completár-se o mez...

— D'aqui até lá... se eu pudesse esquecel-a !... mas aquellá menina não é como as outras ; é uma tentação... um diabinho...

— Quando pois começas a cscrever ?

— Estás tolo ? (respondeu Augusto, tomando por um momento seu antigo bom humor) eu ainda pretendo n'estes quinze dias mudar de amor tres vezes.

Basta porém de estudantes : já temos ouvido bastante o nosso Augusto, e demorar-nos mais tempo em seu gabinete fôra querer escutar ainda as mesmas cousas ; porque o tal mocinho, que quer campar de beija-flor, parece que cahiu no visco dos olhos e graças da joven belleza da ilha de..., e está sinceramente namorado d'ella: ora todos sabem que os amantes têm um prazer indizivel em matraquear os ouvidos dos que os attendem com uma historia muito comprida e mil vezes repetida, que, reduzindo-se á expressão mais simples, ficaria em zero, ou, quando muito, nos seguintes termos: « eu olhei e ella olhou; eu lhe disse, ella me disse — póde ser, não póde ser »: deixemos portanto o Sr. Augusto entregue a seus cuidados de moço ; e tanto mais que já conhecemos o estado em que se acha. Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel, que não tem, como aquelle, uma pessoa a quem confie suas penas, e por isso soffre talvez mais. Faremos uma visita á nossa linda Moreninha.

Tambem suas modificações têm apparecido no character de D. Carolina, depois dos festejos de Sanct'Anna. Antes d'elles, era essa interessante juvenzinha o

prazer da ilha de...: irreconciliavel inimiga da tristeza, e'la ignorava o que era estar melancolica dez minutos, e praticava o despotismo de não consentir que alguém o estivesse: junto d'ella, por força ou por vontade, tudo tinha de respirar alegria; sabia tirar partido de todas as circumstancias para fazer rir; e boa, affável e carinhosa para com todos, amoldava os corações á sua vontade: o idolo, o delirio de quantos a praticavão, era ella a vida d'aquelle lugar, e empunhava com suas graças o sceptro do prazer. Hoje suas maneiras são outras; mudou todo o seu viver, fuge da familia que a busca; e emquanto suas musicas se empoeirão, seu piano passa dias inteiros fechado, suas bonécas não mudão de vestido; ella vaga solitaria pela praia, perdendo seus bellos olhares na vastidão do mar, ou, sentada no banco de relva da gruta, descansa a cabeça em sua mão, e pensa... em que?... quaes serão os solitarios pensamentos de uma menina de menos de quinze annos?... E ás vezes suspira... um suspiro?... Eis o que é já um pouco explicativo.

Assim como o grito tem o écho, a flor o aroma, a dor o gemido, tem o amor o suspiro: ah! o amor é um demoninho, que não pede licença para entrar no coração da gente, e, hospede quasi sempre importuno, por peor trato que se lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se collando e deixando ficar; sem vergonha nenhuma, faz-se dono da casa alheia, toma conta de todas as acções, leva seu dominio muito cedo aos olhos, e ás vezes dá taes saltos no coração, que chega a ir encarapitar-se no juizo; e então, adeos minhas encommendas!

Pois muito bem; parece que a tal tentação anda fazendo peloticas no peito da nossa cara menina: tambem não ha molestia de mais facil diagnostico. Uma mocinha que não tem cuidados, com quem a mamãi não é impertinente, que não sabe dizer onde lhe dóe, que não quer que se chame medico, que suspira sem ter flatos, que não vê o que olha, que acha todo o guisado mal temperado, é porque já ama ; portanto D. Carolina ama : mas a quem ?...

Ah! Sr. Augusto! Sr. Augusto! a culpa é toda sua, sem-duvida. Esta bella menina, acostumada desde as faxas a exercer um poder absoluto sobre todos, os que a cercão, não pôde ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher que o captivas-se devéras, sem sentir o mais vivo desejo de reduzi-lo a obediente escravo de seus caprichos: ella poz então em acção todo o poder de suas graças; ideou mesmo um plano de ataque; estudou a natureza e os fracos do inimigo ; observou-o; bateu-se : o combate foi fatal a ambos talvez; e no fim d'elle a orgulhosa guerreira apalpou o seu coração, e sentiu que n'elle havia penetrado um dardo; consultou a sua consciencia, e ouviu que ella respondia se — venceste, tambem estás vencida.

Com effeito D. Carolina ama o feliz estudante; e uma mistura de saudades e de temor da inconstancia do seu amado é provavelmente a causa de sua tristeza: ajunte-se a isto a novidade e os cuidados de um amor nascente e primeiro, o incommodo de um sentimento novo, inexplicavel, que lhe enchia o innocente coração, e ver-se-á que ella tem suas razões para andar melancolica.

E portanto toda a família está assaltada do mesmo mal: ha na ilha uma epidemia de máo humor, que tem chegado a todos, desde a Sra. D. Anna até a ultima escrava. Além de quanto se acaba de expôr, accresce que Felipe se deixou ficar na cidade a semana inteira, sem querer dispensar uma só tarde para vir visitar sua querida avó, e a tão bonita maninha.

Eis porém o que se chama accusação injusta! diz o ditado que — fallai no máo, apromptai o páo — : Felipe estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o domingo todo no seio de sua familia: eis-o ahi, que recebe a benção de sua avó, e beija a fronte de sua irmã.

— Pensei (diz aquella) que não querias mais vêr-nos!

— E quasi que deixei a viagem para amanhã, minha boa avó.

— O ingrato ainda o diz; ouves, Carolina?... Então porque?...

— Para vir na companhia de Augusto, que deve passar o dia com nosco.

Estas palavras tiveram poder electrico: D. Carolina, para occultar a perturbação que a agitava, correu a esconder-se em seu quarto.

Lá.... bem ás escondidas.... ella derramou uma lagrima : doce lagrima!... era de prazer.





XX.

Primeiro domingo : elle marca.



Augusto madrugou, e muito : quando a aurora começou a apparecer, já elle havia vencido meia viagem, e seu desejo era ir acordar na ilha de... uma pessoa que tinha o máo costume de dormir até alto dia; porisso instava com os remeiros para que forcejassem, e enquanto seu batelão se deslisava pelas aguas, rapido como uma flecha pelos ares, elle o accusava de pesado e vagaroso: tinha ha muito descoberto a ilha de...; os objectos forão pouco a pouco se tornando mais e mais distinctos : viu a casa, viu o rochedo em que outr'ora a Tamoya deveria ter cantado seus amores, e de sobre o qual cantára ha oito dias D. Carolina a sua balada; depois distinguiu sobre esse rochedo negro um ponto, um objecto branco, que foi crescendo, sempre crescendo, que emfim lhe pareceu uma figura de mulher, que ostentava a alvura de seus vestidos : depois, elle tinha desviado um pouco os olhos; quando os voltou de novo para o rochedo, a figura branca havia desaparecido como um son'ho.

Emfim o batelão abordou a ilha de...; Augusto correu á casa, de que tantas saudades soffrêra: todos já se tinham levantado; ninguem dormia ainda, e D. Carolina estava vestida de branco.

— Eu lhe agradeço bem, Sr. Augusto, (disse a Sra. D. Anna, depois dos primeiros cumprimentos) eu lhe agradeço sua boa visita : nós temos passado oito dias de nojo ; e foi preciso que Felippe nos trouxesse a noticia de sua vinda para reviver nossa antiga alegria: Carolina, por exemplo, desde hontem á noite já tem estado soffrivelmente travêssa.

— Eu, minha avó, sempre tive fama de desinquieta e prazenteira ; e se hontem me adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar comigo.

— Não o negues, menina; tens estado melancolica e abatida toda esta semana: erão saudades da agradavel companhia que tivemos. Que erão saudades conheci eu pelos suspiros que soltavas : e tambem não vai mal nenhum em confessal-o.

D. Carolina voltou o rosto : Augusto arregalou os olhos, e sentiu que a ventura lhe inundava o coração.

— O mesmo por lá nos succedeu ; (disse Felippe, tomando a palavra) estivemos todos carrancudos; e, seja dito em amor da verdade, Augusto, mais do que nenhum outro, gostou de nosso trato e nossa companhia ; realmente foi elle o que mostrou soffrer maiores saudades.

— É verdade, Sr. Augusto? (perguntou a boa hospeda.)

— Minha Sra., a visita que vim ter o gosto de fazer é a melhor resposta que lhe posso dar.

D. Carolina tinha os olhos em um livro de musica;

mas seus ouvidos e sua attenção pendião dos labios de Augusto : ouvindo as ultimas palavras do estudante, ella se sorriu brandamente.

— De que estás rindo, Carolina? (perguntou Felippe.)

— De um engraçado pedacinho da cavatina do Figaro no Barbeiro de Sevilha.

Então ella examinou o livro, e viu que havia mentido, porque o que tinha diante de seus olhos era uma collecção de modinhas da imprensa do Laforge.

Duas horas depois scrviu-se o almoço. Mas durante essas duas horas, que se passárão muito depressa, Augusto teve de agradecer as obssequiosas attenções da avó de Felippe, que dizia ter por elle notavel predilecção ; e tambem de reparar com esmero e minuciosidade no objecto de seus rccentes cultos. Em resultado de suas observações, concluiu que D. Carolina estava bonita como d'antes, porém mais languida; que ás vezes reparava suas indiscrições, e que outras, quando mais parecia oocupar-se com seus alegres trabalhos, olhava-o a furto, com uma certa expressão de receio, pejo, e ardor, que a embellecia ainda mais.

Durante o almoço, a conversação divagou sobre innumerous objectos ; finalmente teve de ir bolir com um pobre lencinho que estava na mão de D. Carolina, e que, se ahi não estivesse, passaria desaperccebido.

— Eu julgo que elle está trabalhosa e perfeitamente mareado (disse Augusto).

— É ir muito longe; (respondeu a menina) ahi otem, observe-o de mais perto ; repare que barafunda vai por aqui.

— Ora eu acho tudo o melhor possível : ao muito, poder-se-ia dizer que este X foi marcado por mão de moça travêssa.

— Quer dizer que foi pela minha ; adivinhou.

— Tem uma bella prenda, minha Sra.

— Que é muito commum.

— E nem porisso merece menos.

— Eu não entendo assim ; aprecio bem pouco o que todo o mundo póde ter. Quem não sabe marcar ?

— Eu, minha Sra.

— É porque não quer.

— É porque não posso : eu não me poderia haver com uma agulha na mão.

— Um dia de paciencia lhe seria sufficiente.

— Querem ver (acudiu Felippe) que minha maninha reduz Augusto a aprender a marcar !

— Então seria isso alguma asneira ?

— Não, por certo ; maninha póde mesmo dar-te algumas lições.

— Nada, (respondeu a menina) sou muito raivosa, e a primeira linha que elle rebentasse, eu o chamaria a bolos.

— Se é uma condição que offerece, eu a aceito, minha Sra. ; ensine-me com palmatoria.

— Veja o que diz !

— Repito-o.

— Pois bem ; palmatoria não, porque emfim podia doer-lhe muito ; mas, de cada vez que eu julgar necessario, dar-lhe-ei um puxão de orelha.

— Menina ! (disse a Sra. D. Anna.)

— Mas, minha avó, eu não estou pedindo a elle que venha aprender comigo.

— Porém podes ensinar-lhe com bons modos.

— É o que pretendo fazer.

— Elle ha de aproveitar muito.

— Terá os meus elogios.

— E se por acaso errar alguma vez...

— Levará um puxão de orelha.

— Se me é permittido, (disse Augusto) aceito as condições.

— Pois bem ; (respondeu D. Carolina) está o Sr. matriculado na minha aula de marcar, e d'aqui a uma hora principiaremos a nossa lição.

— E então elle não passeia comigo ? (perguntou Felippe.)

— Depois da lição ; (respondeu a mestra, fazendo-se de grave) antes não lhe dou licença.

Levantárão-se da mesa : algum tempo foi destinado a descansar ; Felippe desafiou Augusto para uma partida de gamão, e em continente forão travar combate na varanda : Felippe derrotou seu competidor em tres jogos consecutivos ; estavam no começo do quarto, e tocou na sala uma campainha : os dous estudantes não derão attenção a isso, e continuárão : o jogo tornou-se duvidoso ; qualquer dos dous podia dar ou levar gamão : Augusto acabava de lançar uns dous e az, que desconcertárão seu antagonista, quando D. Carolina appareceu, e dirigindo-se ao seu discipulo, disse com engraçada seriedade :

— O Sr. não ouviu tocar a campainha ?

— Então isso era comigo ?

— Sim, Sr. ; são horas de lição, e espero que para outra vez não me seja preciso vir chamal-o.

— Aceito a admoestação, minha bella mestra ; mas rogo-lhe o obsequio de consentir que termine esta partida.

— Não, senhor.

— É uma mão de honra !

— Peior está essa !

— Ora é boa ! (acudiu Felippe) então quer vossê....

— Não tenho a dizer-lhes o que quero, nem o que não quero ; são horas de lição, vamos.

— E é preciso obedecer (concluiu Augusto, levantando-se).

D'ahi a pouco estava tudo em via de regra : Augusto, sentado em uma banquinha aos pés de sua bella mestra, escutava, com os olhos fitos no rosto d'ella, as explicações necessarias : ás vezes D. Carolina não podia conservar imperturbavel sua affectada gravidade, e então os sorrisos da bella mestra e do aprendiz graciosamente se trocavão : ella se mostrava mais pacifica, e elle menos attento do que haviam promettido ; porque era já pela quarta vez que a bella mestra recomeçava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos.

Felippe appareceu na sala prompto para ir caçar, e convidou o seu amigo para com elle partilhar no mesmo prazer: todo o mundo adivinha que Augusto disse que não : elle poderia responder que não queria caçar, porque estava pescando ; mas contentou-se com dizer:

— Minha bella mestra não dá licença.

— Tome cuidado no modo de pegar n'essa agulha !... (gritou ella com máo modo, e sem se importar com Felippe.)

— Está bem; (disse este, sahindo) eu não os posso aturar.

E depois accrescentou, sorrindo-se :

— Fique-se ahi, Sr. Alcides, aos pés de sua bella Omphale !

— Ouviu o que elle disse ? (perguntou Augusto.)

— Já lhe tenho repetido tres vezes que não é assim que se pega na agulha.

— Ora, minha Sra...

— Ora, minha Sra. ! ora, minha Sra. ! eu não sou sua Sra. ; sou sua mestra.

— Minha bella mestra !

— Digo-lhe que já me vai faltando a paciencia : o Sr. não attenta no que faz ; já tem quatro vezes rebentado a linha, e é a decima segunda que lhe cai o dedal.

— Não se exaspere, minha bella mestra ; eu o vou apanhar, e não cahirá mais nunca.

Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos diante de D. Carolina : ora, o dedal estava bem junto dos pés d'ella, e o aprendiz, ao apanhal-o, tocou, ninguem sabe se de proposito, com seus dedos em um d'aquelles delicados pézinhos : esse contacto fez mal ; a menina estremeceu toda ; Augusto olhou-a admirado : os olhos de ambos se encontrâo, e os olhos de ambos tinham fogo. Um momento se passou ; o socego se restabeleceu.

— Já não posso mais ! (exclamou a bella mestra)

rebentou o Sr. pela quinta vez a linha ; não dá um ponto que preste ; não ha outro remedio...

E dizendo isto, lançou uma das mãos á orelha do aprendiz, que de subito deu um grito, e acudiu com as suas : ora, essas mãos se encontrão, debatêrão-se, e n'esse ensejo os dedos da bella mestra forão docemente apertados pela mão do aprendiz : novo choque electrico, novo fogo de olhares ! Que aproveitavel lição !...

— Menina, tenha modo ; o Sr. Augusto não é criança (exclamou a Sra. D. Anna, que a dez passos cosia, e que só podia ver a exterioridade do que se passava entre a bella mestra e o aprendiz).

A lição se prolongou até o meio dia, e mais de mil vezes se repetiu a mesma scena do encontro das mãos: D. Carolina não conseguiu puxar uma só vez a orelha do estudante, e o aprendiz não perdeu uma só occasião de apertar os dedos de sua bella mestra. Augusto se comprometteu a apresentar na primeira lição um nome marcado pela sua mão. Tudo foi ás mil maravilhas.

O resto do dia se passou como se havia passado o seu principio para Augusto e D. Carolina.

Elles não se chamárão mais por seus nomes proprios ; amor lhes tinha ensinado outros : erão : « meu aprendiz, e minha bella mestra. »

A madrugada seguinte foi triste, porque presidiu ás despedidas do aprendiz e sua bella mestra ; mas, ainda assim, foi bem doce, porque ambos meigamente se disserão :

— Até domingo !



XXI.

Segundo domingo: brinca com bonecas.



Raiou o bello dia, que seguiu a sete outros, passados entre sonhos, saudades, e esperanças. Augusto está viajando: já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e temores da semana passada; é um amante que acredita ser amado e que vai, radiante de esperanças, levar á sua bella mestra a lição de marca que lhe foi passada. O prognostico de D. Carolina na gruta encantada se vai verificando; Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu que outr'ora deu á sua mulher: um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante: D. Carolina triumphá, e seu orgulho de despotazinha de quantos corações conhece deveria estar altaneiro, se ella não amasse tambem.

Como da primeira vez, Augusto vê o dia amanhecer-lhe no mar; e como na passada viagem, avista sobre o rochedo o objecto branco, que vai crescendo mais e mais, á medida que seu batelão se aproxima, até que

distinctamente conhece n'elle a elegante figura de uma mulher, bella por força; mas d'esta vez, não como da outra, essa figura se demora sobre o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade, é D. Carolina, que só desce d'elle para ir receber o feliz estudante, que acaba de desembarcar.

— Minha bella mestra !...

— Meu aprendiz ! já sei que traz o nome bem marcado.

— Oh ! sempre precisarei que me queira puxar as orelhas.

— Não, eu não farei tal na lição de hoje.

— E se eu merecer ?

— Talvez.

— Então errarei toda a lição.

Elles se sorrirão; mas Felipe acaba de chegar, e todos tres vão pela avenida se dirigindo á casa.

Ter a ventura de receber o braço de uma moça bonita e a quem se ama; apreciar sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar; roçar ás vezes com o cotovelo um lugar sagrado, voluptuoso, e palpitante; sentir sobre sua face o perfumado bafo que se esvaiu d'entre os labios virginaes e nacarados, cujo sorrir se considera um favor do Céu; o apanhar o leque que escapa da mão que estremeceu: tudo isso... mas para que divagações? que mancebo ha ali, de dezescis annos por diante, que não tenha experimentado esses doces enleios, tão leves para a reflexão, e tão graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama? Pois bem; Augusto os está

gozando n'este momento ; mas, porque só a elle é isto de grande entidade, e convem dizer apenas o que absolutamente se faz preciso, pôde-se sem inconveniente abreviar toda a historia de duas boas horas, dizendo-se: — Almoçáráo. E chegou a hora da lição.

— Vamos, (disse D. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seus pés e em sua banquinha) vamos, meu aprendiz; o Sr. compromettou-se a trazer-me um nome marcado pela sua mão: que nome marcou ?

— Entendi que devia ser o nome da minha bella mestra.

Ella não esperava outra resposta.

— Vamos pois ver a sua obra, (continuou) e creia que estou pouco disposta a perdoar-lhe, como fiz na lição passada. Venha a marca.

Augusto apresentou então um finissimo lenço aos olhos da sua bella mestra, que teve de ler em cada angulo d'elle o nome « Carolina », e no centro o distico « minha bella mestra » : tudo estava primorosamente trabalhado; preciso é confessar, o aprendiz havia marcado melhor do que nunca o tivera feito D. Carolina.

Augusto esperava com anciedade ver brilhar nos olhos de sua bonita querida o prazer da gratidão; fruiu já de antemão o terno agradecimento com que contava, quando viu com espanto que sua bella mestra ia gradualmente corando, e por fim se fez vermelha de colera e de despeito.

— Nunca a mão grosseira de um homem poderia marcar assim ! (disse ella a custo.)

— Mas, minha bella mestra...

— Eu quero saber quem foi! (exclamou com força.)

— Eu não entendo...

— Foi uma mulher! isso não carece que me diga; uma moça que lhe marcou este lenço para o Sr. vir zombar, e rir-se de mim, de minha credulidade, de tudo!

— Minha Senhora...

— Vejão: já nem me quer chamar sua mestra!... agora só sabe dizer « minha Senhora!... »

A interessante joven acabava de ser inesperadamente assaltada de um acesso de ciúme: Augusto estava espantado; e a Sra. D. Anna, levantando os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta, viu-a correndo para ella.

— Que é isto, menina? (perguntou.)

— Veja, minha querida avó; aqui está a marca que elle me traz! Eu queria um nome muito mal feito, uma barafunda que se não entendesse, o panno suado e feio, tudo máo, tudo pessimo; eu me riria com elle: sabe porém o que fez? foi para a côrte tomar outra mestra, que não ha de ter a minha paciencia, nem o meu prazer; mas que marca melhor que eu, que é mais bonita!... veja, minha querida avó; elle tem outra mestra, outra bella mestra!

E dizendo isto, occultou o rosto no seio da extremosa senhora, e começou a soluçar.

— Que loucura é essa, menina? que tem que elle tomasse outra mestra? pois por isso choras assim?

— Mas nem me quer dizer o nome d'ella!... Que me importa que seja moça ou bonita? nada tenho com isso; porém quero saber-lhe o nome, só o nome!

Então ella ergueu-se, e com os olhos ainda mo'hadados, com a voz entrecortada, mas com toda a belleza da dôr e delirio do ciume, voltou-se para Augusto, e perguntou :

— Como se chama ella ?

— Juro que não sei.

— Não sabe ?...

— Quiz trazer um lenço bem marcado para ostentar meus progressos, e motivar alguns gracejos, e mandei-o encommendar a uma senhora muito idosa que vive d'estes trabalhos.

— Muito idosa ?...

— É a verdade.

— Não lhe derão este lenço ?

— Paguei-o.

— Pois eu rasgo...

— Póde-o fazer.

— Eil-o em tiras.

— Que fazes, Carolina ? (exclamou a Sra. D. Anna, querendo, já tarde, impedir que sua neta rasgasse o lenço.)

— Fez o que cumpria, minha Sra.; (acudiu Augusto) exterminou o máo genio que acabava de fazer-lhe chorar.

— E que importa que eu rasgasse um lenço ?... Minha querida avó, peço-lhe licença para dar um dos meus ao Sr. Augusto.

A Sra. D. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra e do aprendiz, julgou a proposito não dar resposta alguma ; mas

nem isso desnorteou a viva mocinha, que, tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado, o offereceu a Augusto, dizendo :

— Eu não admitto uma só desculpa, não desejo ver a menor hesitação, quero que aceite este lenço.

Augusto olhou para a Sra. D. Anna, como para ler-lhe n'alma o que ella pensava d'aquillo.

— Pois rejeita um presente de minha neta? (perguntou a amante avó.)

A resposta de Augusto foi um beijo na prenda de amor.

— Agora, que já estamos bem, (disse elle) vamos á minha lição.

— Não, não ; (respondeu a bella mestra) basta de marcar ; não me sahi bem do magisterio ; chorei diante de meu aprendiz : não fallemos mais n'isto.

— Então fui julgado incapaz de adiantamento ?

— Ao contrario , pelo trabalho que me trouxe, vi que o senhor estava adiantado de mais ; porém sou eu quem tenho outros cuidados.

— Já tem cuidados ?...

— Quem é que d'elles carece ?... O pai de familia tem os filhos, o Sr. os seus livros, e eu, que sou criança, tenho as minhas bonecas : quer vê-las ?

— Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invadida por uma enorme quantidade de bonecas, cada uma das quaes tiuha seus parentes, seus vestidos, joias, e um numero extraordinario de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem em seu toucador.

Ora, o tal bichinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos a todas as circumstancias, e de obrigar-os a fazer quanta parvoice ha n'este mundo. O amor faz o velho criança, o sabio doudo, o rei humilde captivo ; faz mesmo ás vezes com que o feio pareça bonito, e o grão de arêa um gigante : o amor seria capaz de obrigar a um côxo a brincar o *tempo será*, a um surdo o *companheiro companhão*, e a um cego o *procura quem te deu* ; o amor foi o inventor das cabelleiras, dos dentes postiços, e de outros ccr-tos postiços que... Mas, alto lá, que isto é bolir com muito gente : emfim, o amor está fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com bonecas.

Com effeito, Augusto ja sabe de cór e salteados todos os nomes dos membros d'aquella muito numerosa familia ; conhece os diversos grãos de parentesco que existem entre elles ; acalenta as bonecas pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas, examina o guarda-roupa, baptisa, casa ; em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento.

No entanto a Sra. D. Anna os observa cuidadosa ; tem sympathisado muito com Augusto, mas nem por isso quer entregar todo o futuro do objecto que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character e serrias qualidades que tem reconhecido no mancebo.

Como de costume, a tarde teve de ser empregada em passeios á borda do mar e pelo jardim. O maior inimigo de amor é a civilidade ; Augusto o sentiu

tendo de offerecer seu braço á Sra. D. Anna : mas esta lhe fez cahir a sopa no mel, rogando-lhe que o reservasse para sua neta.

Felippe acompanhava sua avó, e na viva conversação que entretinhão, o nome de Augusto foi mil vezes pronunciado.

Uma vez Augusto e Carolina, que ião adiante, ficarão muito distantes do par que os seguia.

A mão da bella Moreninha tremia convulsivamente no braço de Augusto, e este apertava ás vezes contra seu peito, e como involuntariamente, essa delicada mão: alguns suspiros vinhão tambem perturbal-os mais, e ha dez minutos elles se não tinham dito uma palavra.

Em uma das ruas do jardim, duas rolinhas mariscavão; mas, ao sentir passos, voárão, e, assentando-se não longe em um arbusto, começárão a beijar-se com ternura; e esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.

Igual pensamento talvez brilhou em ambas aquellas almas; porque os olhares da menina e do moço se encontrárão ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixárão, e em suas faces se accendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo, apontando para as pombas, disse :

— Ellas se amão !

E a menina murmurou apenas :

— São felizes !

— Pois acredita que em amor possa haver felicidade?

— Ás vezes.

— Acaso já tem a senhora amado ?

— Eu?!... E o senhor?...

— Conicci a amar ha poucos dias.

A virgem guardou silencio ; e o mancebo, depois de alguns instantes, perguntou tremendo :

— E a Sra. já ama tambem ?

Novo silencio : ella pareceu não ouvir, mas suspirou ; elle fallou menos baixo :

— Já ama tambem ?...

Ella abaixou ainda mais os olhos, e com voz quasi extincta, disse :

— Não sci.... talvez.

— E a quem ?...

— Eu não perguntei a quem o senhor amava.

— Quer que lh'o diga ?...

— Eu não pergunto.

— Posso eu fazel-o ?

— Não... não lh'o impeço.

— É a senhora.

D. Carolina fez-se côr de rosa, e só depois de alguns instantes pôde perguntar, forcojando um sorriso :

— Por quantos dias ?

— Oh!... para sempre!! (respondeu Augusto, apertando-lhe vivamente o braço.) Depois ainda continuou :

— E a senhora... não me revcla o nome feliz?...

— Eu não... não posso...

— Mas porque não pôde ?

— Porque não devo.

— E nunca o dirá !...

— Talvez um dia.

— E quando ?...

— Quando estiver certa de que elle não me illude.

— Então... elle é voluvel ?...

— Ostenta sêl-o...

— Oh !... pelo Céu !... acabe de matar-me !... basta o nome pronunciado bem em segredo, bem no meu ouvido, para que ninguem o possa ouvir, nem a brisa o leve... pelo Céu !...

— Senhor !...

— Um só nome que peço !...

— É impossivel !... eu não posso !...

— Se eu perguntasse...

— Oh !... não !...

— Serei eu ?...

A virgem tremeu toda, e não pôde responder ; Augusto lhe perguntou ainda com fogo e ternura :

— Serei eu ?...

A interessante Moreninha quiz fallar... não pôde ; mas, sem o pensar, levou o braço do mancebo até o peito, e lhe fez sentir como o seu coração palpitava.

— Serei eu ?... (perguntou pela terceira vez Augusto com requintada ternura.)

A jovenzinha murmurou uma palavra, que pareceu mais um gemido que uma resposta ; porém que fez transbordar a gloria e enthusiasmo na alma do seu amante : ella tinha dito sómente :

— Talvez.



XXII.

Máo tempo.



Tristes dias têm-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de..., depois d'aquelle bello dia da declaração de amor, achou na côrte seu pai, e em poucos momentos teve de concluir, da severidade com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas louçuras, e dós muitos pontos que ultimamente tinha dado nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, e um discurso cheio de conselhos e admoestações veiu por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho estava sciente de tudo.

Para coroar a obra, contra o costume do maior numero dos nossos agricultores, que, quando vêm á cidade, estão no caso do — fogo viste linguça? — e, ainda bem não puzerão os pés no Largo do Paço, já têm os olhos na Praia Grande, (que por estes bons cincoenta annos ha de continuar a ser Praia Grande, apesar de a terem chismado Nitherohy) o pai de Augusto não

fallava em voltar para a roça ; e, a julgar-se pelo socego e vagar com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.

Chegou o sabbado. O nosso Augusto, depois de muitos rodeios e ceremonias, pediu finalmente licença para ir passar o dia de domingo na ilha de..., e obteve em resposta um — não — redondo ; jurou que tinha dado sua palavra de honra de lá se achar n'esse dia ; e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse á honra, julgou muito conveniente trancar-o no seu quarto.

Mania antiga é essa de querer triumphar das paixões com fortes meios ; erro palmar, principalmente no caso em que se acha o nosso estudante : amor é um menino doudinho e malcriado, que, quando alguém intenta refreal-o, chora, escarapela, espernêa, escabujá, morde, bellisca, e incommoda mais que solto e livre : prudente é facilitar-lhe o que deseja, para que elle d'isso se desgoste ; soltar-o no prado, para que não corra ; limpar-lhe o caminho, para que não passe ; acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma, e muitas vezes morra : amor é um anzol, que, quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, d'onde, se não é com geito destravado, por mais força que se faça, mais o maldito rasga, esburaca, e se profunda. Portanto muita industria deve ter quem o quer pôr na rua ; e para conseguil-o convém ir despedindo-o com bons modos, parlamentares offerecimentos, e nunca bater-lhe com a porta na cara ; porém os homens, mal pas-ão de certa idade,

só se lembrão do seu tempo para gritar contra o actual, e esquecem completamente os ardores da mocidade. O resultado d'isto é o mesmo que tirará o pai de Augusto da energia e violeneia com que procura apagar a paixão do filho.

Já era tarde. Augusto amava devéras e pela primeira vez em sua vida ; e o amor, mais forte que seu espirito, excreia n'elle um poder absoluto e invencível. Ora não ha idéas mais livres que as do preso ; e pois o nosso encarcerado estudante soltou as velas da barquinha de sua alma, que voou atrevida por esse mar immenso da imaginação: então começou a ercar mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha, toda eheia de eneantos e graças; viu-a com seu vestido branco esperando-o de eima do rochedo ; viu-a ehorar por ver que elle não chegava, e suas lagrimas queimavão-lhe o coração; ouviu-a acusal-o de inconstante e ingrato : d'ahi a pouco pareceu-lhe que ella soluçava ; escutou um grito de dôr semelhante a esse que soltára no primeiro dia que elle tinha passado na ilha ! Aqui foi o nosso estudante ás nuvens, saltou exasperado fóra do leito em que se achava deitado, passeou a largos passos por seu quarto, accusou a crueldade dos pais, experimentou se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, esbraveou, esabellou-se, e como nada d'isto lhe valesse, atirou com todos os seus livros para baixo da cama, e deitou-se de novo, jurando que não havia de estudar dous mezes. Carrancudo e teimoso, mandou voltar o almoço, o jantar e

a cêa, que lhe trouxerão, sem tocar n'um só prato; e sentindo que seu pai abria a porta do quarto, sem-dúvida para vir consolal-o, e dar-lhe salutares conselhos, voltou o rosto para a parede, e principiou a roncar como um endemoninhado.

— Já dormes, Augusto? (perguntou o bom pai, abrindo as cortinas do leito.)

A unica resposta que obteve foi um ronco, que mais assemelhou-se a um trovão.

O experimentado velho fingiu ter-se deixado enganar, e retirando-se trancou ainda a porta ao pobre estudante.

Uma noite de amargor foi então a que se passou para este: na solidão e silencio da treva, a alma do homem que padece é, mais que nunca, toda de sua dôr; concentra-se, mergulha-se inteira em seu soffrimento; não concebe, não pensa, não vela, e não se exalta senão por elle. Isto aconteceu a Augusto; de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o pai veiu encontral-o ainda acordado, com os olhos em fogo, e o rosto mais enrubecido que de ordinario.

Augusto quiz dar dous passos, e foi preciso que os braços paternaes o sustivessem para livral-o de cahir.

— Que fizeste, louco? (perguntou o pai cuidadoso.)

— Nada, meu pai; passei uma noite em claro: mas... eu não soffro nada.

Oh! elle queria dizer que soffria muito!

Immediatamente foi-se chamar um medico, que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco.

Augusto sujeitou-se com brandura ao exame necessario, e quando o medico lhe perguntou :

— O que sente ?

elle respondeu, com toda a fria segurança do homem determinado :

— Eu amo.

— E mais nada ?...

— Oh Sr. Doutor, julga isso pouco ?...

E além d'essas palavras, não quiz pronunciar mais uma unica sobre o seu estado. E comtudo elle estava em violenta exacerbação. O medico deu por terminada sua visita : algumas applicações se fizerão, e um dos collegas de Augusto, que o tinha vindo procurar, fez-lhe o que chamou uma bella sangria de braço.

A enfermidade de Augusto não cedeu porém com tanta facilidade, como a principio suppoz o medico : tres dias se passarão sem conseguir-se a mais insignificante melhora ; uma mudança apenas se operou : a exacerbação foi seguida de um abatimento e prostração de força notavel ; sua paixão, que tambem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões, e na audacia dos pensamentos, tomou outro typo : Augusto tornou-se pallido, sombrio e melancolico ; horas inteiras se passavão sem que uma só palavra fosse apenas murmurada por seus labios ; prolongadas insomnias crão marcadas minuto a minuto por dolorosos gemidos, e seus olhos

amortecidos como que obsequiavão a luz, quando por acaso se entre abrião. Na visita do quarto dia o medico disse ao pai de Augusto :

— Não vamos bem.

Uma idéa terrivel appareceu então no pensamento do sensível velho :— a possibilidade de morrer seu filho, a flôr de suas esperanças — ; e tal idéa derramou em seu coração todo esse fel, cujo amargor só pôde sentir a alma de um pai : entrou apressado e tremulo no quarto do querido enfermo, e vendo-o prostrado no leito, como insensível, como meio morto, exclamou com lágrimas nos olhos :

— Oh meu filho !... meu filho !... porque me queres matar ?...

Um brando favonio de vida passou pelo rosto de Augusto ; seus olhos se abrirão, um leve sorriso de gratidão lhe alisou os labios ; tambem duas lagrimas ficárão penduradas em suas palpebras, e elle, tomando e beijando a mão paterna, murmurou com voz sumida e terna :

— Meu pai... tão bom !...

Doces phrases, que retumbárão com mais doçura ainda no coração do velho !

— Querido louco !... (disse elle) tu me obrigas a fazer loucuras !

E sahiu do quarto, e logo depois de casa ; mas, voltando passadas algumas horas, entrou de novo na camara do doente, fez retirar todas as pessoas que ali se achavão, e ficando a sós com elle, deu-lhe provavelmente algum elixir tão admiravel, que as me-

lhoras começáráo a apparecer, como por encanto, no mesmo instante. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos pais!...

Novidades do mesmo genero perturbavão a paz e os prazeres da ilha de.... D. Carolina tambem padecia. Os nossos amantes acabavão de chegar ao sentimental, e com seu sentimentalismo estavão azedando a vida dos que lhes querião bem. Os namorados são semelhantes ás crianças ; primeiro divertem-nos com suas momices, depois incommodão-nos choramigando.

A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo no rochedo da gruta, e, tendo debalde esperado o seu estudante até alto dia, voltou para casa arrufada. No almoço não houve prato que não accusasse de mal temperado ; faltava-lhe o tempero do amor : o chá não se podia tomar, o dia estava frio de enregelar, toda a gente de sua casa a olhava com mãos olhos ; seu proprio irmão tinha um defeito imperdoavel, era estudante, pertencia a uma classe cujos membros erão, sem excepção, sem excepção nenhuma, (bradava ella, lindamente enraiyecida) falsos, mãos, mentirosos, e até... feios. Á tarde sentiu-se incommodada, retirou-se, não ceou, e não dormiu.

Tudo n'este mundo é mais ou menos compensado ; o amor não podia deixar de fazer parte da regra : elle, que de um nadazinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flôr já murcha engendra o mais vivo contentamento ; que por um

só cabello faz escarceos taes que nem mesmo a sorte grande os causaria ; que por uma cartinha de cinco linhas põe os lábios de um pobre amante em inflamação aguda com o estalar de tantos beijos ; se não produzisse tambem agastados arruços, ás vezes algumas colicas, outras amargores de boca, palpitações, ataques de hypocondria, pruido de canellas, &c., seria tão completa felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.

Um exemplo d'essa regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha ! vai passando uma semana de ciumes e amarguras : acordando-se ao primeiro trinhar do canario, ella busca o rochedo, e, com os olhos embebidos no mar, canta muitas vezes a balada de Ahy, repetindo com fogo a estrophe que tanto lhe condiz, por principiar assim :

« Eu tenho quinze annos,
E sou morena e linda. »

E quando o sol começa a fazer-se quente, deixa o rochedo, para passar o dia inteiro no fundo do seu gabinete, ou ao lado de sua boa avó, que mal pôde consolal-a ; porque, conhecendo já a causa da tristeza da querida neta, teme vê-la fugir vermelha de pejo, se não fingir com finura que ignora o estado de seu coração.

O dia de sexta feira trouxe ainda algumas novidades á ilha de.... A Sra. D. Anna recebeu cartas que a tornarão talvez menos triste, mas sem-duvida muito pensativa : a presença da linda neta parecia

alentar mais essas reflexões, que se prolongarão até á tarde do dia seguinte, em que um velho e particular amigo de sua familia veio da côrte visital-a, e com a respeitavel Sra. ficou duas horas conferenciando a sós.

Esse homem despediu-se emfim da Sra. D. Anna, deixando-a cheia de prazer ; e no momento em que saltava dentro do seu batel, vendo a interessante Moreninha, que tristemente passeava á borda do mar, saudou-a com esta simples palavra, e apontando para o Céu :

— Esperança !

D. Carolina levantou a cabeça, e viu que já o batel cortava as ondas ; mas, como para corresponder a tão animador comprimento, ella por sua vez apontou tambem para o Céu, e pondo a outra mão no lugar do coração, disse :

— Esperarei.



XXIII.

A esmeralda e o camaféu.



D. Carolina passou uma noite cheia de pena e cuidados, porém já menos ciumenta e despeitada ; a boa avó livrou-a d'esses tormentos: na hora do chá, fazendo com habilidade e destreza cahir a conversação sobre o estudante amado, disse :

— Aquelle interessante moço, Carolina, parece pagar-nos bem a amizade que lhe temos : não entendes assim ?...

— Minha avó... eu não sei.

— Dize sempre: pensarás acaso de maneira diversa?

A menina hesitou um instante, e depois respondeu:

— Se elle pagasse bem, teria vindo domingo.

— Eis uma injustiça, Carolina ; desde sabbado á noite que Augusto está de cama, prostrado por uma enfermidade cruel.

— Doente ?! (exclamou a linda Moreninha, extremamente commovida) doente ?... em perigo ?...

— Graças a Deos, ha dous dias ficou livre d'elle;



hoje já pôde chegar á janella : assim me mandou dizer Felippe.

— Oh !... pobre moço !... se não fosse isso, teria vindo ver-nos !...

E pois todos os antigos sentimentos de ciúme e temor da inconstancia do amante se trocarão por ansiosas inquietaçõcs a respeito de sua molestia.

No dia seguinte, ao amanhecer, a amorosa menina despertou, e buscando o toucador, ha uma semana esquecido, dividiu seus cabellos nas duas costumadas bellas tranças, que tanto gostava de fazer ondear pelas espadoas ; vestiu o estimado vestido branco, e correu para o rochedo.

— Eu me alinhci (pensava ella) porque emfim... hoje é domingo, e talvez... como hontem já pôde chegar á janella, consiga com algum esforço vir vêr-me.

E quando o sol começou a reflectir seus raios sobre o liso espelho do mar, ella principiou tambem a cantar sua balada :

Eu tenho quinze annos,
E sou morena e linda.

Mas, como por encantamento, no instante mesmo em que ella dizia no seu canto :

« Lá vem sua piroga
Cortando leve os mares... »

um lindo batelão appareceu ao longe, voando com aza entumecida para a ilha. Com força e commoção desusadas bateu o coração a D. Carolina, que calou-se, para só empregar no batel que vinha attentas vistas, cheias de amor e de esperanza. Ah ! era o batel suspirado.

Quando o ligeiro barquinho se approximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguio dentro d'elle Augusto, sentado junto de um respeitavel ancião, a quem não pôde conhecer: então ella, vendo que chegavão á praia, fingiu não têl-os sentido, e continuou sua balada:

« Emfim abica á praia,
Emfim salta apressado...

Augusto com effeito saltava n'esse momento fóra do batel; depois deu a mão a seu pai para ajudal-o a desembarcar; e D. Carolina, que ainda não mostrava dar fé d'elles, proseguiu seu canto, até que, quando dizia;

« Quando ha de elle correr
Sómente p'ra me vêr?... »

sentiu que Augusto corria para ella. Prazer immenso inundava a alma da menina, para que possa ser descripto: como todos prevêem, a balada foi n'essa estrophe interrompida, e D. Carolina, aceitando o braço do estudante, desceu do rochedo, e foi comprimentar o pai d'elle.

Ambos os amantes comprehendêrão o que queria dizer a pallidez de seus semblantes, e os vestigios de um padecer de oito dias: guardarão silencio; não tiveram uma palavra para pronunciar; tiveram só olhares para trocar, e suspiros a verter: e para que mais?...

A Sra. D. Anna recebeu com sua costumada affabilidade o pai de Augusto, e abraçou a este com ternura. Ao servir-se o almoço, ella lhe perguntou:

— Porque não veiu meu neto?

— Ficou para vir mais tarde com nossos dous amigos Leopoldo e Fabricio.

— Então teremos um excellente dia.

— Eu o espero.

Uma hora depois, o pai de Augusto e a Sra. D. Anna conferenciavão a sós; e os dous namorados achavão-se defronte um do outro no vão de uma janella.

E elles continuavão no seu silencio; mas olhavão-se com fogo.

Augusto parecia querer communicar alguma cousa bem extraordinaria á sua interessante amada; porém sempre estremecia ao entre-abrir os labios.

E D. Carolina, conscia já de sua fraqueza, e como lembrando-se dos pezares que tinha soffrido, não sabia mais servir-se de seus sorrisos com a malicia do tempo da liberdade, e mostrava-se esquecida de seu viver de alegrias e travessuras.

Alguma grande resolução obrigava o moço a estar silencioso, como tremendo pelo exito d'ella?...

No fim de muito tempo, elles havião conseguido dizer-se :

— O mar está bem manso.

— O dia está sereno.

Felizmente para elles, a Sra. D. Anna os convidou a entrar no gabinete; Augusto para ahi se dirigiu tremendo, D. Carolina curiosa: quando elles se sentárão, o ancião fallou:

— Augusto, eu acabo de obter d'esta respeitavel Sra. a honra de te julgar digno de pretendes a mão de sua linda neta; agora resta que alcances o sim da interessante pessoa que amas. Falla.

Tanto D. Carolina, como o pobre estudante, ficárão

côr de nacar ; houve bons cinco minutos de silencio : o pai de Augusto instou para que elle fallasse, e o bom do rapaz não fez mais que olhar para a moça com ternura, abrir a boca, e fechal-a de novo, sem dizer palavra.

A Sra. D. Anna tomou então a palavra, e disse, sorrindo-se :

— Emfim, é necessario que os ajudemos : Carolina, o Sr. Augusto te ama, e te quer para sua esposa ; tu que dizes ? ...

Nem palavra.

Foi preciso que se repetisse pela terceira vez a pergunta, para que a menina, sem levantar a cabeça, murmurasse apenas :

— Minha avó... eu não sei.

— Pois creio que ninguem melhor que tu o poderá saber. Desejas que eu responda em teu nome ? ...

A bella Moreninha pensou um momento... não pôde vencer-se, sorriu-se como se sorria d'antes, e, erguendo a cabeça, disse :

— Eu rogo que d'aqui a meia hora se vá receber a minha resposta na gruta do jardim.

— Quererás consultar a fonte ? Pois bem, iremos.

D. Carolina sahiu com ar meio acanhado e meio maligno. Passados alguns instantes, a Sra. D. Anna, como quem estava certa do resultado da meia hora de reflexão, e já por tal podia gracejar com os noivos, disse a Augusto :

— O Sr. não quer reflectir tambem no jardim ?

O estudante não esperou segundo conselho, e para

logo dirigiu-se á gruta. D. Carolina estava sentada no banco de relva; seu rosto, sem poder occultar a commoção e o pejo que lhe produzia o objecto de que se tratava, tinha comtudo retomado o antigo verniz do prazer e malicia: vendo entrar o moço, disse:

— Eu creio que ainda se não passou meia hora.

— Ah! podia eu esperar tanto tempo?...

— Acaso veio perguntar-me alguma cousa?...

— Não, minha senhora; eu só venho ouvir a minha sentença.

— Então... pede-me para sua... esposa?...

— A Sra. o ouviu ha pouco.

— Pois bem, Sr. Augusto; veja como verificou-se o prognostico que fiz do seu futuro! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse « que não longe estava o dia em que o Sr. havia de esquecer sua mulher? »

— Mas eu nunca fui casado... (murmurou o estudante.)

— Oh! isso é uma recommendação contra a sua constancia!...

— E quem tem culpa de tudo, senhora?...

— Muito a tempo ainda me lança em rosto a parte que tenho na sua infidelidade: pois eu emendarei a mão agora. O Sr. ha de cumprir a palavra que deu ha sete annos!

Augusto recuou dous passos.

— O Sr. é um moço honrado, (continuou a cruel Moreninha) e portanto cumprirá a palavra que deu, e só casará com sua desposada antiga.

— Oh!... agora já é impossivel!

— Ella deve ser uma bonita moça!... teria razão de queixar-se contra mim, se eu roubasse um coração que lhe pertence... até por direito de antiguidade : ora eu, apesar de ser travêssa, não sou má ; e portanto o Sr. só será esposo d'essa menina.

— Jámais !...

— Juro-lhe que ha de sê-lo.

— E quem me poderá obrigar ?...

— Eu, pedindo.

— A senhora ?...

— E a honra, mandando.

— Para que pois animou o amor que pela Sra. sinto ?...

— Para satisfazer a minha vaidade de moça ; sómente para isso. Eu o ouvi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conserval-o em amoroso enleio por mais de tres dias, e desejei vingar a injuria feita a meu sexo : trabalhei, confesso que trabalhei por prendel-o ; fiz talvez mais do que devia, só para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço : « Então, senhor, quem venceu, o homem ou a mulher ?... »

— Foi a belleza !

— Porém já passou o tempo do galanteio ; e eu devo lembrar-lhe o dever, que com a paixão esquece. Escute : de idade de trese annos, o Sr. amou uma linda e travêssa menina, que contava apenas sete.

— Já a Sra. em outra occasião me disse isso mesmo.

— Junto ao leito de um moribundo jurou que havia de amal-a para sempre.

— Foi um juramento de criança.

— Embora, foi um juramento ; trocou com ella ahi mesmo prendas de amor : e quando a menina lhe apresentar a que recebeu, e lhe pedir a que lhe offereceu e o Sr. aceitou ?...

— Ah ! senhora !...

— Quando o velho moribundo, dando-lhe o breve de côr branca, disse — tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina ; elle contém o vosso camafcu : se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, para que ella o guarde com desvelo — porque deu o Sr. o breve á menina ?...

— Porque eu era um louco !... uma criança !...

— E nem ao menos se lembra de que o velho disse com voz inspirada: « Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre !... lá no futuro vós o sentireis ? » Não tem o Sr. esperança de ver realisar-se essa bella prophacia ? não se lembra de ouvi-la ?... Pois ella souu bem docemente no meu coração, quando ás escondidas a escutei repetida n'esta gruta por seus labios.

— Oh ! mas porque Deos não me prendeu a essa menina com laços indissoluveis, antes que eu visse o lindo anjo d'esta ilha ?...

— E como, Sr., posso eu acreditar nos seus protestos de ternura e constancia, se já o vejo faltar á fé a uma outra ?... Senhor ! senhor ! o que foi que prometeu ha sete annos passados !...

— Então eu não pensava no que fazia.

— E agora pensa no que quer fazer ?

— Penso que sou um desgraçado, um louco !...

penso que é uma barbaridade inqualificavel que, em quanto eu padeço e soffro mil torturas, deixe a Sra. brincar nos seus labios o sorriso com que costuma encantar para matar ; penso...

— Acabe !

— Penso que devo fugir para sempre d'esta ilha fatal, deixar aquella cidade detestavel ; abandonar esta terra de minha patria, onde não posso ser outra vez feliz!... penso que a lembrança do meu passado faz a minha desgraça, que o presente me enlouquece e me mata, que o futuro... oh ! já não haverá futuro para mim !... Adeos, Senhora !...

— Então parte ?...

— E para sempre.

D. Carolina deixou cahir uma lagrima, e fallou ainda, mas já com voz fraca e tremula :

— Sim, deve partir... vá... talvez encontre aquella a quem jurou amor eterno... Ah ! Sr. ! nunca lhe seja perjuro !

— Se eu a encontrasse !...

— Então ?... que faria ?...

— Atirar-me-ia a seus pés, abraçar-me-ia com elles, e lhe diria: «Perdoai-me, perdoai-me, Sra.; eu já não posso ser vosso esposo ! tomæi a prenda que me destes...»

E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve, que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde !... (exclamou D. Carolina) o breve que contém a esmeralda !...

— Eu lhe diria (continuou Augusto) « recebei este breve, que já não devo conservar ; porque eu amo outra,

que não sois vós, que é mais bella e mais cruel do que vós !... »

A scena se estava tornando pathetica: ambos choravão, e só passados alguns instantes a inexplicavel Morcinha pôde fallar, e responder ao triste estudante.

— Oh! pois bem; (disse) vá ter com sua antiga desposada, repita-lhe o que acaba de dizer; e se ella ceder, se perdoar, volte, que eu serei sua... esposa.

— Sim... eu corro !... Mas, meu Deos, onde poderei achar essa moça, a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer ?... onde, meu Deos ?... onde ?...

E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspendido.

— Espere ; (tornou D. Carolina) escute, Sr. Houve um dia, quando minha mãe era viva, em que eu tambem soccorri um velho moribundo ; como o Sr. e sua camarada, matei a fome de sua familia, e cobri a nudez de seus filhos ; em signal de reconhecimento, tambem esse velho me fez um presente, deu-me uma reliquia milagrosa, que, asseverou-me elle, tem o poder, uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja : eu cosi essa reliquia dentro de um breve ; ainda não lhe pedi cousa alguma, mas trago-a sempre comigo ; eu lh'a cedo... tome o breve, descosa-o, tire a reliquia, e á mercê d'ella encontre sua antiga amada, obtenha o seu perdão, e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho ; (respondeu Augusto) porém dê-me, dê-me esse breve !

A menina com effeito entregou o breve ao estudante, que começou a descosel-o precipitadamente.

Aquella reliquia, que se dizia milagrosa, era sua ultima esperanza ; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra á mais leve taboa, elle se abraçava com ella. Só falta a derradeira capa do breve... eil-a que cede e se descose... salta uma pedra... e Augusto, enthusiasmado e como delirante, cai aos pés de D. Carolina, exclamando :

— O meu camafeu !... o meu camafeu !...

A Sra. D. Anna e o pai de Augusto entrão n'esse instante na gruta, e encontrão o feliz e fervoroso amante de joelhos, e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que tambem por sua parte chorava de prazer.

— Que loucura é esta ? (perguntou a Sra. D. Anna.)

— Achei minha mulher !... (bradava Augusto) encontrei minha mulher !... encontrei minha mulher !...

— Que quer dizer isto, Carolina ?...

— Ah ! minha boa avó ! (respondeu a travêssa Moreninha ingenuamente) nós eramos conhecidos antigos.



EPILOGO.



A chegada de Felippe, Fabricio e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta: o projecto de casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por Felippe, de accordo com o pai do noivo, que fizera a proposta, e com o velho amigo que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a Sra. D. Anna; e portanto, o tempo que se gastaria em explieações passou-se em abraços.

— Muito bem! muito bem! (disse por fim Felippe) quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sanct'Anna com nouseo.

— Então estás arrependido !...

— Não, por certo, apezar de me roubares minha irma : finalmente para este thesouro sempre teria de

haver um ladrão : ainda bem que foste tu que o ganhaste.

— Mas, meu maninho, elle perdeu, ganhando...

— Como ?...

— Estamos no dia 20 de agosto : um mez !...

— É verdade !... um mez !... (exclamou Felippe.)

— Um mez !... (gritirão Fabricio e Leopoldo.)

— Eu não entendo isto ! (disse a Sra. D. Anna.)

— Minha boa avó, (acudiu a noiva) isto quer dizer que finalmente está presa a borboleta.

— Minha boa avó, (clamou Felippe) isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.

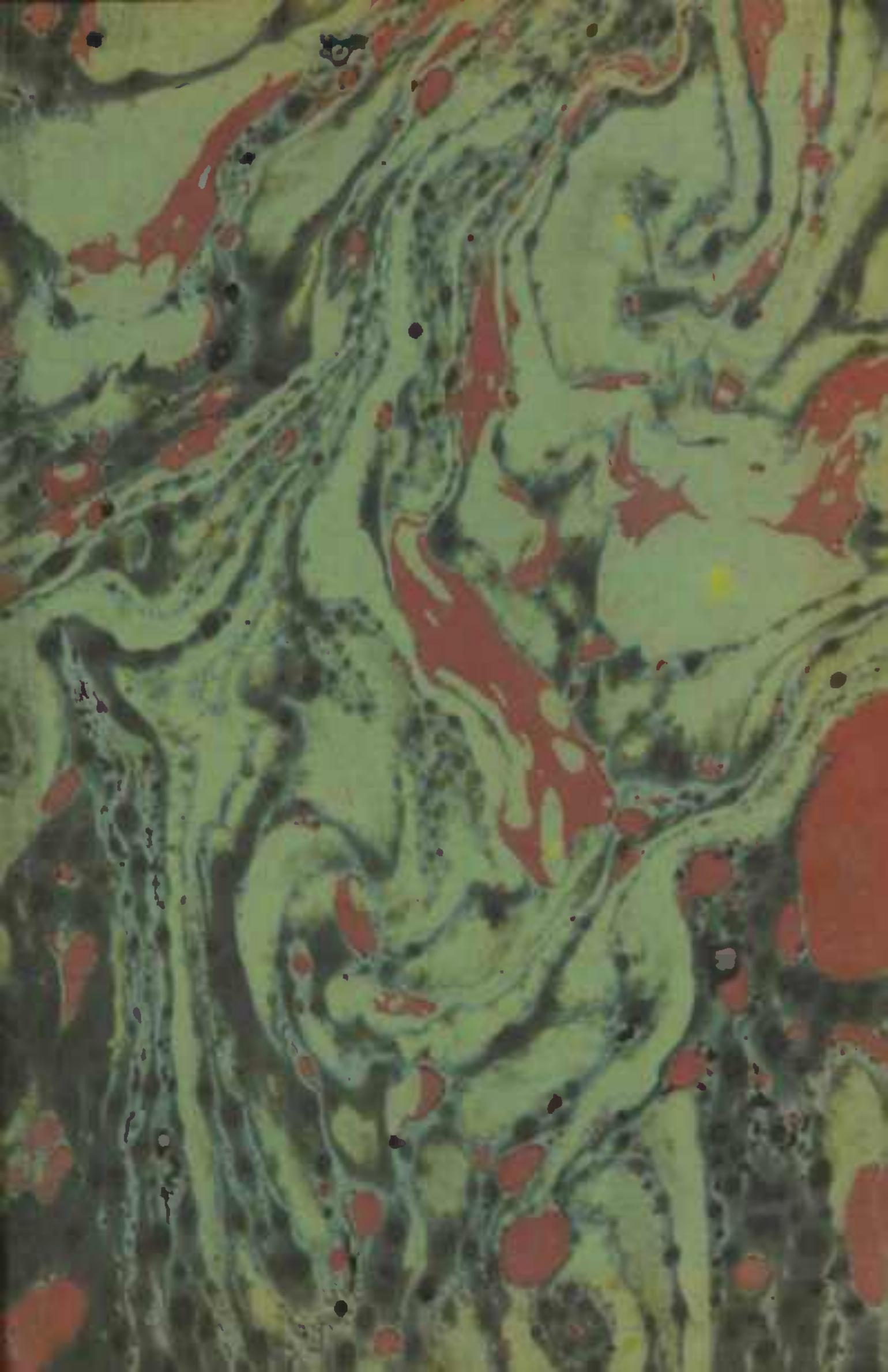
— Já está prompto (respondeu o noivo).

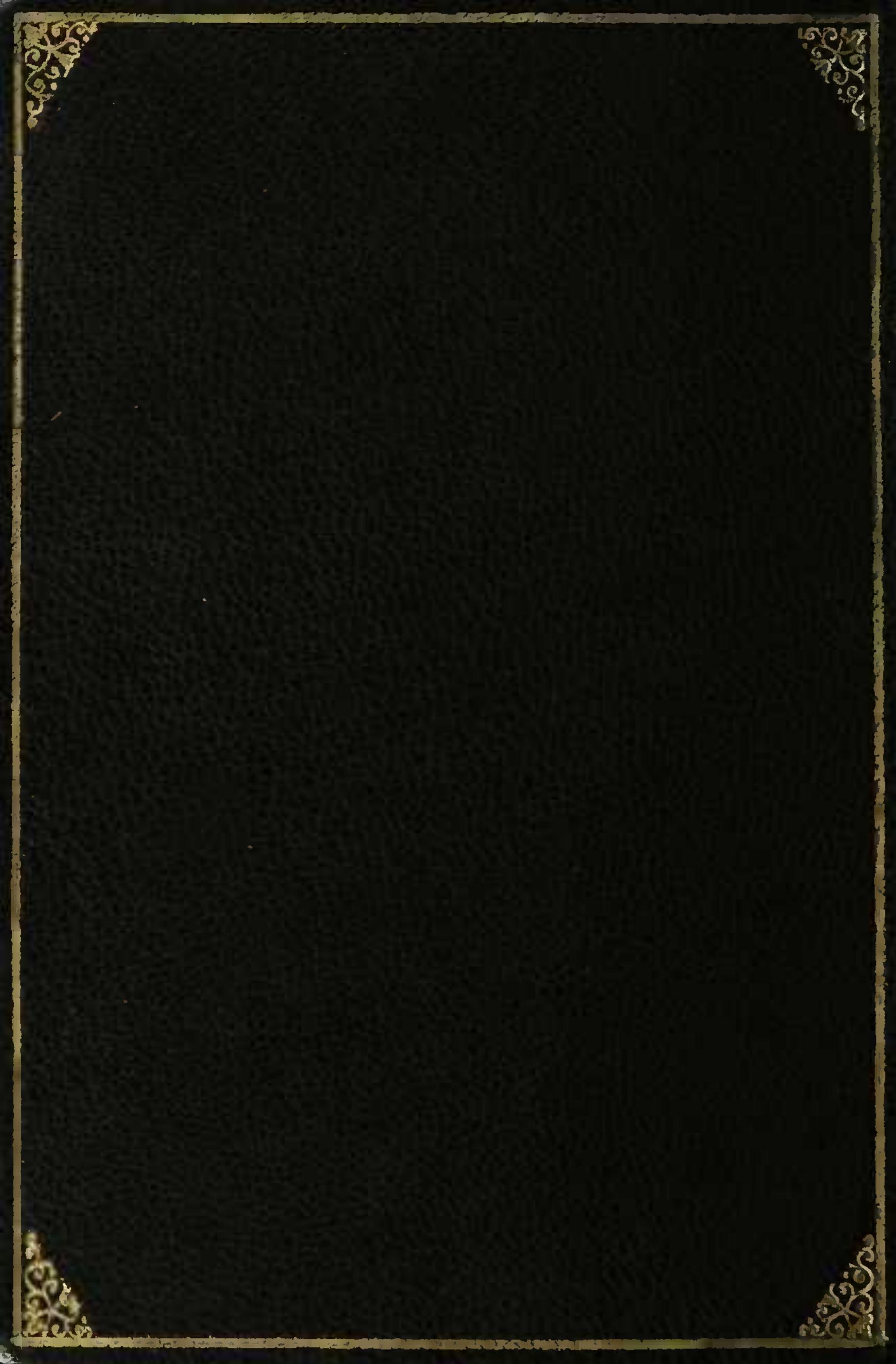
— Como se intitula ?

— A MORENINHA.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).